

RAÍZES

38

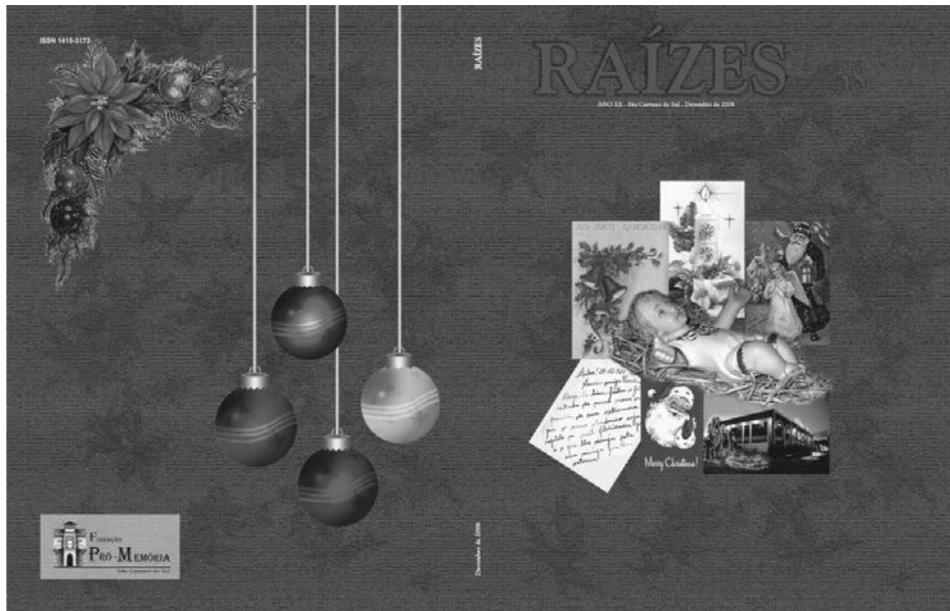
ANO XX - São Caetano do Sul - Dezembro de 2008



AO MEU QUERIDO

Dobre! 24-12-924
Saudosa amiga Vicentina
Desejo-lhe boas-festas e fel
entrada de anno novo e
paz e alegria de sua estrema
que o anno vindouro seja
repleto de mil felicidades
e p que lhe deseje saza
para amiga que lhe
estima!





A revista *Raízes* nº 38 celebra uma das épocas mais encantadoras do ano, o Natal. A ocasião que comemora o nascimento do Menino Jesus marca a chegada de uma nova era, eterna por seu simbolismo. É o tempo do perdão, do amor, da renovação. Neste fim de ano, vamos glorificar o passado, festejar o presente e semear um bom futuro.

Na realização desta capa, o espírito natalino tomou conta de nossa criação.

A capa apresenta uma montagem com cartões de Natal, ilustrando alguns símbolos desta época mágica: sinos, velas,

anjo, São Nicolau e, como não poderia faltar, o simpático Papai Noel e suas impecáveis vestes vermelhas. Em homenagem à nossa querida São Caetano do Sul, vemos uma imagem do Palácio da Cerâmica ricamente decorado para o Natal. Ao centro da composição fotográfica, o Menino Jesus espalhando votos de paz.

Para finalizar a montagem, um bilhete de 1924, parte de nosso acervo documental, desejando o que a equipe da revista *Raízes* também lhe deseja: Felicidades!

Expediente

Ano XX - Número 38

Publicação semestral - Distribuição gratuita

ISSN 1415-3173

Publicação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dezembro de 2008

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - Santa Paula
CEP 09541-520 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4223-4784

www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br e
raizes@fpm.org.br

Jornalista Responsável

D. Glenir Santarrecchi (MTb 21.269)

Redação

Edição e Revisão de textos:
Lilian Crepaldi

Pesquisa:

Cristina Toledo de Carvalho,
Isabel Cristina Ortega

Secretaria e Coordenação:

Maria Aparecida M. Fedatto

Digitalização e Restauração de imagens:

Sandra R.B.Gouveia

Assessoria:

Paula Fiorotti e Eduardo Koga

Conselho Editorial:

Cristina Toledo de Carvalho,
Clovis Antonio Esteves,
D. Glenir Santarrecchi (Presidente),
Humberto Pastore, Jocimara Sperate Figueiredo,
Lilian Crepaldi, Maria Aparecida M. Fedatto,
Mario Del Rey, Mário Porfirio Rodrigues,
Paula Fiorotti e Valdenízio Petrolli

Imagens

Fotografia:
Antônio Reginaldo Canhoni

Capa:

Antonio Augusto Coelho Neto

Projeto Gráfico e Editoração

Antonio Devanir Leite Jr. (Mtb 19.866)
Integração Ponto a Ponto

Ctp e Impressão

Colorgraphics

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Natal de nossas lembranças

Com a chegada do Natal e das festas de fim de ano, nossa memória fica mais sensível e as lembranças afloram cada vez mais. Um processo de avaliação da nossa vida e das nossas ações praticadas durante o ano se instala em nossa mente.

Assim também acontece com a equipe da revista *Raízes*, que faz um retrospecto do ano, mas também dos quatro anos desta administração que ora se finda com muito trabalho e um saldo positivo de realizações em prol da comunidade. Notamos o quanto contribuímos para registrar os fatos e acontecimentos que ajudaram a edificar essa localidade de 131 anos, criada como município há somente 60 anos, após uma árdua luta dos Líderes Autonomistas, que conseguiram a tão sonhada emancipação político-administrativa.

A edição nº 38 de *Raízes* revela lembranças escondidas em cada um de nós, afloradas para o conhecimento do nosso leitor, a quem dedicamos esta revista.

A nossa viagem nos leva aos Natais de antigamente, mostrando a comemoração em família nas ruas e as ações para inclusão social. Passa por Natais nos clubes, associações e nas indústrias, que realizavam congratamentos entre seus colaboradores. Passamos, também, pela sua magia trazendo símbolos e lendas que encantaram muitas gerações de São

Caetano do Sul. O encarte fotográfico é ilustrativo dessa época.

Fazemos um sobrevôo ao Palacete da família De Nardi, que hoje abriga o nosso Museu Histórico Municipal; contamos os 40 anos do IMES, hoje USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul; o restauro da Igreja Sagrada Família (Matriz Nova) que estará acontecendo brevemente. Revelaremos em detalhes quem foi o Major Carlos Del Prete, que dá nome a rua de nossa cidade e a sua heróica aventura, pouco conhecida dos sul-sancaetanenses.

Nas seções personagens, memória e depoimentos você conhecerá cidadãos, alguns ainda entre nós, que ajudaram a construir nossa comunidade. Em outras seções teremos a história oral, crônicas, registros e a criação da nova sessão, *Propagando o Passado*, com as propagandas de antigamente. E não poderia faltar a Memória Fotográfica, que é do gosto geral da população.

Ao encerrar, não poderia cometer injustiça. Queremos dizer que tudo isso só foi possível graças ao apoio e confiança do prefeito José Auricchio Júnior, que nos deu condições financeiras para levar adiante a missão da Fundação Pró-Memória, *preservar o passado*.

D. Glenir Santarnecchi
Presidente da Fundação Pró-Memória

DOSSIÊ / Natais de antigamente

- 05 - Os Natais na São Caetano de antigamente
Cristina Toledo de CARVALHO
- 11 - Natal solidário - ações para inclusão social em São Caetano do Sul
Lilian CREPALDI
- 17 - Natal no São Caetano Esporte Clube
Oscar GARBELOTTO
- 20 - Natal da Cerâmica São Caetano
Urames Pires dos SANTOS
- 22 - A magia do Natal – símbolos e lendas



ARTIGOS

- 28 - O Palacete da família De Nardi
Clovis Antonio ESTEVES
- 31 - IMES – 40 anos depois... USCS
Morisa Garbelotto RODEGHER
- 38 - Restauro Igreja Matriz
Paula FIOROTTI
- 43 - A heróica aventura de Carlo Del Prete
Cristina ORTEGA
- 48 - A ação social da Igreja Católica nos movimentos populares
Maria Gorete Soares FRAZÃO
- 54 - Lazer, turismo, folclore e tradições populares no Brasil
Edson LEITE



CULTURA

- 60 - Aquarelas e aguadas
Neusa Schilaro SCALÉA



PERSONAGENS

- 64 - São Caetano perdeu o seu grande líder Luiz Rodrigues Neves
Mário Porfírio RODRIGUES
- 68 - Homenagem ao professor Paulo Tonini
Glenir SANTARNECCHI
- 70 - Regendo lembranças
– a trajetória acadêmica e profissional de Cleusa Elias Corrêa
- 75 - Professor Vicente Bastos: um pioneiro na educação da cidade
Jô Sperate FIGUEIREDO

MEMÓRIA

- 78 - Seu Nico: lembranças do mais antigo jornaleiro de São Caetano do Sul e um dos pioneiros do ABCD
Priscila GORZONI
- 82 - Sidney Vicário Moreno - da primeira à atual Prefeitura

DEPOIMENTOS

- 84 - Jorge Ágata, repórter fotográfico, né?
Valdenizio PETROLLI
- 87 - Gerações da família Moretto

HISTÓRIA ORAL

- 90 - Angelina Honória Leandrini Santi
- 91 - Laura Valério Rodrigues
- 92 - José Venite e Abílio Venite Milanez
- 93 - Miguel Miron
- 94 - Primeiro encontro da família Pietro Antonio Braidó

CRÔNICAS

95

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

100

REGISTRO

109

PROPAGANDO O PASSADO

47 / 59 / 77 / 89 / 108

Os Natais na São Caetano de antigamente



No século 4, a Igreja Católica começou a celebrar o nascimento de Jesus Cristo no dia 25 de dezembro. A escolha dessa data foi fruto de uma manobra dos líderes cristãos para ofuscar as festividades pagãs ao deus Sol, cujo nascimento era comemorado pelos romanos justamente no mesmo dia. Sendo assim, para fazer frente a esse paganismo, a Igreja deslocou o nascimento de Jesus para o dia 25 de dezembro. Por meio desse sincretismo, ela poderia garantir a conversão de pagãos ao cristianismo sem prejudicar as animadas festas do dia 25 de dezembro. Estas continuariam a ser observadas, só que, em vez de se dedicarem ao deus Sol, comemorariam o nascimento de Jesus Cristo, o filho de Deus.

De forma gradativa, a celebração do Natal de Cristo no dia 25 de dezembro espalhou-se pelo Império Romano. Ao longo dos séculos, essa comemoração foi absorvendo hábitos, símbolos e costumes de várias culturas e povos, firmando-se como a festa máxima da cristandade.

Na São Caetano de antigamente, a religiosidade era a tônica do Natal. A população local, formada, na sua maioria, por humildes trabalhadores de olarias e fábricas, comemorava a data com fervor religioso, de modo que as reuniões familiares só ocorriam após a tradicional Missa do Galo. A data exigia o preparo de um prato melhor e a utilização de vestuários novos. Para que tudo saísse bem, era preciso iniciar os preparativos com antecedência.

Preparação

Simultaneamente à preparação material (elaboração de enfeites natalinos, organi-

zação da casa, aquisição de roupas novas, definição do cardápio etc) ocorria a espiritual, ocasião de reflexão, vigília, conversão e oração para a chegada do menino Jesus. Essa preparação espiritual era observada durante o Advento, período correspondente às quatro semanas que antecedem o Natal.

A simbologia que envolve tal momento de expectativa ajuda na compreensão de seu significado. A coroa, que simboliza a consagração de alguém para a função de realeza ou a premiação por alguma conquista, foi incorporada ao Advento como forma de homenagear Cristo em sua chegada.

A coroa do Advento surgiu no final do século 19, no norte da Alemanha. Feita com ramos de uma espécie de pinheiro, é composta de quatro velas e uma fita vermelha. O verde dos ramos simboliza a vida que Jesus garante a todos por meio das bênçãos de seu nascimento. A luz das velas expressa a luz de Cristo e a necessidade de seus seguidores serem luz para o mundo. O gesto de acender uma vela a cada domingo indica que a luz vai ficando mais intensa na medida em que o Natal se aproxima.

Em São Caetano, o período do Advento ensejava reuniões nas casas de moradores, que, seguindo a tradição, preparavam aquele enfeite-símbolo sempre com muita alegria. O momento era festivo, conforme apontou Joana Olga Tegen, num dos encontros promovidos pela Fundação Pró-Memória e pelo Sesc São Caetano durante o projeto *Tardes de contar histórias de Natal*, em 1994. “Nós festejávamos também o Advento. Era muito bonito! Costumávamos preparar um círculo, tipo castiçal, com quatro velas. Cada uma delas significava uma semana. Então nos reuníamos



Arquivo/Fundação Pró-Memória

Carrinho que Basílio Natale deu para seu filho, no Natal de 1952. O brinquedo foi feito pelo próprio Natale. O costume de os pais fabricarem os presentes de Natal para os filhos era muito difundido na São Caetano de antigamente

no domingo, à noite. No primeiro domingo, acendíamos a primeira vela e cantávamos. As outras continuavam apagadas. No domingo seguinte, acendíamos mais uma vela, e, assim, sucessivamente. Aquilo se transformava numa festinha”.

Além da coroa do Advento, outros enfeites natalinos eram elaborados pelos moradores locais. Ao contrário do que se observa nos dias de hoje, em que tudo é encontrado pronto, nos tempos antigos tal facilidade e praticidade não faziam parte do cotidiano da sociedade. Na época do Natal, era preciso criatividade e improvisação na hora de preparar os enfeites e acessórios típicos. A árvore natalina, por exemplo, ganhava cascas de ovos no lugar das bolinhas e luzes coloridas. Para tanto, cozinhavam-se os ovos com papel de cor, que, ao soltar a tinta, impregnava-os, deixando suas cascas com diferentes tons. Além das cascas de ovos, era comum também usar os caroços de pêssego como enfeite, de acordo com o depoimento fornecido por Rita Carlovich ao projeto *Tardes de contar histórias de Natal*: “Fazíamos bastante enfeite para a árvore. Usávamos aquele papel laminado que vinha no maço de cigarros. Enrolávamos esse papel no caroço de pêssego e colocávamos um barbante para amarrá-lo na árvore”.

As casas, além da árvore natalina, ganhavam outros ornamentos durante os preparativos para a comemoração do nascimento de Jesus. A criatividade, mais uma vez, conduzia as famílias nessa tarefa. Utilizava-se papel crepom para encapar arames que seriam acoplados às lâmpadas como enfeite, além de papel de seda para a elaboração de toalhas para as mesas e demais móveis domésticos. Nos lares, também não podia faltar o tradicional presépio. Suas figuras eram feitas de argila, na maioria das vezes. Algumas famílias, diante da impossibilidade de adquirir ou produzir esse tipo de material, utilizavam frutas e legumes como peças dos presépios. A habilidade então cuidava de dar formas e contornos humanos e de animais às peças. Esse cenário recebia ainda um toque final: gomos de algodão eram distribuídos pelo presépio para lembrar a neve.

Os preparativos continuavam ao longo das semanas que antecediam o Natal. Era preciso definir a comida que seria servida na

virada do dia 24 para o dia 25 de dezembro, e, por conseguinte, no almoço desse dia, separar o melhor vinho, que era cultivado em casa pelas próprias famílias, e também ir às compras, pois a ocasião propiciava a aquisição de uma roupa ou calçados novos. Essa preparação se estendia até a véspera de Natal.

Já no entardecer desse dia, a expectativa da população era em relação à participação na Missa do Galo, que se iniciava à meia-noite. Com essa celebração solene, tinha início a comemoração do Natal na São Caetano de antigamente.

Missa do Galo

Há muitas versões que explicam a origem do nome dessa missa solene. Uma delas relata que, no século 4, os cristãos de Jerusalém costumavam peregrinar a Belém para celebrar a missa de Natal, realizada ao primeiro canto do galo. Daí a missa da meia-noite, no Natal, ter recebido a denominação de Missa do Galo. Outra versão afirma que esse nome é dado pelo fato de tal ave ser considerada sagrada, pois é a primeira a ver os raios de sol, e, portanto, ao reverenciá-lo, estaria louvando primeiramente a Jesus Cristo, sol e luz do mundo. Sendo assim, o galo passou a simbolizar vigilância, fidelidade e testemunho cristão, e por isso sua imagem foi instalada, a partir do século 9, nas torres das igrejas.

Existe ainda uma outra tese que afirma que a origem do nome de tal missa viria de um costume verificado entre lavradores da província espanhola de Toledo. Como eles tinham o hábito de levar um galo à missa de Natal, a fim de ofertá-lo aos pobres, essa celebração ficaria conhecida como Missa do Galo, em virtude do mencionado gesto.

Independente de qual das versões seja a mais plausível ou verossímil, o certo é que o Natal era comemorado com grande religiosidade festiva na cidade. A data era valorizada em seu sentido autêntico e original. A presença maciça da comunidade na Missa do Galo confirma isso. O nascimento de Jesus Cristo era festejado, primeiramente, com fervorosa espiritualidade e, somente depois, em reuniões familiares, no âmbito privado.

É de se supor que, no decorrer do



Festa de Natal da Cerâmica São Caetano, no dia 24 de dezembro de 1949. Na ocasião, Noêmio Faria Lemos se caracterizou de Papai Noel para alegrar a criançada



Festa de Natal da Cerâmica São Caetano, no dia 23 de dezembro de 1950. Flagrante da distribuição de brinquedos

período em que a pequena São Caetano não possuía o status de paróquia, a Missa do Galo não fosse aqui realizada, pelo menos não com a frequência anual exigida pela tradição. Embora existam registros referentes à passagem de padres pela localidade (entre os quais os padres Felice, Remiglio Pessotti, Luiz Capra e Silvano Giuliani), é mais seguro afirmar que aquela missa solene passou a ser aqui celebrada anualmente só depois do surgimento da Paróquia de São Caetano, em março de 1924.

O primeiro pároco de São Caetano, padre João Baptista Pelanda, quando aqui chegou no dia 22 de dezembro de 1923, encontrou o templo do atual bairro da Fundação em estado precário, o que o levou a fechar as suas portas por alguns dias, a fim de que os problemas apresentados pudessem ser sanados. Sua atitude de interditar a igreja foi tomada na época da comemoração da Epifania (Dia de Reis), como atesta o registro lançado por ele no Livro do Tombo da igreja: “Fechei a Igreja, indo celebrar a festa da Epifania na capelinha privada de S. Antônio, da família Cavana, e nomeei uma comissão de cavalheiros influentes para o inadiável concerto (*do templo*)”.

Tudo indica que o referido problema e a instável assistência religiosa, que marcara a localidade até a chegada do padre Pelanda, tenham sido responsáveis pela escassa presença dos fiéis na igreja durante os festejos natalinos daquele ano de 1923. Esse assunto foi também abordado pelo vigário nos seguintes termos: “(...) ela (*a igreja*) que se

tinha mostrado muito vasta pela reduzida assistência na própria festa de Natal, quando da minha chegada”.

Quando os reparos foram concluídos e a presença constante de um padre tornou-se uma realidade, por força da instituição da Paróquia de São Caetano, esse quadro foi revertido e, conforme ressaltou o padre João Baptista Pelanda, em outro trecho do Livro do Tombo, “a Matriz teve uma verdadeira ressurreição, mostrando-se demasiada pequena mesmo para a ordinária frequência aos domingos” (situação que, diga-se de passagem, acabou acarretando o surgimento do templo da atual Paróquia Sagrada Família, cujas obras de construção tiveram início em março de 1932).

Se a presença dos fiéis tornou-se maciça, mesmo nas celebrações comuns, é fácil de concluir que a participação da população nas cerimônias festivas foi ainda mais entusiástica. Em abril de 1924, apenas um mês após a criação da Paróquia de São Caetano, padre Pelanda já fazia um balanço favorável do início das suas atividades, destacando o êxito alcançado pelas celebrações da Semana Santa e da Páscoa, período no qual a igreja esteve “repleta e muito comovida”, segundo ele.

Pelos motivos expostos, conclui-se que a sociedade, manifestando esse mesmo sentimento de comoção, encheu igualmente o templo para assistir à Missa do Galo de 1924. Essa tradicional celebração, aliás, continuou despertando a fé e a emoção da comunidade católica local no decorrer dos anos. Rezada

sempre de forma solene, dava início à comemoração do Natal na cidade. Manoel Claudio Novaes, em seu livro *Nostalgia*, reservou espaço para uma crônica que retrata o Natal na São Caetano de antigamente. A seguir, o trecho dela extraído em que o autor expõe suas lembranças sobre a tradicional Missa do Galo.

Noite de Natal!

Missa do Galo à meia-noite. Hinos de glória sobem aos céus. Todos na igreja sentem-se irmãos, pertencendo à família cristã, à grande família de Deus. O pequeno coral canta Noite Serena, hino de Natal do padre Alexandre Grigoli. As vozes, suavemente, enchem o pequeno e velho templo. A beleza do hino e sua mensagem transfundem-se nos corações dos fiéis que as levam, alegres, felizes, para casa, e o espírito de Natal derrama-se, qual bênção celestial, nos lares cristãos!

Em família

Após a Missa do Galo, os fiéis retornavam aos seus lares e davam prosseguimento à festa de Natal. Os pratos que tinham sido preparados começavam a ser servidos na ceia, que, embora não fosse sofisticada e luxuosa, distinguia-se das refeições corriqueiras. Desta forma, o cardápio apresentava uma certa variedade, com destaque para os assados e massas. O vinho era indispensável nessa ocasião. Frutas, crustoles, bolachas decoradas com glacê e algumas outras variedades de doces compunham a sobremesa.

Se as massas caseiras eram sempre servidas no Natal, principalmente nas ceias das famílias de origem italiana, entre os membros das demais colônias presentes na cidade também havia o costume de preparar pratos típicos para a ceia natalina. Os espanhóis do Monte Alegre, por exemplo, aproveitavam o momento festivo para preparar uma bela paella.

Todas essas variedades eram feitas em casa, desde os temperos e molhos até as massas e sobremesas. Os assados resultavam da criação de porcos e galinhas que as famílias possuíam. Às vésperas do Natal, esses animais eram sacrificados e minuciosamente preparados.

Os presentes das crianças eram simples e, muitas vezes, fabricados pelos próprios pais. Por outro lado, as famílias que possuíam melhor condição financeira presenteavam seus filhos com brinquedos comprados em lojas da capital, uma vez que, na cidade, o comércio nesse setor ainda era escasso e sem muitas opções.

Quando não era possível construir ou mesmo comprar presentes, a criatividade dos mais velhos entrava em cena. O importante era agradar às crianças, oferecendo-lhes uma pequena lembrança para não passar em branco a tradição da entrega de presentes. “Meu avô fazia montinhos de farelo para os netos. Nesses montinhos, ele escorregava um certo número de moedas. Depois, ele nos chamava para pegá-las. Era aquela folia!”, recordou Ana Rosa Zanini Zanella.

Nessa ocasião, a ansiedade tomava conta da garotada. Todas esperavam a visita do Papai Noel. Suas lendas eram bastante conhecidas pelas crianças da cidade, como destacou Joana Olga Tegen: “Na véspera do Natal, colocávamos uma meia feita de tecido do lado de fora da porta da cozinha. Papai Noel vinha com um burrico e deixava na meia uma fita para o cabelo, uma maçã...”

Após o recebimento dos presentes, as crianças iam dormir, enquanto os adultos davam prosseguimento à confraternização em família. A festa continuava no almoço de Natal, que se estendia por toda a tarde, entre cânticos e muita alegria. Já na manhã do dia 25, as crianças exibiam os brinquedos que ganharam. O espírito de fraternidade era visível não só entre membros de uma mesma família, mas também junto a amigos e vizinhos, que aproveitavam a oportunidade para trocar entre si algum prato servido durante a ceia.

Esse clima festivo atravessava a semana e invadia a virada de ano, indo se encerrar apenas no dia 6 de janeiro, Dia de Reis¹, data que finaliza o ciclo de Natal. A festa do “pão e vinho” era a reunião organizada pelas famílias locais para comemorar a visita dos três Reis Magos ao menino Jesus. Santana Leonor Fiorotti Moretti, no livro *As Outras Vozes*, da socióloga Carla Cristina Garcia, recorda essa festa: “Fazíamos uma fogueira bem grande no lugar mais alto do sítio, de onde

Nota:

¹ Em alguns países, entre os quais a Espanha, a troca de presentes é feita neste dia e não no Natal. Em Portugal, prepara-se o Bolo Rei para festejar a data. A iguaria possui forma de coroa e é feita de massa de pão, devendo ser acompanhada de dois mimos: uma fava e um presente. Segundo a tradição, quem receber a fava em sua fatia de bolo deverá comprar outro Bolo Rei. Por outro lado, o contemplado com o presente terá sorte ao longo do ano.

se pudesse ver essa fogueira de outros sítios. Era uma festa comum na região. A minha mãe sempre puxava o canto do Natal. Aquela fogueira representava a estrela que tinha guiado os Reis Magos a Belém para ver o menino Jesus. Rezava-se, cantava-se, perto da fogueira. Fazia-se até baile! E servia-se pão, salame, vinho, o que tivesse”.

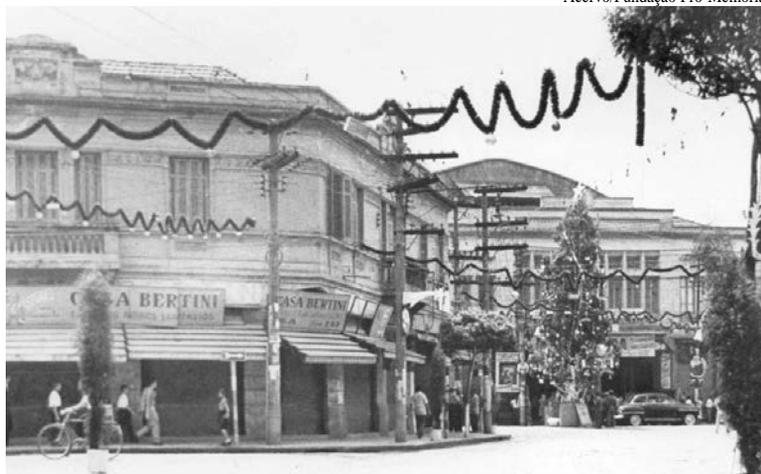
Nas ruas, fábricas e clubes

Em meados da primeira metade do século passado, a comemoração do Natal na cidade começou a extrapolar o ambiente doméstico e familiar. Na medida em que crescia e se desenvolvia, São Caetano via a celebração do nascimento de Cristo ganhar as ruas, as fábricas, os clubes recreativos e esportivos e as entidades sociais e filantrópicas, como o Rotary Club, instalado oficialmente no município no dia 19 de maio de 1951.

Por volta da década de 1930, tornou-se muito popular, nos festejos natalinos, a manifestação dos espanhóis do antigo Monte Alegre. De acordo com as lembranças de velhos moradores, eles saíam pelas ruas cantando e tocando zabumba, castanholas, violão e até pandeiro, numa espécie de cordão carnavalesco, que ia parando nas casas de amigos e conhecidos. Posteriormente, a banda Santa Cecília também passou a festejar a data nas ruas de São Caetano. Seus integrantes, vestidos solenemente, paravam durante o percurso na frente das casas para executar os tradicionais hinos de Natal. Algumas famílias, comovidas com a performance da banda, chegavam a oferecer a seus componentes bebida e comida.

No tocante à decoração das ruas, antigos moradores afirmam que a iniciativa partiu dos comerciantes. Mais tarde, o Poder Público Municipal assumiu também a tarefa.

Todavia, a preocupação dos proprietários de estabelecimentos comerciais não era só com a decoração das vias públicas, mas também com o embelezamento de suas lojas e armazéns, para atrair um número maior de clientes na época do Natal. Tanto é que até um presépio animado chegou a ser exposto, em 1946, na antiga Casa Triângulo. A iniciativa do proprietário desse estabelecimento, por ter sido pioneira e arrojada, repercutiu na imprensa



local. O *Jornal de São Caetano*, em sua edição de 22 de dezembro, assim divulgou o fato: “Encontra-se exposto na vitrine da Casa Triângulo, à Avenida Conde F. Matarazzo 62, um lindo presépio animado com que essa casa brinda as vistas dos sancaetanenses. Por ser o primeiro que é exposto nesta localidade, com todos os personagens movíveis, o fato é digno de nota”.

Além de atingir as ruas e o comércio, a comemoração do Natal tornou-se também tradicional e muito popular em fábricas locais, merecendo destaque as memoráveis festas promovidas pela Cerâmica São Caetano aos filhos de seus funcionários. Nessas festas, ocorriam encenações de autos natalinos e distribuição de brinquedos. A presença do Papai Noel era imprescindível e sua chegada sempre se dava em grande estilo.

A alegria também se verificava nas festas natalinas do General Motors Esporte Clube e do São Caetano Esporte Clube. Neste, além da participação do bom velhinho, que começa a acontecer, provavelmente, em 1934 (conforme aponta o primeiro registro a respeito do assunto feito por Ademir Medici, no livro *Uma História de Campeões*), a data era festejada com bailes, números musicais, festivais dramáticos e tômbolas. No dia 24 de dezembro de 1927, ocasião em que foi apresentada a peça teatral *Os falsos amigos*, o clube ofertou como prêmio ao vencedor da tômbola então realizada um panetone, segundo informação do citado livro. Empresas locais sempre contribuíam com essas festas por meio de doações de brinquedos e lembranças. Na festa de 1937, por exemplo, os doces

Esquina das ruas João Pessoa e Santa Catarina com enfeites natalinos, em 1957. Ao fundo, destaque para a imensa árvore de natal, em frente ao antigo Cine Max



Festa de Natal do São Caetano Esporte Clube. Ao centro, Abramo Cavassani, vestido de Papai Noel. À sua direita, José Giardullo, presidente do clube (função exercida entre 1939 e 1943); e, à sua esquerda, Lauro Garcia



Comemoração do Natal de 1951, no General Motors Esporte Clube

distribuídos às crianças foram ofertados pelas fábricas Pan e Sultana. Já na comemoração de 1943, o São Caetano Esporte Clube contou com a ajuda das Indústrias Aliberti, responsáveis pela compra dos brinquedos dados aos filhos dos sócios durante o baile realizado na noite do dia 24 de dezembro. Três anos depois, a ajuda partiu da condessa Maria Ângela Matarazzo, que ofertou mil peças de fazenda (tecidos) aos filhos dos associados. Da doação em questão, sobraram 162 peças, oferecidas, posteriormente, à Sociedade São Vicente de Paulo, por intermédio do padre Ézio Gislimberti.

Movidas por esse espírito filantrópico, senhoras da sociedade local, lideradas por Bruna Cassetari Ricci, passaram a promover,

por volta de 1945, festas de Natal para as crianças carentes da cidade. Reunidas na Legião Brasileira de Assistência (LBA), unidade de São Caetano, essas senhoras contavam sempre com a colaboração dos segmentos industrial e comercial da cidade, além da ajuda de particulares, para a organização de tais festas.

Em 1949, no mandato de Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito do município, Bruna Ricci, já desvinculada da LBA, em razão da extinção da subcomissão dessa entidade em São Caetano, recebeu convite do Poder Público Municipal para integrar os trabalhos da Campanha Pró-Natal das Crianças Pobres de São Caetano do Sul. Iniciativas dessa natureza, que, até então, partiam apenas de instituições beneficentes, passavam, assim, a contar também com o apoio da prefeitura local.

Mas esse assunto, bem como os referentes à comemoração do Natal no São Caetano Esporte Clube e na Cerâmica São Caetano, serão apresentados com mais detalhes nas páginas seguintes desse dossiê. Além disso, o leitor terá oportunidade de conhecer também a origem e o significado de alguns símbolos natalinos, enraizados no nosso imaginário desde os tempos mágicos da infância.

Bibliografia

- FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. *Herdeiros da Fundação: "trabalho" e "família" em São Caetano*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.
- GARCIA, Carla Cristina. *As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.
- GORZONI, Priscila. *Abre as Portas para os Santos Reis! A história da Folia de Reis em São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2006.
- MEDICI, Ademar. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.
- _____. *Uma História de Campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: Neograf, 2003.
- NOVAES, Manoel Claudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1991.
- Artigos em periódicos**
- GARBELOTTO, Oscar. Da velha capela de 1877 à Matriz Velha de 1927: o símbolo da religiosidade dos pioneiros. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 1, p.4-6, jul. 1989.
- PRESÉPIO animado. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, p.2, 22 dez. 1946.
- VERONESI, Henry. No tempo da gabiroba. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 1, p.10-12, jul. 1989.
- _____. Bruna Ricci, a LBA e a campanha do Hospital São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 7, p.75-78, jul. 1992.

Outros

- Livro do Tombo nº 1 da Paróquia de São Caetano/Paróquia Sagrada Família (1924 - 1965).
- Projeto *Tardes de contar histórias de Natal*, realizado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em parceria com o Sesc local, em 1994.

(*) Cristina Toledo de Carvalho, historiadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

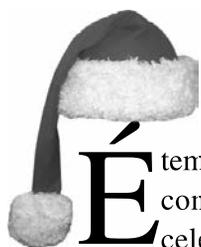
Natal solidário

Ações para inclusão social em São Caetano do Sul

Acervo/Fundação Pró-Memória



Em 1949, a comissão pró-Natal das Crianças Pobres realizou a distribuição dos kits nas dependências do Cine Max. Na foto, diversos integrantes da comissão pró-Natal



É tempo de festejar, reunir a família, comer bem, ganhar presentes, celebrar o nascimento de Cristo. Com a aproximação do Natal, muitas pessoas se perguntam: qual é o real significado desta data?

Para muitos, infelizmente, o Natal é

tão amargo quanto o resto do ano. Não há dinheiro para comprar presentes ou uma comida mais caprichada; também faltam condições para decorar a casa com motivos natalinos. Para a população mais carente, o Natal nem sempre é símbolo de festa.

Com o intuito de promover um



Em 1950, novamente a campanha foi um sucesso na cidade, atendendo a 3,5 mil crianças

Natal mais feliz para milhares de famílias sul-sancaetanenses, a Prefeitura, desde a sua autonomia, firma parcerias com associações, entidades, empresas e pessoas físicas para arrecadar recursos em prol de um Natal menos excludente. Cientes de que os problemas sociais não são resolvidos somente com ações paliativas e assistenciais, diversas campanhas de solidariedade são desenvolvidas ao longo do ano para minimizar o sofrimento da população carente, diminuir as desigualdades e promover a inclusão. Contudo, é na época do Natal que os corações são mais solidários e as necessidades tornam-se mais visíveis, e por isso a grande importância de promover campanhas que dêem visibilidade e recursos aos mais desprovidos.

Natal das Crianças Pobres

Em 1948, uma campanha de Natal mudou a história de milhares de crianças e famílias da cidade. A campanha arrecadava presentes novos e usados, além de dinheiro em espécie. Uma comissão de senhoras e senhoritas - conforme registra a edição de 12 de dezembro de 1948 do *Jornal de São Caetano* - visitava moradores e o comércio local solicitando apoio para a campanha.

Além disso, ofícios eram mandados para as indústrias para alavancar ainda mais o projeto. Essa comissão tinha o apoio da Legião Brasileira de Assistência de São Caetano, liderada por Bruna Cassetari Ricci. Para o início da campanha, a Legião de Assistência de Santo André ajudou com a quantia de 1.000 cruzeiros. Ações com finalidades semelhantes vinham ocorrendo na cidade desde 1945, mas com menor amplitude.

A indústria e o comércio local contribuíram bastante com a campanha. Os itens arrecadados eram doados às crianças necessitadas de escolas e instituições mantidas pela Sociedade de São Vicente de São Paulo: mais de 800 crianças foram atendidas. Os itens foram distribuídos nas salas de estar do Cine Max, no dia 23 de dezembro de 1948. Era o primeiro ano de uma campanha de sucesso que valorizava a solidariedade e o amor ao próximo na época do Natal. O *Jornal de São Caetano* destaca, além de Bruna Cassetari Ricci, a participação de diversas mulheres proeminentes na sociedade local.

Em 1949, a campanha se tornou oficial e recebeu o nome de *Natal das Crianças Pobres*. No Livro de Atas da Comissão responsável pela campanha, o prefeito Angelo Raphael Pellegrino elogia o trabalho realizado pelas senhoras em 1948 e cria uma comissão da municipalidade para cuidar do projeto, formada pelos seguintes nomes: Presidentes de Honra – Angelo Raphael Pellegrino, Nelly Pellegrino, Accacio Novaes e Amabile Novaes; Presidente – Bruna Cassetari Ricci; 1ª Vice-presidente – Odette Fraissat Paes; 2ª Vice-presidente – Amabile Novaes; 3ª Vice-presidente – Neria Falchero; Secretaria Geral – Olga Montanari de Mello; 1ª Secretaria – Lazara Cardieri; 2ª Secretaria – Eunice Iracema Milani; 3ª Secretaria – Carmem Barbieri; Tesoureira geral – Mafalda Lorenzini; 1ª Tesoureira – Carmem Campoi; 2ª Tesoureira – Bruna Constantino; 3ª Tesoureira – Isaura Rodrigues; Procuradora – Ophélia Barile. Diversas



Arquivo/Fundação Pró-Memória

Em 1951, a festa de distribuição foi realizada no Grupo Escolar Senador Fláquer e mais de 5 mil crianças foram contempladas. Na foto, podemos identificar diversos integrantes da comissão pró-Natal e colaboradores: prefeito Angelo Raphael Pellegrino, Olga Montanari de Mello, Vinício Nicolau Ricci, Samuel Massei, Júlio de Mello, Sofia Sampaio, Bruna Cassetari Ricci, Luiz Rodrigues Neves, José Holanda, Ophélia Barile, Norma Marcucci, Odete Paes, Carlos Paes, Armindo Ortega Martins, Mafalda Lorenzini, Olga Curvelo, Lauriston Garcia, Felício Petta, Luiza Marcucci, Ida Benatti, Raquel Baraldi, Idalina Zambotto, Maria Francisca Paes, Rui Barbosa de Melo, Ana Maria Barile

personalidades de São Caetano do Sul também participaram da comissão como conselheiros.

O grupo se reuniu diversas vezes para discutir as diretrizes do projeto e elaborar os ofícios para as empresas. Ficou deliberado que os brinquedos deveriam obedecer a um padrão para não haver descontentamento das crianças. Também decidiu-se que haveria venda de selos para serem colocados nos pára-brisas dos carros como estratégia de promoção da campanha.

No dia da distribuição no Cine Max, 21 de dezembro, a Coca-Cola serviu refrescos aos presentes. O evento ganhou importância e diversas autoridades estiveram presentes. Na ocasião, 3 mil crianças receberam kits com roupa, brinquedo, frutas e balas. A indústria e o comércio também tiveram forte atuação, sobretudo com a doação de brindes, a realização de leilões e a promoção de festas beneficentes, como as realizadas pelas escolas de corte e costura.

Com o passar dos anos, a campanha foi crescendo e ganhando mais adesão da população local. Em 1950, com a campanha já instituída pelas leis 113 e 115, ocorreu um festival de dança e música em prol da idéia. Todos os artistas presentes eram crianças com até 14 anos. A campanha já estava bem organizada, com a cidade sendo dividida em nove setores para facilitar a distribuição de cartões de casa em casa, e com a criação de sub-comissões (coleta de donativos, compras, propagandas e festejos).

No dia 23 de dezembro, a família levava o cartão que recebera em casa para trocar pelo kit. Além do vereador Accacio Novaes, que coordenou a campanha em 1950, destaque para a atuação da vereadora Olga Montanari de Mello, que se lembra com alegria da campanha: “No primeiro Natal nós tínhamos só dois tipos de presentes: prá menino bola e prá menina boneca. As bonecas eram bonitas, eram



Foto da década de 50 mostra distribuição de presentes pela primeira dama D. Aracy Torres Campanella, presidente da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de São Caetano do Sul (APAMI)

bonecas lindas, pois íamos procurar nas fábricas de bonecas. Uma boa parte era doada”.

Em 1950, 3,5 mil crianças foram atendidas e receberam a feliz visita do Papai Noel (interpretado por Gusman Golera Miras). A campanha teve verba de 50 mil cruzeiros da municipalidade, conforme consta na ata de reunião da comissão, mas novamente as empresas participaram ativamente do evento, entregando os presentes de diversas maneiras: exibição de filmes infantis (Irmãos Lorenzini), distribuição de balas (Pan) e refrescos (Antarctica). Também o Clube Comercial realizou um festival dançante cuja renda foi revertida para a campanha.

A participação de outras organizações da cidade também aumentava. Em 1951, o Rotary Club de São Caetano do Sul organizou um rifa para arrecadar dinheiro para a campanha. O primeiro prêmio era um enxoval completo para bebê, com quase 100 peças confeccionadas pelas mulheres dos rotarianos, orçado em 5 mil cruzeiros. O prêmio ficou exposto na vitrine da Drogatem, em frente ao Cine Max, e despertava a curiosidade dos pedestres, fato que contribuía ainda mais para a divulgação

da campanha beneficente. Novamente um grupo artístico se apresentou no Cine Max, desta vez oito artistas mirins da Rádio Difusora, uma das mais famosas da época, o que comprovava o prestígio da campanha Natal das Crianças Pobres.

A festa de distribuição em 1951, realizada no Grupo Escolar Senador Fláquer, contou com uma verba de 80 mil cruzeiros da Prefeitura e um cheque de 25 mil cruzeiros do Rotary, entregue ao vereador Luiz Rodrigues Neves, presidente da comissão pró-Natal. Vale destacar a importância do Rotary em todos os anos, como um dos maiores contribuidores, realizadores e divulgadores da campanha. No Natal de 1951, mais de 5 mil crianças foram atendidas e receberam roupas, doces, frutas e bombons.

Ano após ano, novos eventos ocorriam em prol da campanha, como corais de músicas natalinas, e diversas instituições participavam do evento: Instituto Nossa Senhora da Glória, Legião Brasileira de Assistência de São Caetano, Posto de Puericultura, entre tantas outras. O kit entregue às famílias também só aumentava: macarrão, marmelada, massa de tomate, cebola, alho, queijo, batata e pães estavam entre os itens essenciais, mas outros produtos eram integrados de acordo com as doações, sobretudo doces.

Consolidação e autonomia da campanha

Em 1953, a prefeitura destinou 160 mil cruzeiros à campanha, que ganhava autonomia definitiva em relação à iniciativa privada, não mais precisando das contribuições da indústria e do comércio, apesar de as empresas locais continuarem auxiliando. A liderança do projeto ficava a cargo da Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância (APAMI), sob supervisão da primeira-dama, Aracy Torres Campanella. Nesse ano, para diminuir as filas e facilitar a entrega dos alimentos, enxovais e brinquedos, a distribuição foi feita nas casas das crianças



Crianças recebem presentes na festa de Natal do Fundo Social de Solidariedade de 1994



Festa de Natal do Fundo Social de Solidariedade de 1994, realizada no Estádio Lauro Gomes

de todos os grupos escolares da cidade. As 6 mil crianças contempladas também assistiram a sessões zig-zag nos cinemas locais.

Em 1957, 1.000 famílias foram contempladas pelo projeto, por meio das seguintes entidades ou associações: Associação de Proteção ao Tuberculoso Pobre, filhos dos integrantes da Guarda Municipal e da Força Pública do Estado em São Caetano, Externato Santo Antonio, Instituto Nossa Senhora da Glória, Assistência Vicentina das Igrejas Sagrada Família, Coração de Jesus de Vila São José, Candelária e Matriz Velha.

A partir de 1959, as ações em prol das crianças no Natal tornaram-se um novo projeto de lei, que dizia, no Artigo 1º: “Fica aberto na Diretoria da Fazenda, um crédito especial da importância de 150 mil cruzeiros destinado à Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância de São Caetano do Sul, para a organização do Natal da Família Pobre, anualmente promovido pela citada associação”.

A campanha pró-Natal ficou a cargo da APAMI até o início da década de 1990. Desde então, as campanhas da municipalidade são realizadas pelo Fundo Social de Solidariedade, com a colaboração da Diretoria de Assistência Social e Cidadania (Dascid).

Em paralelo às campanhas oficiais

da cidade, existem inúmeras campanhas e eventos desenvolvidos por diversas entidades e associações locais, como pastorais da Igreja Católica, igrejas protestantes, centros espíritas, associações de bairro, sindicatos, Lions Club, Rotary Club, ações empresariais, além de centenas de iniciativas individuais de fundo solidário.

Fundo Social de Solidariedade

Desde 1997, o Fundo Social de Solidariedade promove eventos para entrega de brinquedos e kits de Natal, em consonância com outras ações sociais realizadas durante todo o ano.

Em 2006, cerca de 3 mil crianças na faixa etária entre zero e 10 anos – filhos das famílias cadastradas pela Dascid – receberam de voluntários presentes arrecadados durante todo o ano pelo Fundo, como bonecas, carrinhos, bolas, caminhões e até cãezinhos que latem de verdade. No Teatro Paulo Machado de Carvalho, as crianças e seus pais receberam também sacolinhas com doces e salgados, participaram de sorteio de cestas de Natal e assistiram a uma apresentação teatral do Núcleo de Práticas Teatrais da Fundação das Artes. Entre 2005 e 2007, aproximadamente 11 mil crianças foram contempladas nas festas de Natal do Fundo. O objetivo é promover a inclusão social de famílias desprovidas de recursos.



Em 2007, o Bazar de Natal do Fundo Social de Solidariedade vendeu duas mil peças confeccionadas por alunos dos cursos de capacitação profissional

Essa tarefa é complementada com o oferecimento de diversos cursos profissionalizantes ao longo do ano, que propiciam alternativas para o incremento da renda das famílias. Os cursos são itinerantes ou realizados na sede do Fundo, na rua Antonio Bento, 140.

Existem, inclusive, cursos específicos para datas comemorativas, como os cursos de panetone e de preparo de ceia de Natal, oferecidos gratuitamente à população. Em 2007, o Fundo promoveu em diversos bairros da cidade o curso gratuito de preparo de ceia de Natal para dez pessoas, incluindo pratos como chester recheado, arroz crocante colorido, farofa especial, salada fria de macarrão e rocambole de frutas como sobremesa. O curso é planejado de acordo com os itens que compõem a cesta básica entregue pela Dascid para mais de 7 mil pessoas. Quase 200 participantes aprenderam a preparar uma ceia farta, nutritiva e econômica, além

de terem a oportunidade de ganhar um dinheiro extra com a venda dos pratos que aprenderam a fazer.

No curso de panetone, além da fabricação básica do produto, os alunos recebem orientação para ampliar a renda familiar, aprendendo receitas variadas e técnicas de embalagem, o que valoriza o produto.

Mas a atuação do Fundo na época do Natal vai além da distribuição de brinquedos e realização de cursos. Desde 2005, o Bazar de Natal é um dos eventos mais aguardados da cidade. Além de ser uma ótima oportunidade para comprar presentes com bons preços, os artigos do bazar são confeccionados por voluntários e alunos dos cursos promovidos pelo núcleo de capacitação do Fundo Social, sendo mais um estímulo para o aprimoramento e reconhecimento profissional dos alunos. A renda arrecadada no bazar é revertida para as ações sociais do Fundo, inclusive permitindo a ampliação de vagas nos cursos e a criação de novas atividades profissionalizantes. O bazar possui itens de decoração, roupas e uma grande variedade de artigos natalinos, como árvores de Natal, presépios, guirlandas, enfeites, caixas de madeira pintadas para presente, anjinhos, bonecas, panetoneiras e arranjos de mesa.

Em 2007, os produtos do primeiro dia do Bazar de Natal se esgotaram em apenas 40 minutos, o que comprova a grande popularidade do evento. Após três dias de bazar, as duas mil peças confeccionadas foram vendidas, garantindo uma boa renda para investimentos do Fundo em prol da inclusão social.

Mais do que ganhar presentes, reunir a família e celebrar o nascimento de Cristo, o Natal deve ser um momento de felicidade. Mas felicidade para todos, sem qualquer distinção. Essa é a meta da municipalidade e deve ser um objetivo diário para todos nós.

(*) *Lilian Crepaldi, jornalista, historiadora e assessora de difusão cultural da Fundação Pró-Memória*

Natal no *São Caetano* *Esporte Clube*



*Abramo Cavassani,
o Papai Noel do
São Caetano
Esporte Clube, em
foto de 1948*



Era 21 de dezembro de 1938. O presidente do São Caetano Esporte Clube, José Musumeci, reúne sua diretoria e, entre outros assuntos, delibera: “Festa de Natal. Esta diretoria, seguindo os costumes anteriores, deliberou para a festa de Natal, fazer a distribuição de brinquedos com a presença de Papai Noel, tendo sido encarregado da compra dos brinquedos o sr. Presidente que foi feito no valor de 320\$000 (trezentos e vinte mil réis)” [sic].

Pela primeira vez nas atas de reuniões das diretorias do clube, desde 1922 (ano do primeiro livro guardado), surge uma notícia ampla sobre o Natal no São Caetano E.C. Não que o Natal não fosse comemorado pelo clube, ao contrário, suas festas eram sempre festejadas como uma das principais de sua agenda, como veremos.

Mas a notícia de 1938 nos traz novos elementos para supor que este Natal se diferenciou dos anteriores, pois a partir deste, e por vários anos seguintes, a comemoração foi diferente, sobretudo mais alegre para as crianças. Tenho razões - até onde minha memória alcança, e também a de outras pessoas ouvidas a respeito - que neste ano passamos a receber o que toda criança realmente quer: brinquedos. *Passamos* porque eu também estava lá, junto com

Lucila Cavassani Napoli, filha de Abramo Cavassani (o Papai Noel), e ainda Francisco Fiorotti, hoje com 95 anos. Todos partilhamos dos belos momentos que serão relatados. Fiorotti não estava na fila dos brinquedos, obviamente, mas era diretor do clube e lembra, muito bem, daquelas comemorações.

Abramo Cavassani, consagrado ator do teatro do clube, sabia como ninguém caracterizar personagens distintas. Ele foi escolhido para ser o Papai Noel. O roteiro era sempre muito bem cuidado: deveria atender às expectativas da garotada, causar impacto na entrada, dar a necessária credibilidade ao surgimento da personagem principal e agradar com os brinquedos, sem causar ciúmes entre as crianças. Creio que este último item foi superado facilmente, porque todos os anos os meninos ganhavam bolas e as meninas recebiam bonecas.

No decorrer dos anos, a entrada do Papai Noel foi tomando dimensões realmente teatrais. Afinal, ele era um homem importante do teatro. O surgimento do Papai Noel, descendo do alto do palco, envolto em



Abramo Cavassani com as sobrinhas Marcis e Maris Cavassani Gonçalves e com a afilhada Mariazinha Tondatto, durante a comemoração do Natal de 1949

nuvens, era prática comum, conta Fiorotti: “Nós segurávamos o Abramo em cordas lá no alto do cenário e íamos descendo vagorosamente enquanto outra equipe se incumbia de produzir as nuvens. O efeito era muito bonito. E lá ia o Abramo pousar no meio do palco com um saco vermelho nas costas. A garotada gritava sem parar”.

Lucila Cavassani Napoli lembra que, em outras vezes seu pai entrou de motocicleta clube adentro. Colocavam uma rampa na porta de entrada e lá vinha ele, sempre com o saco vermelho, subindo e dirigindo até perto do palco. Outras vezes subia da abertura que tinha no assoalho do palco, destinada ao famoso ponto das peças teatrais. A entrada pela porta principal em pequena carroça enfeitada, percorrendo

lentamente o salão até a frente do palco, encerra a lista de lembranças das triunfais entradas do Papai Noel.

Não se pode esquecer, na descrição da cena, a eterna música que sempre acompanhava o surgimento do Papai Noel, tocada pela orquestra do baile. Sua letra soa aos ouvidos até hoje: “Anoiteceu, o sino gemeu, a gente ficou feliz a rezar...”

O Natal para as pessoas que freqüentavam o São Caetano E.C., basicamente descendentes de italianos, e até mesmo imigrantes de 1877, era um tempo de união e confraternização, sendo o clube, fundado em 1914, o local ideal para essa reunião familiar. É importante salientar que apenas em 1924 a igreja existente na cidade transformou-se em paróquia, passando a ter um padre todos os domingos. Não havia ainda oportunidade para assistir à Missa do Galo, tradicionalmente à meia-noite. Quando surgiu essa oportunidade, o clube já havia consolidado sua festa natalina, justamente na noite de Natal. Fiorotti declara que “nunca foi a uma missa do galo”, apesar de morar a poucos metros da igreja.

Contudo, era grande a religiosidade daquelas pessoas, conforme demonstra o grande respeito ao período da Quaresma e a participação em diversos atos, como a Festa do Padroeiro, a Festa de Santo Antonio e a Semana Santa, sempre com grandes procissões e quermesses, que nos remetem ao distante ano de 1883. Desta forma, as ações religiosas não eram descuidadas, embora o Natal, para a grande maioria, fosse no salão do clube. Costumes da época...

A data era tão importante para o clube que, já em 12 de dezembro de 1922, a diretoria anunciava: “(...) promover uma festa dançante-dramática para o dia 25 de dezembro e um festival esportivo para o dia 24 de dezembro e na qual haverá três jogos e também será disputada duas taças e um bronze” [sic].

A data era tão importante e reunia “toda a Barra Funda”, no dizer de Francisco Fiorotti. Em 1925, além do festival dramático-dançante, ocorreram também as



Ilustração de
Marcelo Garbelotto
Rodegher

eleições do clube. Já em 24 de dezembro de 1927, houve a solenidade de entrega dos prêmios e da Taça Cinquentenário aos que participaram do Festival Comemorativo dos 50 anos da fundação de São Caetano, em 28 de julho.

Fiorotti e Lucila, auxiliados por Ettore Dal'Mas, lembram que não apenas as festas natalinas reuniam quase todas as famílias tradicionais de São Caetano, mas também os festivais dramático-dançantes, ou seja, as peças teatrais seguidas por bailes.

O Natal no São Caetano E.C. foi uma tradição que se iniciou por força da necessidade social de união, razão de existência dos próprios clubes. O clube nada mais é do que uma associação que surge como necessidade básica de sociabilidade. Os antigos da Barra Funda (como era conhecido o bairro da Ponte, atual Fundação) tinham, particularmente no dia de Natal, razões de sobra para querer unir suas famílias em torno de um momento importante do calendário cristão. A partir de 1914, o clube foi o local perfeito para tal finalidade.

O que se nota nas atas do clube é que sempre houve uma evolução nas comemorações. Se no início apenas o baile e

o teatro mereceram as atenções dos organizadores, as crianças passaram a despertar algo a mais nos diretores, isto porque o clube abrigava nessas ocasiões toda a família, inclusive crianças de colo que dormiam nas cadeiras laterais do salão enquanto seus pais dançavam.

No Natal de 1937, acontece a distribuição de doces e chocolates patrocinados pelas empresas Pan e Sultana. Há razões para acreditar que a diretoria de José Musumeci inovou a partir de dezembro de 1938, introduzindo a distribuição de brinquedos que se seguiram por vários anos. A festa passou a ser tão valorizada que 380\$000 (trezentos e oitenta mil réis) foram destinados à compra dos brinquedos, enquanto 320\$000 (trezentos e vinte mil réis) foram pagos ao Jazz Band que tocou no dia 31 de dezembro de 1938, sendo a passagem do ano outra comemoração de destaque do clube.

(*) Oscar Garbelotto, professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul e ex-presidente da Fundação Pró-Memória

O autor agradece a colaboração de Lucila Cavassani Napoli, Francisco A.Fiorotti e Ettore Dal'Mas, participantes da história do São Caetano E.C.

Cúpula diretiva da empresa durante a comemoração do Natal, no dia 27 de dezembro de 1947.

Destaque para Victor Geraldo Simonsen (em pé, à esquerda), Sidney Simonsen Neto (à esquerda de Victor Simonsen), Vicente Moreno Palácios (após Sidney Simonsen) e Urames Pires dos Santos (o penúltimo, em pé, da esquerda para a direita). Entre os funcionários que aparecem sentados, foram identificados: José Júlio Rodrigues Alves, Lavínia Cardoso de Mello Vasconcellos (de vestido estampado) e Helena C. de Andrade (a última)



Natal da Cerâmica São Caetano



Nas décadas de 1940 e 1950, dentre os festejos que as diversas empresas realizavam em comemoração ao Natal, os da Cerâmica São Caetano se tornaram famosos, quer pelo grande número de participantes, quer pelo espírito de solidariedade que predominava entre patrões e empregados. Desde o início, as celebrações estavam fundamentadas na política eminentemente social de Roberto Simonsen, bem como no conceito rotário de Armando de Arruda Pereira.

Em todas as suas comemorações, a presença da cúpula diretiva da empresa

contribuía, por certo, para o conagraamento harmonioso de todos os participantes, numa manifestação de pleno regozijo pela passagem de uma data tão importante para a comunidade cristã.

Assim, no sábado mais próximo que antecedia o 25 de dezembro, reuniam-se na fábrica pais, mães e filhos dos empregados daquela empresa para viverem momentos de júbilo e alegria. A presença de seus patrões era ansiosamente esperada e festejada. Num ambiente ricamente decorado e com uma belíssima árvore de Natal, eram distribuídos brinquedos, balas e doces aos menores de



Distribuição de brinquedos, na festa de Natal de 1952, realizada no dia 20 de dezembro

14 anos. Como a festa era dirigida especialmente às crianças, não faltava a figura de um Papai Noel, gordo e bonachão, que era a atração principal daqueles natais.

Para um evento que envolvia a participação de mais de 1000 pessoas, era preciso organização e logística à altura. O trabalho começava já no início do segundo semestre de cada ano. Lavínia Cardoso de Mello Vasconcellos, responsável pelo serviço social, montava uma comissão de funcionários a quem caberia o planejamento e a preparação de todos os detalhes da comemoração para o fim do ano, considerada a festa mais significativa. Fazia-se um levantamento de todos os filhos dos empregados, separando-os por faixa etária (abaixo de 4, de 7 a 11 e de 12 a 14 anos de idade) e por sexo, para que erros não fossem cometidos na distribuição. Para a escolha dos presentes eram examinados catálogos e preços dos principais fornecedores: brinquedos Estrela, chocolates Pan e balas Dizziolli. Um cuidado especial era tomado quanto ao valor de cada brinquedo: não se permitia fazer distinção entre os filhos dos empregados mais humildes e os dos mais graduados. O espírito de justiça predominava. Victor Geraldo Simonsen, a esposa dona Dulce e os filhos nunca

faltavam a essas magníficas comemorações da data máxima da cristandade e faziam questão de acompanhar pessoalmente toda a distribuição. As primeiras festas foram realizadas no interior da fábrica, no barracão onde se fazia a escolha dos ladrilhos. Mais tarde, passaram a ser feitas no recinto do Centro Social Roberto Simonsen, local mais adequado para a finalidade. A entrega era outro problema equacionado. Cancelas separavam as crianças pela faixa etária e sexo. Cada criança recebia uma sacola de juta contendo o respectivo presente. Era emocionante ver o rosto daquelas crianças ao recebê-las, principalmente quando abriam as sacolas...

De 1946 a 1951, participei apenas como um dos membros organizadores do evento. Depois daquele ano, meus filhos também passaram a usufruir a alegria que dominava a criançada. Sem dúvida, uma festa que deixou saudades...

(*) *Urames Pires dos Santos, engenheiro da Cerâmica São Caetano de 1946 a 1971*

A Magia do Natal



Ao longo dos anos, a comemoração do Natal absorveu costumes e hábitos de diferentes povos. Além disso, símbolos e lendas surgiram em torno da data, concedendo-lhe uma magia que povoa o imaginário de crianças e adultos. Toda essa simbologia – por apresentar um significado original de exaltação de valores e sentimentos, como o amor, a alegria, a solidariedade, a fraternidade e a amizade – acabou reforçando o espírito da celebração natalina.

Apresentamos a seguir informações e curiosidades sobre a origem dos principais símbolos e lendas da data, proporcionando ao leitor uma viagem aos tempos de infância, testemunha e palco da magia do Natal.

Papai Noel

Crédito/<http://www.stnicholascenter.org/.../donkey-wmaster>



À esquerda, São Nicolau (inspirador do Papai Noel) carregando presentes durante uma visita de Natal. Nessas visitas, aparecia sempre na companhia de ajudantes, que variavam de uma cultura para outra. Ao lado, Papai Noel desenhado por Thomas Nast no século 19



Crédito/http://www.sobrenatural.org/.../a_lenda_do_papai_noel/

A expressão Papai Noel vem do francês *Père Noel*, que significa Papai Natal. A origem desse personagem natalino está relacionada a São Nicolau, bispo de Myra (atual Turquia), em meados do século 4. Esse religioso costumava ajudar, com moedas de ouro e outros presentes, as pessoas em dificuldade financeira. Depois de morto, foi declarado

santo, pois a ele foram atribuídos alguns milagres.

Posteriormente, foi incluído na celebração natalina, transformando-se num dos símbolos mais populares da data. A imagem do personagem conduzindo um trenó puxado por renas voadoras apareceu em 1822, no poema *Uma visita de São Nicolau*, de Clement Clark Moore, um professor de literatura grega, em Nova York. Mas a pessoa responsável pela criação da figura contemporânea de Papai Noel, com as características que conhecemos, foi o cartunista Thomas Nast. Na segunda metade do século 19, ele a desenhou na *Harper's*

Weekly, uma das principais publicações norte-americanas da época. Nast teria criado também a lenda de que Papai Noel mora no Pólo Norte, para que ele não pertencesse a nenhum país.

Segundo Luís da Câmara Cascudo, estudioso do folclore brasileiro, o personagem chegou ao Brasil na década de 1920. Todavia, no início, sua imagem era ainda a de São Nicolau, pois aparecia com vestimenta de bispo. Após a Segunda Guerra Mundial, com a disseminação dos importados norte-americanos, a versão atual de Papai Noel instalou-se, em definitivo, no país.

Coroa do Advento

O Advento é o período das quatro semanas antes do Natal. Para celebrar e anunciar esse período de expectativa em relação à comemoração do nascimento de Jesus, os cristãos costumam enfeitar seus

lares com a coroa do Advento: uma guirlanda verde (sinal de esperança e vida) enfeitada com uma fita vermelha. Nesse adorno, há também quatro velas, que devem ser acesas a cada domingo do Advento

Presépio

A palavra presépio origina-se do hebraico e significa manjedoura, estábulo. Representa as cenas do nascimento de Jesus.

Inicialmente, o costume de montar presépios era restrito ao clero. Acredita-se que o primeiro deles apareceu, no século 8, na Igreja Santa Maria Maggiore, em Roma. Contudo, foi com São Francisco de Assis e com São Caetano que a tradição popularizou-se. Em 1223, São Francisco montou o primeiro presépio vivo de que se tem notícia, com as figuras de Jesus, Maria e José. O primeiro presépio completo - com a inclusão dos três reis magos, camelos, carneiros, vaca, jumento e os anjos - foi criação de São Caetano. Desde então, a montagem de presépios tornou-se bastante comum não só em igrejas, mas também nas casas e praças públicas.

Crédito <http://www.clientes.netvisao.pt/.../imagens/preseprio>



Com São Francisco de Assis e São Caetano, a tradição de montar presépios popularizou-se

Árvore de Natal

Crédito/Divulgação



Árvore de Natal, um dos principais símbolos da data. A árvore do Rockefeller Center, em Nova York, é uma das mais famosas do mundo

A árvore de Natal reúne dois símbolos religiosos: a luz e a vida. Sua origem remonta à Idade Média, quando peças e autos cristãos eram representados nas igrejas, com grande sucesso popular. Em tais representações, fazia-se sempre alusão ao Paraíso, simbolizado por uma árvore repleta de frutos. Desta forma, essa árvore do Paraíso tornou-se um dos símbolos das festas de Natal celebradas no período medieval.

No início, a árvore natalina era

adornada com maçãs e velas. No decorrer dos anos, o pinheiro, que resiste aos invernos mais rigorosos e representa a figura viva de Cristo, passou a receber bolas vermelhas (simbolizando os frutos daquela árvore) e luzes, em substituição às maçãs e às velas.

Em 1912, uma grande árvore iluminada foi colocada numa das praças centrais da cidade de Boston, nos Estados Unidos. A partir de então, a tradição de montar árvores de Natal em locais públicos espalhou-se pelo mundo inteiro.

Ceia

A ceia de Natal simboliza e relembra a Santa Ceia, quando Jesus, um dia antes de sua morte, reuniu os apóstolos para a última refeição. Representa também um momento de reunião em família para festejar o nascimento de Cristo.

Embora com o mesmo sentido de união, a ceia de Natal apresenta peculiaridades, de acordo com os costumes e hábitos de cada região do mundo. Enquanto no Brasil os assados ganham destaque na ceia da véspera de Natal, em Portugal o prato principal é o bacalhau. Os doces mais tradicionais do Natal português são a rabanada e o bolo-rei, um pão de frutas que contém um presente dentro. Já na Itália, massas e peixes compõem o cardápio.

Na Espanha, o menu também é bastante variado, com mariscos ou aves. Nas sobremesas, torrões, tortas e doces com amêndoas e mel fazem parte das ceias. Na França, é comum comer *foie gras*, *boudin blanc* (um tipo de salsichão branco), carnes de caça e peru assado. Como sobremesa, é costume servir *la bûche de Noël*, um rocambole em forma de tronco recoberto de chocolate e com recheio de creme ou trufa. Nos Estados Unidos, o *gingerbread* (biscoitinho em formato de boneco feito com uma massa à base de gengibre) é uma tradição nas casas, até para adornar as árvores.

Em diversos países, inclusive Polônia e Itália, evita-se comer carne vermelha na véspera de Natal.

Presentes

Na Roma antiga, era costume trocar presentes e felicitações de afeto, amizade e boas relações no primeiro dia do ano. Tais presentes eram chamados de *strenae*, palavra relacionada à deusa da sorte, Strenia. Portanto, o ato de presentear era um prenúncio de boa sorte no ano novo. Com a cristianização do mundo romano, esse costume passou a ter lugar no dia de Natal.

Os presentes simbolizam os dons ofertados pelo menino Jesus ao mundo, além de representarem também o gesto dos três Reis Magos, que, em sinal de adoração, ofertaram-lhe ouro, incenso e mirra.

Na Itália, a entrega dos presentes é feita no dia 6 de janeiro, Dia de Reis, em

homenagem à visita dos Reis Magos ao menino Jesus. Neste país, existe a lenda de que os Reis Magos, durante o trajeto a Belém, pediram comida e abrigo a uma velha senhora (La Befana), que negou ajuda. Quando a senhora se arrepende do que fez, procura os Reis Magos, mas eles já estavam longe. Segundo a lenda, La Befana ainda vaga pelo mundo procurando o menino Jesus. Na época do Natal, as crianças aguardam a visita da Befana, que presenteia as crianças boas e castiga as más.

Em alguns locais os presentes são trocados em 6 de dezembro, dia de São Nicolau.

Meias

A tradição de pendurar meias na lareira originou-se de uma das várias lendas que envolvem São Nicolau, o santo que inspirou a figura de Papai Noel. Diz a lenda

que o mencionado santo teve conhecimento de que três moças muito pobres não podiam se casar, porque não tinham dinheiro.

Comovido com essa situação, São

Nicolau teria atirado, durante a noite para não ser visto, moedas de ouro pela chaminé da casa das moças. Tais moedas caíram dentro das meias que tinham sido colocadas junto à lareira para secar. Por esse motivo, surgiu a tradição de se colocar uma meia na

chaminé das casas para que, na manhã do dia de Natal, nela fossem encontrados presentes.

Embora seja de origem europeia, a tradição em questão espalhou-se por diferentes regiões do planeta, entre as quais o Brasil.

Sapatos

O costume de se colocar os sapatinhos das crianças na lareira, na véspera de Natal, teria surgido em razão de um possível milagre dos santos Crispim e Crispiniano.

Irmãos de origem romana, Crispim e Crispiniano converteram-se ao cristianismo na adolescência. Ambos ganhavam a vida como sapateiros. Quando a perseguição aos cristãos tornou-se mais incisiva, os dois foram para a Gália, atual França.

As tradições seculares contam que,

durante a fuga, na noite de Natal, Crispim e Crispiniano foram acolhidos por uma pobre viúva que vivia com o filho. Contentes, pediram a Deus que recompensasse a generosidade dessa humilde senhora.

Enquanto a viúva e o filho dormiam, os irmãos fizeram um novo par de tamancos para este último. Quando acordaram, repararam que os hóspedes tinham desaparecido e que, na lareira, estavam os tamancos novos transbordando de moedas de ouro.

Canções

As primeiras canções de Natal surgiram por volta do século 5, com o objetivo de evangelizar as pessoas que não sabiam ler. Caracterizadas pela simplicidade de suas letras, abordavam o mistério da encarnação, os sentimentos da Virgem Maria e dos pastores frente ao nascimento de Cristo.

Entre as canções natalinas mais populares, encontra-se *Noite feliz*, composta em 1818. Conta-se que, poucos dias antes do Natal, os ratos estragaram o órgão da pequenina igreja da aldeia austríaca de Arnsdorf. Muito preocupado e com medo de passar a noite de Natal sem música, o padre Joseph Mohr resolveu procurar, nos arredores, um outro órgão.

Na noite em que fazia sua busca, o religioso, impressionado com as estrelas e a limpidez do céu, fez um poema em homenagem ao nascimento do menino Jesus, que ele imaginou ter ocorrido numa noite parecida com aquela. Dias depois, padre Mohr foi visitar o compositor Franz Gruber, que o presenteou com uma partitura. Juntando a ela os versos que havia feito, o padre Joseph Mohr criou *Noite feliz*.

Nos Estados Unidos, sobretudo na véspera de Natal, é comum que amigos e vizinhos se reúnam para cantar as canções de Natal. Também a decoração natalina tem grande destaque neste país, inclusive as famosas vitrines decoradas dos shoppings e lojas de departamentos.



*Cartão de Natal
desenhado por John
Calcott Horsley a
pedido de Henry
Cole, em 1843*

Cartões

A tradição de enviar cartões com mensagens natalinas iniciou-se em 1843 com o inglês Henry Cole, um escritor e editor de livros e jornais que viria a ser, anos mais tarde, diretor do famoso South Kensington Museum (atual Victoria and Albert Museum), de Londres. Aflito com imensos negócios e compromissos, não conseguia tempo para escrever as costumeiras cartas de boas festas. Diante da situação, teve, então, a idéia de encomendar ao desenhista John Calcott Horsley a confecção de uma imagem que representasse uma cena natalina. Esse desenho, uma vez concluído, seria impresso e, posteriormente, colorido à mão.

Da quantidade de cartões que mandara imprimir, Cole enviou uma parte aos parentes e amigos e o restante colocou à venda. Esses postais traziam a seguinte mensagem: “Feliz Natal e um próspero Ano Novo para você”. Já a imagem era a de uma família brindando numa festa de Natal.

No começo, a forma de desejar boas festas por meio de cartões não conseguiu popularidade. Isso só se modificou quando foi criada uma taxa diferenciada para sua postagem, fazendo com que o custo de seu envio caísse para a metade do valor de uma carta comum. Além disso, para facilitar ainda mais, surgiu um novo método de

impressão em cores, o que evitou a pintura manual dos cartões natalinos. A partir daí, a iniciativa lançada por Henry Cole conquistou a simpatia geral, e a troca de cartões tornou-se um dos principais hábitos observados nas festas de fim de ano.

Nos dias de hoje, tal prática encontra-se, predominantemente, vinculada à internet. Os cartões virtuais de boas festas são coloridos, tecnologicamente sofisticados e repletos de truques, mas seu sentido continua sendo o mesmo há 165 anos: a transmissão de mensagens de alegria e esperança pelo nascimento de Jesus Cristo.

Texto dos setores de pesquisa histórica e difusão cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fontes

A verdadeira história do Papai Noel. Disponível em: <http://www.pedrodoria.com.br>.

História dos Cartões de Natal. Disponível em: <http://www.universocatolico.com.br>.

Símbolos natalinos. Disponível em:

http://www.franciscanos.org.br/noticias/noticias_especiais/natal2006.

Tradições e costumes natalinos. Disponível em: <http://www.arquidiocesedebrasil.org.br/artigos>.

RAMBALDO, Antonio. Vita di Gaetano di Tiene. Veneza: [s.n.], 1726.

Artigos
Clovis Antonio ESTEVES (*)

O Palacete

da família De Nardi

Crédito: Fundação Pró-Memória



Museu Histórico Municipal em foto atual



Palacete De Nardi, em 1982

Situado na rua Maximiliano Lorenzini, 122, no bairro da Fundação, o Palacete foi construído por Celeste De Nardi em 1896 e, desde 29 de dezembro de 1988, abriga o Museu Histórico Municipal.

A família De Nardi chegou a São Caetano do Sul em 28 de julho de 1877, na primeira leva de imigrantes italianos vindos da província de Treviso, Itália. Tinha como patriarca Giovanni De Nardi, que recebeu o lote 24 do Núcleo Colonial, instituído pelo Governo Imperial com o objetivo de iniciar a colonização da Fazenda São Caetano, que até então pertencia aos monges beneditinos, substituindo o trabalho escravo por trabalho livre para obter maior desenvolvimento da região.

Celeste De Nardi, um dos filhos de Giovanni, recebeu o lote 23 do mesmo Núcleo. Em 1880, casou-se com Lorenzina Gava, sendo este casamento o primeiro a ser registrado em São Caetano. Celeste e Lorenzina foram morar na casa de Giovanni De Nardi, que possuía uma olaria de fabricação de tijolos.

Celeste De Nardi havia aprendido o ofício de pedreiro já na distante Itália, e foi ele que desenvolveu o trabalho de reforma da antiga capela dos beneditinos, logo no início do Núcleo Colonial. Mais tarde,

começou a construir a sua casa, no lote vizinho ao de seu pai; em 1896, quando terminou a obra, foi residir neste local. Esta casa com grandes cômodos tinha uma fachada suntuosa e uma arquitetura bastante arrojada, inspirada nos modelos de construções da Europa. Este padrão de residência não era comum naqueles tempos, e só as famílias mais abastadas podiam construir algo deste gabarito. Os tijolos empregados foram produzidos na olaria dos De Nardi. Esta casa, que chamava a atenção pela sua grandiosidade, passou a ser chamada de *Palacete De Nardi*.

Celeste De Nardi foi também quem desenvolveu os trabalhos de construção da Matriz Velha, bem como de outros prédios aqui em São Caetano, como a sede da Sociedade de Mutuo Socorro Príncipe de Nápoli e a Cadeia Pública.

Logo que a família De Nardi foi morar no Palacete, um dos cômodos da moradia foi cedido para abrigar a escola feminina, uma vez que as aulas estavam sendo ministradas, provisoriamente, na igreja, já que as casas das antigas senzalas onde funcionavam as escolas da época, tanto feminina como masculina, haviam sido cedidas a moradores. Esta escola, que passou a ser denominada *Primeira Escola*



Inauguração da nova sede do Museu Histórico Municipal, em 29 de dezembro de 1988

Feminina, permaneceu no Palacete até a construção do primeiro prédio do grupo escolar.

A família dos De Nardi residiu no Palacete por muitos anos. No espaçoso terreno havia um pomar com vários tipos de frutas e, na frente da casa, havia um jardim com muitas flores e um frondoso cipreste. Ao lado deste jardim, havia uma capela com a imagem de São João Batista, aonde o padre vinha rezar o terço em determinadas épocas. Aos domingos, a família se reunia para o almoço ao redor de uma farta mesa, em que o patriarca recordava os momentos passados na Itália, e todos ouviam com muita atenção e interesse.

Em 1937, o Palacete De Nardi abrigou em seu espaço, que foi dividido, uma família oriunda de Minas Gerais, mais precisamente da cidade de Andradas. Esta família era formada pelo casal Gabriel Rosa Alves e Mariana Norberta de Souza e seus nove filhos. Dois desses filhos, Sebastião Rosa Alves e Antonio Rosa Alves, que ainda residem no bairro da Fundação, na rua Perrella, declararam que foi um período de aproximadamente três anos em que residiram no Palacete e do qual trazem gratas recordações, pois o local era muito agradável para se morar, além do convívio muito amistoso com a família De Nardi.

A família De Nardi permaneceu no Palacete até 1940. Em seguida, o local foi vendido para a família Perrella, que morava em frente. Depois, a residência acabou sendo uma padaria, e abrigou vários inquilinos, sendo inclusive sede de time de futebol, o América Futebol Clube, na década de 1950. Nos anos 1970, o imóvel já tinha sofrido várias modificações e se encontrava em total abandono.

No dia 9 de agosto de 1985, o prefeito Hermógenes Walter Braido, pelo decreto 4674/85, declara o referido imóvel de utilidade pública para fins de instalação do Museu Municipal.

É iniciado o processo de restauração do imóvel, com a orientação técnica do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), órgão público estadual. Após três anos de exaustivo trabalho, o Palacete De Nardi foi entregue em 29 de dezembro de 1988 para abrigar o Museu.

No início de 2008, estive na cidade o padre Francisco Raul De Nardi, com 80 anos, que atualmente reside em Uberaba. Francisco, que é neto de Celeste De Nardi, veio visitar o Museu Histórico Municipal e recordou os bons momentos de sua infância, quando morou neste local. Francisco se emocionou muito ao relembrar as brincadeiras com os irmãos e amigos na escada de entrada da casa. O seu irmão Luiz De Nardi, falecido em 2007 aos 82 anos, deixou para o Museu uma maquete do Palacete, que confeccionou em 2002, detalhando todos os cômodos da residência, inclusive os móveis e acessórios. Esta bela lembrança nos faz retornar ao passado, mais precisamente 112 anos, quando a família De Nardi foi viver no Palacete.

(*) Clovis Antonio Esteves, historiador e professor. Atualmente, é supervisor do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul



USCS, Campus I, inaugurado em 10 de novembro de 1968. Foto de 2008

IMES 40 anos depois... USCS

“A construção de um futuro melhor se dá através da formação de homens melhores”

40 anos depois, nosso Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES) transformou-se em Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Para alguns mais antigos, pode levar um tempo para se habituar à nova sigla, instituída em 5 de junho de 2008. Porém, já nestes primeiros meses em que “IMES agora é USCS”, pôde-se perceber que não é um simples nome o que mais importa. É fato que os “mais velhos de casa” - como nos referimos aos docentes fundadores, funcionários e alunos que se tornaram professores, diretores e reitores -

nutrem um sentimento de estima pela instituição, até de uma forma inexplicável, como se fosse um segundo lar, e souberam transmitir este sentimento, com o passar dos anos, para os outros tantos que foram chegando. Portanto, é impossível dissociar a história da USCS da história pessoal de tantos personagens que construíram um rígido alicerce, necessário para a sua contínua evolução. Foram as idéias, os esforços e o envolvimento de muitos que fizeram e fazem da Universidade de hoje um símbolo de competência e tradição de nossa cidade.



O reitor da USCS, Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti, discursa em solenidade comemorativa aos 40 anos de fundação, no auditório do Campus I, em 1º de agosto de 2008

No dia 1º de agosto de 2008, a maioria desses homens, que construíram juntos essa história de sucesso, esteve reunida na USCS, Campus I, comemorando o 40º aniversário da instituição. Durante uma cerimônia no auditório, em clima de intensa emoção, alguns dos professores

fundadores foram homenageados e relembrados como verdadeiros educadores, difundindo não só o conhecimento, como também as suas experiências de vida, dando o exemplo e impulsionando tantos jovens a seguirem carreiras brilhantes. Foram eles: Celso Sebastião de Souza, Cláudio João Dall'Anese (representado por seu filho, Prof. Dr. Claudio Dall'Anese), Luis Osiris da Silva, Oscar Garbelotto, Paulo Nathanael Pereira de Souza (representado por Gilberto de Carvalho) e Rodovalho Rego Souto.

Ex-diretores, vice-diretores, reitores e pró-reitores também receberam homenagem por terem contribuído de forma decisiva para o crescimento físico e estrutural da Universidade ao longo desses anos.

Os representantes das associações de ex-alunos, funcionários e professores foram lembrados pelo importante trabalho

Relação de todos os dirigentes da USCS até a atualidade

Até 2000 - Diretores e Vice-diretores:

1968 a 1969 – Diretor: Cláudio Musumeci; Vice: Prof. Celso Sebastião de Souza
1969 a 1973 - Diretor: Prof. Rubens L. de Figueiredo; Vice: Prof. Celso Sebastião de Souza
1973 a 1977 - Diretor: Prof. Oscar Garbelotto; Vice: Prof. Cláudio João Dall'Anese
1977 a 1981 - Diretor: Prof. Cláudio J. Dall'Anese; Vice: Prof. Dr. Carlos João E. Senger
1981 a 1989 - Diretor: Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti; Vices: Prof. Jorge José A. da Silva e Prof. Moacyr Antonio Ferreira Rodrigues
1989 a 1992 - Diretor: Prof. Moacyr A. F. Rodrigues; Vice: Prof. Marco Antonio S. Silva
1992 a 2000 - Diretor: Prof. Marco Antonio S. Silva; Vice: Prof. Dr. Laércio B. da Silva

De maio de 2000 a janeiro de 2008 - Diretor, Vice-Diretor, Reitor e Pró-Reitores:

Diretor: Prof. Marco Antonio S. Silva; Vice: Prof. Ms. Marcos Sidnei Bassi
Reitor: Prof. Dr. Laércio Baptista da Silva
Pró-Reitor Comunitário e de Extensão: Prof. Ms. Joaquim Celso F. Silva
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Ms. Carlos Alberto de Macedo
Pró-Reitores de Pós-Graduação e Pesquisa:
Até setembro de 2001 - Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti
A partir de outubro de 2001 - Prof. Dr. René Henrique Götz Licht

A partir de fevereiro de 2008 - Reitor e Pró-Reitores:

Reitor: Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti
Pró-Reitor Administrativo e Financeiro: Prof. Ms. Marcos Sidnei Bassi
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Ms. José Turíbio de Oliveira
Pró-Reitor de Extensão: Prof. Ms. Joaquim Celso Freire Silva
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Prof. Dr. Eduardo de Camargo Oliva
Pró-Reitor de Educação a Distância: Prof. Dr. Denis Donaire



Vista parcial da Exposição 40 anos, na USCS, Campus I, em 1º de agosto de 2008

de integração entre os membros da comunidade USCS.

Na cerimônia, o professor doutor Silvio Augusto Minciotti, atual reitor, também ressaltou o trabalho de todas as pessoas que ainda hoje permanecem se dedicando à instituição ou, de alguma forma, colaboraram ao deixar os “seus tijolos” na construção de uma base sólida para a Universidade, conforme disse em seu pronunciamento: “(...) nossa Universidade cresceu muito nesses 40 anos, mas nunca deixou de ser uma obra coletiva, construída por estudantes, professores, funcionários e tantas e tantas pessoas que colaboraram, e ainda colaboram, para o sucesso da nossa trajetória”.

Após a cerimônia, houve a abertura da exposição *40 anos* - organizada pela Pró-Reitoria de Extensão, Centro de Documentação e Memória e Coordenadoria de Comunicação e Cultura - destacando os principais fatos de cada década. Retratou, também, os 40 anos do curso de Economia, o primeiro ao lado do curso de Ciências Políticas e Sociais, e a estátua de São Pedro, que foi um símbolo da cidade e da instituição até o início de 2006.

Um pouco de história

A história da Universidade Municipal de São Caetano do Sul teve início em fevereiro de 1967. São Caetano do Sul

crescia rapidamente em virtude do surgimento de muitas indústrias na região. Havia muita oferta de emprego, mas era nítida a necessidade de mão-de-obra mais especializada, de preferência com ensino superior.

Enquanto a questão da educação infantil no município estava resolvida, o ensino superior ainda era deficitário. Foi então que o diretor da Fazenda, Cláudio Musumeci, sugeriu a criação de uma escola de ensino superior, para implementar um curso inexistente na cidade: o de Economia. Musumeci, recentemente, declarou que esse era um antigo sonho: “Desde 1946, quando fui diplomado economista pela Faculdade de Economia, Administração e Finanças de São Paulo, aumentava o desejo de ver instalada, na minha cidade, uma Faculdade de Economia. Por obra do destino, em 1968, exercendo a função de diretor da Fazenda, na administração do prefeito Braido, solicitei a criação do curso e a idéia foi prontamente atendida”.

Foi realmente o que aconteceu. Com extrema rapidez, o prefeito Hermógenes Walter Braido criou uma comissão presidida pelo primeiro diretor de Educação e Cultura de São Caetano do Sul, Oscar Garbelotto, tendo como membros Cláudio Musumeci, Rubens Lopes de Figueiredo, Milton Feijão e Fábio Teixeira. Essa comissão apresentou um projeto de lei criando a Faculdade com os cursos de



Aula inaugural e posse do 1º diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, na Câmara Municipal, em 31 de julho de 1968. Identifica-se, da esquerda para direita, sentados: ?, Oswaldo Samuel Massei (deputado estadual), Hilário Torloni (vice-governador de São Paulo, que proferiu a aula inaugural), H. Walter Braido (prefeito de São Caetano do Sul), Cláudio Musumeci (1º diretor da Faculdade), Osvaldo Martins Salgado (presidente da Câmara Municipal), ? (assessor da Secretaria Estadual de Educação) e Celso Sebastião de Souza (1º vice-diretor da Faculdade)

Economia e Ciências Contábeis. Este último, no entanto, após o resultado de uma pesquisa, foi considerado contrário à demanda estudantil. Foi então que, em poucos dias, a comissão propôs alteração na lei, estabelecendo a Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais.

Em julho de 1968, 130 alunos, de um total de 360 candidatos, foram selecionados num vestibular para preencher as vagas de Ciências Econômicas e Ciências Políticas e Sociais.

No dia 31 de julho de 1968, na Câmara Municipal, a aula inaugural foi proferida pelo vice-governador do Estado de São Paulo, Hilário Torloni, e o primeiro diretor, Cláudio Musumeci, foi empossado.

As aulas regulares da faculdade começaram em 1º de agosto, provisoriamente, no Grupo Escolar Anacleto Campanella, enquanto aguardava a construção de um prédio apropriado do outro lado da rua, na Visconde de Inhaúma.

O professor Oscar Garbelotto relembra os primeiros dias de aula: “Éramos em dez professores, o diretor e três funcionários, trabalhando em salas e sanitários adaptados; enfim, usávamos um prédio construído para alunos do primário, era até engraçado, mas o enorme entusiasmo de todos, alunos e professores, superava qualquer dificuldade”.

Porém, a rescisão do convênio da Escola Superior de Administração de Negócios (ESAN) com a Prefeitura de São

Caetano alterou os planos quanto à designação da obra e, no local, foi instalada a Fundação das Artes, onde permanece até hoje. Por outro lado, um prédio bem maior que estava sendo construído para a ESAN, na avenida Goiás, passou a ser ocupado pela Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais em janeiro de 1969. O atual reitor, Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti, que foi diretor do IMES de 1981 a 1989, relembra os momentos de tensão, quando era aluno de Administração, após o movimento que liderou, ao lado do colega Ângelo Marchetti, contra a ESAN: “O convênio se desfizera e ainda não havia autorização do Conselho Estadual de Educação para que os alunos de Administração da ESAN fossem incorporados à faculdade municipal; era necessário que o prédio da avenida Goiás ficasse pronto. Éramos 180 alunos literalmente sem ter para onde ir. Foi aí que se iniciou uma verdadeira vigília, quando cada um de nós, que coordenava esse movimento de mudança, fazia um revezamento em visitas diárias à obra, para tentar garantir sua conclusão em tempo hábil”.

O conjunto de esforços de alunos e direção deu resultado: a obra foi finalizada. E, no início de 1969, juntamente com os alunos de Economia e Ciências Políticas e Sociais, os alunos de administração, recém-incorporados à faculdade, passaram a ocupar o novo prédio. Assim, outro nome



Fachada principal do prédio da avenida Goiás no início dos anos 1970

surgiu: Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas, Políticas e Sociais. Porém, em maio de 1970, uma lei alterou o nome da faculdade para Instituto Municipal de Ensino Superior, o IMES, pelo qual ficou conhecido por mais de 37 anos.

A atual universidade

Depois de 40 anos, uma equipe orgulhosa tem bons motivos para comemorar a trajetória de sucesso de uma instituição cujo objetivo é construir um futuro melhor por meio da formação de homens melhores e interessados no bem comum.

Hoje, mais de 360 professores ministram aulas para 39 cursos, incluindo a Graduação, o Programa de Mestrado e diversos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu. A área construída chega a mais de 45 mil metros quadrados, o que abrange dois campi e a farmácia-escola.

Atividades culturais, esportivas, de pesquisa e de extensão demonstram a importância que a Universidade tem para a cidade. Por isso, vale a pena ressaltar alguns dos pontos que mostram que a USCS obteve um crescimento bem cuidado, objetivando sempre a manutenção da qualidade de ensino e a preocupação em ser útil à comunidade em geral.

Internamente, a Associação dos Ex-Alunos, a Associação dos Professores (APROXIMES) e a Associação dos



Funcionários (AFIMES) promovem a integração e buscam atividades que conferem educação continuada e capacitação de seus associados. O Diretório Central dos Estudantes (DCE) representa os estudantes junto à reitoria e nos órgãos colegiados da Universidade, desenvolvendo também atividades diversas em prol dos estudantes.

O esporte na USCS sempre foi valorizado como um aliado da educação. A Associação Atlética Acadêmica, desde 1975, é referência no cenário esportivo-universitário. Atualmente, a instituição apóia as equipes de handebol masculino e de judô, que já conquistaram importantes títulos para São Caetano, inclusive em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Este ano, seis atletas apoiados pela USCS integraram a delegação brasileira nas Olimpíadas de Pequim.

Também visando a interação com a sociedade, os Jogos Esportivos da USCS estimulam a participação de estudantes do ensino médio nos esportes.

Ainda no setor esportivo, o curso de Educação Física está à frente do projeto *Educação Física + Inclusão Social = Cidadania*, que recebeu o prêmio *Top Social* em 2007. Este projeto desenvolve os conceitos de cidadania, saúde e qualidade de vida por meio de atividades esportivas em comunidades carentes.

As ações sociais não param por aí. Iniciativas como a Assistência Judiciária Gratuita e o Programa de Apoio a Entidades

Cerimônia de lançamento da pedra fundamental do prédio da avenida Goiás, que seria destinado à Escola Superior de Administração de Negócios (ESAN), em 21 de julho de 1967. Em primeiro plano, da esquerda para direita: Cláudio Musumeci (diretor da Fazenda), H. Walter Braidão (prefeito), Moacir Ricci (aluno da ESAN discursando), Gabriel Zambrana (vereador), Oswaldo Samuel Massei (deputado estadual)



Fachada principal do prédio da avenida Goiás, logo após a colocação da estátua de São Pedro, em 1975

Sociais mostram o interesse da Universidade em auxiliar a população de baixa renda, fazendo com que alunos pratiquem a cidadania e se envolvam com a comunidade, prestando serviços tanto no setor judiciário, quanto na assistência a entidades. Prêmios merecidos para trabalhos nestas áreas também foram conquistados: o *Top Social* e o *Cidadania sem Fronteiras*.

No quesito saúde, a farmácia-escola oferece muitos serviços à comunidade. A população mais carente, devidamente cadastrada, tem acesso a medicamentos gratuitos, manipulados pelos próprios alunos, serviços de fisioterapia, enfermagem, avaliação nutricional, entre outros.

Também em relação ao atendimento à comunidade, a USCS oferece a Universidade Sênior. Trata-se de um programa destinado às pessoas com mais de 50 anos de idade que desejam adquirir novos conhecimentos, desenvolver habilidades e aumentar o círculo de amizades. Os integrantes, durante o período de dois anos, ainda podem usufruir as atividades artísticas e culturais oferecidas pela Universidade.

Na área da pesquisa, o Instituto de Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (INPES) se destaca, desde 1982, como o responsável pela Pesquisa Sócio-Econômica do ABC, contribuindo como fonte de dados importantes para o planejamento de vários setores da

sociedade. Esse trabalho rendeu dois prêmios conferidos pela *Revista Marketing*, publicação ligada à Escola Superior de Propaganda e Marketing. No ano seguinte, o Índice de Preços ao Consumidor do ABC (IPC) foi idealizado para ser um indicador econômico de abrangência regional, medindo a variação dos preços à vista para o consumidor com renda de até 14 salários mínimos.

Como resultado do desenvolvimento da área da pesquisa acadêmica, há alguns anos a Universidade brinda a sociedade com publicações, matérias jornalísticas, seminários e outras tantas produções que demonstram, ainda mais, a maturidade da instituição.

Desde o início, houve investimento na promoção de atividades dos vários setores culturais e artísticos, compreendendo que a formação do indivíduo só ocorre de forma completa ao aliar a formação acadêmica à cultura. Por isso, a participação do aluno em projetos variados sempre foi valorizada. Hoje, o programa de extensão *Arte na Universidade* propicia ainda mais a difusão de variados setores artísticos.

Há também a Companhia Grite de Teatro e o Grupo Vocal da Universidade, formados por membros da USCS e da comunidade, que oferecem oficinas gratuitas abertas à população.



USCS, Campus II, inaugurado em 2 de agosto de 2004. Foto de 2008

O passado da Universidade e a lembrança sempre presente dos homens que, ao longo desses anos, lutaram para fazer desta instituição uma referência nacional no quesito educação, serão sempre resguardados pelo Centro de Documentação e Memória da USCS, setor criado em 1999.

O valor deste passado já foi destacado há 15 anos na revista *Raízes 10*, em artigo escrito pelo atual reitor, Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti, que, na época, era presidente do IBGE. Compartilhando com muitos, ele já descrevia o sentimento que ainda nutre pela instituição: “É uma bonita história de amor que o tempo não conseguiu esgarçar. (...) O IMES representa parte do

que deu certo em cada uma de nossas vidas. É a demonstração viva do que os homens podem conseguir quando se reúnem em torno de uma causa comum. É a melhor evidência de que nada é mais forte do que aqueles que crêem. Por tudo isso, o IMES faz bem à alma de quem se preocupa em garantir à sociedade um espaço onde se possa construir o futuro do país, a partir da construção do futuro das pessoas”.

A Universidade Municipal de São Caetano do Sul é isso e muito mais...

() Professora Morisa Garbelotto Rodegher, do Centro de Documentação e Memória da Universidade Municipal de São Caetano do Sul*



USCS, Farmácia-Escola, inaugurada em 28 de novembro de 2003. Foto de 2008

Sagrada Família: imagens que choram

Projeto busca recursos para restaurar a Igreja Matriz Sagrada Família

Fotos: Acervo / Antonio Reginaldo Canhoni / Fundação Pró-Memória



Capela da Sagrada Família dá sinais evidentes da infiltração de água

Ao atravessar as portas da Igreja Matriz Sagrada Família, em São Caetano, a impressão não é somente a de entrar em um templo religioso. A sensação é a de estar dentro de uma obra de arte, envolto em uma decoração profusa e minuciosa, em pinturas artísticas com molduras caprichosas, que rompem a limitação visual. Após algum tempo de apreciação, é possível ficar fascinado com os incontáveis detalhes das pinturas, datadas de 1943, elaboradas por dois pintores italianos, os irmãos Pedro e Ulderico Gentili, com a arquitetura idealizada pelo padre Alexandre Grigoli, da Congregação dos

Estigmatinos, pároco na época de sua construção e pintura.

Imponente no tamanho, rica e sagrada nos detalhes. É ali que fiéis transmitem sua devoção às pinturas e imagens. É ali que a contemplação da Arte se mistura com a emoção da fé. Sonia Maria Franco Xavier, em seu artigo *A Matriz Sagrada Família na arte dos irmãos Gentilis*, publicado na revista *Raízes* 26, descreve a obra:

“(...) O Altar-mor foi todo feito em mármore português. Na abóbada, sobre o

Altar-mor principal, a figura do Cristo e do cordeiro sobre o altar destacam-se diante de uma paisagem onde aparecem as indústrias de São Caetano e até a própria Matriz Sagrada Família. (...) Nos medalhões da área central estão os evangelistas Lucas, Matheus, João e Marcos. No centro, a pomba que desceu sobre os apóstolos São Pedro e São Paulo. Na parte frontal há a representação da Comunhão, momento de maior fé cristã, mais ao lado os símbolos do pão (corpo) e do vinho (sangue). Na parte frontal lateral, os anjos anunciando as Epistolae e o Evangelho. A pintura destes dois últimos quadros lembram uma tapeçaria com bonitas franjas.

Em uma segunda etapa pintou as paredes das naves laterais, onde fez a Via Sacra – 14 cenas mostrando o Calvário vivido por Cristo desde sua condenação até sua morte, ou seja, o caminho sagrado, os passos que Cristo deu, do pretório de Pilatos até o Calvário. Em 1947 o pintor foi novamente convidado pelo padre Êzio Gislimberti para realizar as decorações internas do templo. Na ocasião apresentou uma série de quadros que recordam ao povo cristão os sete sacramentos: Batismo, Crisma, Penitência e Confissão, a Unção dos enfermos, a Ordem, o Matrimônio e a Eucaristia.

A nave central é separada por arcos e colunas com bonitos barrados que formam duas entradas laterais, a esquerda e a direita, que dão acesso às capelas (...). No coro da igreja, uma grande pintura mostra a assunção e coroação de Nossa Senhora, ladeada por Santa Cecília (padroeira da música) e São Gregório Magno.”

Mas, infelizmente, um olhar mais profundo e apurado pode quebrar este encantamento e revelar que a obra de arte está sofrendo ações nocivas do tempo e do homem. Alguns problemas estruturais estão evidenciando os 71 anos de vida da igreja. Pároco local desde 2007, o padre Jordélio Siles Ledo relata os sinais da idade, refletidos em umidade, infiltrações, vazamentos e rachaduras.

Já a deterioração da pintura artística, a falta de ventilação e de luminosidade, problemas também descritos pelo religioso, demonstram que há muito o templo não é



Aplicação de verniz provocou craquelamento da pintura



tratado com a devida atenção e cuidado. Selecionada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul como “Bem cultural de interesse histórico”, a Igreja Sagrada Família, o maior templo católico da cidade, está pedindo socorro.

Desde que iniciou seu trabalho na paróquia, o padre Jordélio está tentando salvá-la da destruição. Ele iniciou uma campanha e criou uma comissão para arrecadação de fundos para a completa reforma, revitalização e restauração da igreja. O padre explica suas motivações para iniciar a trajetória pela grande obra: “A paixão pela Arte vem em primeiro lugar. As pinturas que temos aqui são muito representativas. Outro fator importante é a preservação histórica. Preservando a igreja, preservamos parte da memória da cidade”.



*Manchas do verniz
escorrido no filme
pictórico*



O pároco fala também da importância da construção como referência religiosa e como um patrimônio litúrgico-catequético, considerando que a Igreja é um marco da evangelização e representa a relação com Deus. Um trecho do projeto da restauração da matriz explica: “A Igreja, de modo geral, desde seus primórdios, sempre deu grande valor às artes e às demais expressões da cultura como instrumento de relevante

importância para o exercício de sua missão. As expressões na arte vão se dando de formas variadas, constituindo, depois de 2 mil anos, um riquíssimo e esplendoroso acervo que, somado ao conjunto dos demais bens culturais, tais como arquivos, bibliotecas, museus, sem dúvida, corresponde hoje a um verdadeiro patrimônio da humanidade e de humanidade”.

A igreja já passou por algumas reformas, ajustes e restaurações anteriormente. Mas, para esta empreitada, padre Jordélio buscou orientação técnica adequada. A empresa Ateliê Arte Restauro fez uma análise da situação da construção. Seu responsável, Juarez Oliveira, elaborou um projeto detalhado levantando todos os problemas, as etapas e o prazo para o completo restabelecimento da igreja.

Oliveira é artista plástico e especialista em restauração de Arte Sacra. Seus trabalhos espalham-se por grande parte do país. Em São Paulo, já realizou projetos nas igrejas Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora do Paraíso, Santa Cecília, Nossa Senhora da Glória, Santa Izabel, Nossa Senhora da Paz, Santa Cruz das Almas, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora da Consolação, no Mosteiro São Geraldo, no Museu da Fundação São Lucas, no Colégio Arquidiocesano, entre outros. Há restaurações suas realizadas também em Minas Gerais, Brasília, Pará e Ceará.

Em sua avaliação sobre a Sagrada Família, Oliveira relata graus de deterioração de médio a alto, e indica uma revisão geral em toda a edificação. Segundo ele, o problema mais sério é o verniz de resina sintética aplicado nas pinturas, em uma das reformas ocorridas na década de 1980. “O produto formou uma camada quebradiça sobre o filme pictórico e alterou sua coloração. O uso do material inadequado também causou escorrimiento, craquelamento e manchas em alguns pontos”, explica. A salvação de todo o trabalho artístico da igreja está na retirada do verniz.

A restauração das pinturas começa com a utilização de métodos mecânicos e químicos. Com bisturis cirúrgicos e produtos químicos que não afetarão o filme pictórico



original, toda a camada de verniz é retirada. Na seqüência, ocorre a fixação da pintura em seu suporte para que seja feita a correção dos pontos necessários. “A interferência do restaurador acontece somente nos pontos que apresentam problemas”, explica Oliveira.

De acordo com o projeto, todas as cerca de 90 pinturas da Sagrada Família sofrerão intervenção: os 12 painéis dos sacramentos, pinturas do Batismo e da Ressurreição, as 12 imagens dos profetas, a Via Sacra, com 14 pinturas, os painéis do presbitério, do coro e da entrada da secretaria. As seis capelas laterais, onde ficam localizadas imagens de santos, também estão incluídas no projeto, assim como todos os arcos, faixas e adornos da decoração.



Pintura descascada nas colunas da matriz

Um fator agravante para a deterioração da pintura decorativa da igreja é o problema das infiltrações de águas pluviais. Oliveira recomenda, em seu projeto, a reforma de toda a cobertura do prédio, desde o telhado até o sistema de captação de águas. A capela da Sagrada Família, por exemplo, está sofrendo com a ação dos vazamentos. A



Mais sinais de infiltração de água. No detalhe, a capela da Sagrada Família sem a estátua

*Pintura escurecida
e com manchas
esbranquiçadas*



pintura está descascando e há vários pontos com escorrimento e manchas. Até mesmo a estátua foi retirada do local, pois estava sendo prejudicada por goteiras.

As janelas das capelas laterais também passarão pelas mãos do restaurador. Os vitrais instalados na última reforma estão favorecendo a concentração de calor no interior do templo e estão interferindo na adequada ventilação e na entrada da luz natural, sendo mais um fator prejudicial às pinturas. Oliveira propõe a troca da caixilharia e dos vitrais.

O processo de restauração da Igreja Sagrada Família exige um trabalho delicado e minucioso. A estimativa é que o projeto termine no prazo de 5 anos. Em uma segunda etapa serão desenvolvidos projetos para restauração da fachada da igreja, que já passou por muitas intervenções e atualmente, é muito diferente do original, e das estátuas dos santos de seu interior, feitas em madeira.

Várias outras melhorias já foram realizadas no local, como a reforma da secretaria e das salas de atendimento, a criação de uma galeria dos ex-párocos e a transferência da sacristia para um novo local. No lugar do velário foi construída a Capela do Santíssimo. A mudança foi feita pois, instalado no local anterior, o velário representava grande risco de incêndio e a fumaça das velas ali produzida era prejudicial às pinturas. Uma nova área para o acendimento de velas será instalada dentro da Capela de Todos os Santos, no jardim externo frontal, que contará com réplicas de todas as imagens de santos da igreja. Ainda na área

frontal externa passará a funcionar uma loja de velas. No prédio da sede social Sagrada Família houve a criação do Centro Catequético e de uma biblioteca.

Nos planos do padre Jordélio estão ainda a construção de um memorial para a realização de exposições de longa e curta duração, e uma sala de espera para noivos e padrinhos, com uma galeria de imagens de antigos casamentos realizados na paróquia. Outra aspiração é a construção do Centro de Espiritualidade São Gaspar Bertoni.

Recursos advindos de doações de empresários, indústrias e famílias da cidade, de campanhas e eventos beneficentes, promovidos em parceria com a comunidade, permitiram a realização das melhorias até agora efetuadas. Mas o grande desafio é a arrecadação de fundos para a proposta de recuperação que, considerada sua grandiosidade, é de alto custo. Para isso, o projeto está sendo amplamente divulgado a fim de mobilizar a sociedade. Qualquer tipo de ajuda será bem-vinda. Os interessados em colaborar devem procurar a secretaria da igreja.

Um patrimônio cultural da cidade e de seus moradores. Um incontestável marco na história de São Caetano do Sul. A Igreja Matriz Sagrada Família precisa ser restaurada e preservada dada sua preciosidade, seu valor artístico, seu conteúdo cultural e seu significado religioso.

()Paula Fiorotti é jornalista, especializada em Comunicação Empresarial e Relações Públicas*

A heróica aventura de

Carlo Del Prete

Quando andamos pelas ruas de São Caetano nos deparamos com a placa da importante rua Major Carlo Del Prete, de tráfego intenso e movimentado reduto industrial da cidade.

E a pergunta que se faz é *Quem foi o Major Carlo Del Prete?*

Contam-se histórias a respeito de sua vida, pouco conhecida nos dias de hoje, com suposições e hipóteses nem sempre verdadeiras e, muitas vezes, com juízos de valor que não condizem com a realidade histórica.

Carlo Del Prete nasceu em Lucca, Itália, em 21 de agosto de 1897. Em 12 de outubro de 1912 entrou para a Academia Naval, saindo guarda-marinha em 1915. Estudou engenharia em Milão e, um ano depois, entrou para a Aeronáutica. Prestou, em 5 de outubro de 1922, o exame de brevê e voltou a Milão para continuar os estudos. Diplomou-se, ali, em engenharia mecânica

e eletrotécnica. Neste momento, começou seu entusiasmo pelos vôos, visando sempre o progresso da aviação, numa época de desafios e tentativas de quebrar recordes.

Carlo Del Prete foi um desses heróis do espaço que o Brasil teve a oportunidade de testemunhar com sua façanha histórica na aviação. Nessa época, os jovens do pós-guerra tinham um nacionalismo exacerbado, apaixonado, e buscavam conquistar para o país grandes feitos, como o de Lindbergh, que conseguira para aviação dos Estados Unidos um prestígio mundial.

Sempre envolvido com vôos experimentais, Carlo Del Prete colaborou com De Pinedo, veterano herói da aviação, na organização do *raid* Sesto Calende-Melbourne-Tóquio-Roma, riscando os céus dos três continentes.

Em 11 de novembro de 1927, fez com o aparelho Magdalena um vôo de 10 mil quilômetros. Em junho de 1928, bateu o

recorde mundial de duração de vôo em circuito fechado, voando durante 57 horas sobre Roma, com Arturo Ferrarin.

Diante das gloriosas aventuras aéreas, o general Ítalo Balbo, subsecretário da Aeronáutica, idealizou um projeto de um vôo sem escalas da Itália ao Brasil. A Câmara Italiana de Comércio de São Paulo instituiu o prêmio De Pinedo, no valor de 500 mil liras, para a equipe que, com uma aeronave inteiramente italiana, fosse a primeira a ligar a costa continental da Itália ao Brasil, antes do final de 1928. O vôo deveria ser feito em 60 horas de avião ou 90 horas em hidroavião.

Para essa próxima aventura, foi idealizada uma aeronave que reunisse três habilidades: rapidez, capacidade de agüentar grandes pesos e autonomia de vôo. O avião, chamado Savoia-Marchetti S-64, era um monoplane de asa espessa e duas caudas, construído pela Fiat. O coeficiente de peso era de 6,5 mil quilos, com autonomia de vôo de 70 horas e velocidade de 150 a 180 quilômetros por hora. Nas asas do Savoia havia 26 reservatórios de gasolina, todos eles comunicantes com um grande reservatório central e obedecendo a um só comando. O reservatório de óleo estava instalado na parte anterior do motor e a capacidade era de 270 litros.

Milhares de pessoas estiveram no aeroporto de Montecelio, em Roma, para acompanhar a decolagem dos pilotos. O Embaixador do Brasil na Itália, Oscar de Teffé, entregou aos pilotos uma pequena bandeira brasileira, que foi colocada no aparelho.

E em 3 de julho de 1928, partiram de Roma esses *azes* do espaço, Arturo Ferrarin e Carlo Del Prete, em direção ao Brasil, num vôo sem etapas.

Arturo Ferrarin, instrutor de vôo, acrobacia e velocista de competições de hidroavião, comandaria o Savoia 64 e o Major Carlo Del Prete cuidaria da comunicação, por meio de uma estação radiotelegráfica com ondas de 600 metros de extensão que levavam a bordo. Os jornais publicaram anúncios do governo da Itália pedindo aos navios que cruzavam o Atlântico que interceptassem as trans-

missões ou, se avistassem o Savoia 64, dessem aviso às estações que estavam em contato com a estação de rádio, em Roma.

As notícias veiculadas pelos jornais da época davam ênfase para a *latinidade* do vôo, que fazia de Brasil e Itália povos irmãos.

O Savoia Marchetti seguiria o seguinte itinerário

Roma-Cagliari	407 Km
Cagliari-Algéria	611 Km
Algéria-Mellila	556 Km
Mellila-Gibraltar	222 Km
Gibraltar-Las Palmas	1.444 Km
Las Palmas-Porto-Praia	1778 Km
Porto Praia-Fernando de Noronha-Recife	374 Km
Total	7.826 Km

A primeira mensagem dos pilotos, ao chegarem à costa nordestina, foi captada por uma estação de Fortaleza, no dia 6 de julho. Mussolini, na Itália, interrompeu uma reunião quando recebeu a notícia de que o Savoia-Marchetti já se encontrava em terras brasileiras, conquistando para seu país o recorde da mais longa travessia dos oceanos. Foram 49 horas e 19 minutos de vôo, recorde mundial em distância sem etapas de reabastecimento.

O avião pousou, devido à forte cerração, na praia dos Touros, lugar isolado, mas não longe da capital do Rio Grande do Norte, Natal. Devido às avarias sofridas, o avião precisou ser rebocado. Em Natal, ele foi submetido a reparos e os pilotos receberam várias homenagens.

Com outro avião, o francês Latecoère, seguiram para Recife e Salvador, onde sofreram um acidente. Substituindo-o por outro Latecoère, os pilotos seguiram para o Rio de Janeiro.

Na então capital federal brasileira, um extenso programa oficial já estava organizado para a recepção dos pilotos. No dia da chegada, uma esquadilha de *breguets* da Escola de Aviação Militar esperava para



Foto publicada no Jornal de São Caetano de 8 de julho de 1928

comboiá-los até o Campo dos Afonsos. Além da recepção no Aéreo Club Brasileiro, os pilotos visitaram os centros de aviação naval e, após uma recepção no Copacabana Palace Hotel, oferecida pelo prefeito, foram recebidos pela colônia italiana, na sede da Embaixada.

Os jornais estampavam em suas manchetes a façanha desses heróis italianos do espaço!

No dia 8 de agosto, ao experimentarem o aparelho Savoia 62, que estava guardado na Escola de Aviação e reservado para que os aviadores fizessem com ele a

viagem à colônia italiana no sul do país, os dois pilotos quiseram fazer imediatamente um vôo. Apesar de alertados de que o avião ainda não estava pronto, pois precisava de mais alguns testes, os pilotos insistiram em fazer um curto vôo sobre a Baía de Guanabara em direção à Ilha de Bom Jesus. Lamentavelmente, numa manobra de mudança de rumo, ocorreu um grave acidente e o avião caiu no mar, de uma altura de 40 metros.

Uma lancha que estava próxima auxiliou os acidentados, desvencilhando Ferrarin que estava com os pés presos no

avião. Del Prete tinha escoriações por todo o corpo e fraturas expostas em ambas as pernas. Foi recolhido na Casa de Saúde São Sebastião e entregue aos cuidados do Dr. Brandão Filho. Os telefones das redações dos jornais não paravam de tocar. Conta-se que o povo se aglomerava para acompanhar a saúde de Del Prete, que inspirava grandes cuidados.

Após a decisão de amputar as pernas de Del Prete, o piloto foi submetido à cirurgia, embora tardiamente, pois suas pernas já estavam gangrenadas. Seu estado era considerado muito crítico, sem chances de recuperação.

Logo chamaram Arturo Ferrarin para a despedida do companheiro, que lhe apertou a mão com força enquanto chorava. Del Prete, lúcido e sereno, sorria e conversava, mesmo sabendo que morreria a qualquer momento. O piloto recebeu a extrema-unção do Monsenhor Lari, um conterrâneo da cidade de Lucca, se confessou e recebeu a comunhão. Nesse momento, ele pediu ao padre que dissesse a seus pais que os amava muito e que lhes devia tudo na vida, principalmente os sentimentos de fé e do amor à pátria.

Carlo Del Prete acreditava que morria tendo cumprido com o seu dever de cidadão italiano.

O Rio de Janeiro chorou a morte do piloto. Seu corpo, embalsamado e coberto pelo pavilhão italiano, foi levado à Embaixada da Itália, na rua das Laranjeiras, onde o caixão permaneceu até o embarque no transatlântico Conte Rosso, em direção à Itália. Uma mulher, cujo traje preto contrastava com seus cabelos brancos, curvada pelo peso dos anos, avançou até o corpo do aviador e, com as mãos trêmulas, deixou cair sobre o peito do aviador um buquê de violetas com fitas tricolores. Depois, em pranto convulsivo, colocou os lábios na testa de Del Prete e, beijando-o demoradamente, murmurou soluçando: “É o beijo de tua mãe que está longe e não pode dar”.

Compareceram ao cortejo o Presidente da República, Washington Luís, e o Prefeito do Distrito Federal, Antonio Prado Júnior. Duas esquadrilhas de aviões faziam evoluções no ar e uma chuva de flores caía durante sua passagem.

Del Prete, lembrado até os dias de hoje

A Base Aérea de Natal (BANT) recebeu, no dia 17 de agosto de 2004, a visita de oficiais da aeronáutica italiana. No mesmo dia, a delegação viajou até a cidade de Touros (RN), onde participou da colocação da pedra fundamental do monumento a Carlo Del Prete e Arturo Ferrarin. A iniciativa teve apoio da FAB.

A comitiva da Aeronáutica Militar Italiana foi chefiada pelo Brigadeiro Parma Vincenzo, que destacou a importância do evento dizendo que o monumento “é uma ponte entre os dois países latinos que vem fortalecer ainda mais os laços de amizade”.

No Rio de Janeiro, no bairro das Laranjeiras, o busto do Major Carlo Del Prete adorna a praça do mesmo nome.

Inúmeros são os logradouros que têm o nome do Major Carlo Del Prete, prestando a ele justas homenagens. Também na Itália seu nome está em várias avenidas e, em Lucca, pode ser visitado o Palazzo Del Prete, residência que pertenceu à família, onde pode se ver as fotografias do piloto.

“La sua morte fu un plebiscito di dolore, una resa (di campaesani) allá casa di Fazzano per averne almeno una fotografia che quase in ogni casa della parrocchia occupò ed occupa ancora el miglior posto ...” Tradução Livre: “Sua morte foi uma comoção popular de dor e, essa atitude solidária de todos os compatriotas, cercou a família do Fazzano, buscando conseguir ali, pelo menos uma fotografia que, em toda casa da localidade ocupou e ocupa ainda o mais honrado lugar ...”

Bibliografia:

LUSTOSA, Isabel . *Asas da Itália sob os céus do Brasil: o “raid” de Ferrarin e Del Prete*. Rio de Janeiro: Consulado da Itália do Rio de Janeiro, 1999
Jornal de São Caetano. Edições de 1928
Revista Asas. Edições de 2004

(*) *Cristina Ortega, pedagoga, advogada e pesquisadora da Fundação Pró-Memória*

principie bem o ANO NOVO ADQUIRINDO NA Casa Weigand

A LOJA CENTRAL DAS BOAS OFERTAS DE S. CAETANO DO SUL

MAQUINA DE LAVAR ROUPA



PRIMA

"DE LUXE"

A máquina de lavar roupa mais pratica mais eficiente mais vendida no Brasil dois tipos a sua escolha

Prestações

desde
Cr\$ 1.332,00
por mês

fogão DAKO

COM COTA HELIOGÁS
ENTREGA AUTOMÁTICA

Mod.

STANDARD

4 Queimadores

Forno —

Estufa fechada

Tampo e tampas

pretas

Com Cota

Desde

CR\$ 843,80

por mês



FERRO ELETRICO AUTOMATICO
AQUECIMENTO RAPIDO

Desde Cr\$ 215,00 mensais



PANELA DE PRESSÃO



UMA PERFEITA
COSINHEIRA AS
SUAS ORDENS

Desde

Cr\$ 170,00

por mês

Todas as facilidades nos pagamentos pelo Plano

CREDI-LAR

FUNDADA
HA 60 ANOS
EM SÃO PAULO



Organização Que Serve
São Caetano do Sul
Ha um quarto de Século

DUAS LOJAS A SUA DISPOSIÇÃO

AV. CONDE F. MATARAZZO, 174 — R. HELOIZA PAMPLONA, 447
SÃO CAETANO DO SUL

A ação social da Igreja Católica nos movimentos populares

Na Constituição promulgada e aprovada em 1967 criou-se o Conselho de Segurança Nacional, que seria o responsável pela supervisão da defesa interna. O Conselho também tinha o poder de decidir sobre questões administrativas e econômicas em diversas áreas de interesse. Mas a Constituição de 1967 preservava o direito individual e associativo, deixando aberto o caminho para possíveis reivindicações e organizações de sindicatos e movimentos de cunho popular. Essa abertura propiciou à classe operária do Rio de Janeiro e São Paulo êxito na organização de greves.

Esse movimento organizado foi capaz de produzir uma indignação popular, além de mostrar quais eram as reais condições de mobilização da classe operária, seus líderes e instituições envolvidas. Dentre os participantes havia membros do Catolicismo e do movimento estudantil, além de integrantes da esquerda

e do próprio MDB (Movimento Democrático Brasileiro, partido que se caracterizou pela multiplicidade ideológica).

Em 1968, a mobilização de Osasco mostrou importante atuação de membros da Igreja e do movimento estudantil, dando início a uma relação de colaboração ao longo das décadas posteriores. Os resultados conquistados com essas manifestações operárias mostraram ao Estado a força dos movimentos sociais e o reconhecimento de suas lideranças.

O governo incentivava a criação de novos sindicatos, ou melhor, deixou que o operariado idealizasse certa autonomia, para combatê-la diretamente.

A ideologia dos militares e suas teorias de controle social estavam repletas de astúcia e inteligência, tendo em vista que, ao permitir certas mobilizações, o governo conseguiu traçar um perfil e mapear o seu maior inimigo interno. Essa idéia está fundamentada na agilidade com a qual o

governo conseguiu desarticular rapidamente as células dos movimentos de oposição em 1968. Foram essas as condições adequadas para o estabelecimento do ato institucional mais cruel do regime, o AI 5, em 13 dezembro de 1968, no qual se eliminou a oposição política e as mobilizações populares. Abriu-se o caminho para a utilização desenfreada do aparato repressivo.

O ato institucional de 1968 enfraqueceu os movimentos de resistência e a oposição demorou muito para se reorganizar e mobilizar-se novamente. Estava instaurada a cultura do medo. Essa postura foi responsável pelo uso indiscriminado da tortura, que se desenvolveu em todas as esferas da sociedade: blitzs eram feitas constantemente, causando um verdadeiro clima de horror. A cultura do medo foi fixando suas bases, privando a população de condições psicológicas para reagir à engrenagem estabelecida e causando um sentimento de isolamento. Generalizava-se, assim, a crença de que todos os canais de oposição estavam fechados.

Amadurecimento do Catolicismo

O Concílio Vaticano II (1962-1965) impulsionou a justiça social, fazendo com que teólogos, freiras e outras instâncias do clero se aprofundassem no trabalho com as camadas pobres da sociedade. Para alguns membros da instituição eclesiástica, ocorreu a união entre o discurso e a prática, o que representaria um retorno ao exercício profético. O concílio também ajudou a reatar o diálogo entre a instituição eclesiástica e a sociedade moderna, que haviam se distanciado desde a Revolução Científica (séculos 16 e 17) e da Revolução Industrial (século 18).

Após o Concílio, buscou-se acentuar a importância da ação humana, utilizando a reflexão como ponto fundamental dessa nova linha pastoral em desenvolvimento. Não se excluiu também a contribuição de filósofos, historiadores e



Papa Leão XIII. Durante seu pontificado foi promulgada a encíclica Rerum Novarum (marco inicial da doutrina social da Igreja Católica), em 15 de maio de 1891

sociólogos na concepção da chamada teologia moderna. Em torno desse avanço, dá-se aos pastores e teólogos a responsabilidade de orientar a ação do catolicismo.

Esse processo de modernização do catolicismo foi inaugurado por Leão XIII, com a promulgação da encíclica *Rerum Novarum*, em 15 de maio de 1891, na qual foi estimulado o debate sobre os problemas levantados por Karl Marx e Frederick Engels no *Manifesto Comunista*, de 1848. Este debate foi deixado de lado, mas a questão da modernização foi retomada, discretamente, com novas encíclicas, entre elas a *Mater et Magistra*, de João XXIII, de 15 de maio de 1961.

O avanço teológico impulsionou a realização do *Concílio Vaticano II*, convocado por João XXIII em 1962 e concluído em 1965 por Paulo VI. Elaborava-se, na ocasião, o documento pontifício que dava as diretrizes para a ação social da igreja. Concluía-se, assim, muito tempo depois, a idéia de Leão XIII de restaurar o prestígio do Catolicismo mundial.

O incentivo que o clero brasileiro recebeu do sumo pontífice Pio XII acenou a



Papa João XXIII, autor da encíclica Mater et Magistra, de 15 de maio de 1961, e responsável pela convocação do Concílio Vaticano II, em 1962

possibilidade de um novo pensamento e prática para o catolicismo romano, mais condizente com a realidade e com os novos tempos. Pode-se considerar que as orientações romanas produziram um amadurecimento do catolicismo latino-americano. A carta pastoral, publicada em 1945, sob o título de manifesto, confirma o início de uma atuação de parte do clero frente aos problemas sociais do país. A publicação do referido documento foi o primeiro passo em direção à criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952. Essa publicação estimulou discussões em âmbito latino-americano, criando, em 1955, o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), que realizou sua primeira conferência no Rio de Janeiro, no mesmo ano.

O resultado do CELAM, quanto ao amadurecimento das práticas do catolicismo latino, foi apresentado em suas conferências seguintes. Em 1968, na cidade de Medellín, Colômbia, mostrou-se a continuidade da questão social no continente. Tal conferência identifica qual é o real perigo existente na sociedade, que não se limita ao combate das práticas comunistas, e sim na dura realidade imposta pelo desenvolvimento de um capitalismo excludente. A função principal foi refletir a realidade, a educação popular e os movimentos da ação católica

especializada. Dessa maneira as diretrizes conciliares ganham forma a partir das igrejas da região.

Luiz Gomes de Souza, na obra *A Caminhada de Medellín a Puebla*, destaca que “apresenta de maneira cada vez mais nítida na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de um poder temporal e audazmente comprometida com a libertação de todo o homem e de todos os homens”.

A conferência de Puebla-México, realizada em 1979, confirmou a preferência da Igreja pelos pobres, ficando ao lado dos marginalizados, oprimidos, excluídos, e lutou pela justiça e pela paz, buscando, pela fé, transformar a vida e a realidade do povo de Deus. Para Luiz Gomes de Souza “os pobres são apenas objeto de atenção preferencial; são também sujeitos da evangelização”.

A partir da Medellín/Puebla, destaca-se a força vital da pastoral popular e de uma reflexão teológica em torno da atuação direta na libertação dos oprimidos, evidenciando, assim, o trabalho da linha progressista do Catolicismo.

Movimentos Populares em São Bernardo do Campo (1980-1990)

A relação conflitante entre Igreja Católica e o Estado no Brasil ficaram evidentes quando o projeto de desenvolvimento direcionado pelas forças armadas assumiu seu ponto máximo de controle, tanto econômico quanto da sociedade civil. Kenneth Serbin, no livro *Diálogos na Sombra*, afirma que “as duas expressões justiça social e subversão abrangiam um largo espectro de atividades e interpretações que variavam de acordo com as circunstâncias e a perspectiva. Justiça social significava a tentativa de a Igreja estabelecer uma sociedade mais igualitária na qual os direitos humanos e democráticos fossem respeitados”.

A penetração do Catolicismo em setores populares e formadores de opinião



Manifestação organizada pela ACO (Ação Católica Operária), na Igreja do Carmo, na década de 1960, em apoio a d. Jorge Marcos de Oliveira, bispo da Diocese de Santo André

ocorreu por meio do laicato, com a criação, na década de 1930, da Ação Católica especializada, dividida em Juventude Operária Católica (JOC), Ação Católica Operária (ACO) e, posteriormente, Juventude Universitária Católica (JUC). A Ação Popular (AP) rompeu em 1970 com a cúpula do Catolicismo por divergências ideológicas.

A diocese de Santo André foi criada em 1954, e seu primeiro bispo foi responsável pela inserção das igrejas da diocese no processo de amadurecimento das práticas do Catolicismo. Inicialmente, esta inserção utilizou o método de ver, agir e julgar a realidade na qual a população se inseria. Maria Gorete Frazão, no texto *Da Doutrina Social ao Movimento Popular: 50 anos da diocese de Santo André*, publicado em *Raízes* 29, destaca que d.Jorge Marcos de Oliveira “havia estudado no Seminário Central do Ipiranga, que desde sua criação, tinha como objetivo principal se tornar referência na formação sacerdotal de todo o país. Além de ser bispo auxiliar de um dos Cardeais mais importantes do Catolicismo contemporâneo, o Cardeal Leme, que idealizou a CNBB”.

As práticas inauguradas pela Doutrina Social da Igreja deram frutos

importantes, e tal ação recebeu continuidade de outros bispos que atuaram na região do ABC, pois conseguiu gerar condições para o amadurecimento da mentalidade dos membros envolvidos nos movimentos leigos especializados.

Não podemos esquecer da atuação de d.Cláudio Hummes nas greves de 1979 e 1980, quando as portas das paróquias foram abertas para arrecadação de alimentos. Seu apoio a essas mobilizações operárias e populares foi de suma importância para superar a cultura do medo que havia se instalado em todas as esferas da sociedade. Em seu *Relatório aos bispos: Presença da Igreja na greve dos metalúrgicos do ABC em 1980*, o então bispo diocesano, justificando o apoio que esse movimento recebeu da instituição, diz: “A Igreja apoiou a greve porque suas reivindicações eram justas e seus métodos pacíficos”. Em outro trecho de seu relatório, o governo faz declarações dizendo que essa greve não envolveu toda a Igreja, e que tal postura se encontra isolada, sendo apenas da diocese de Santo André e de um único bispo.

No documento, o cardeal declarou seu apoio ao movimento: “(...) tanto maior foi à irritação das áreas governamentais quando surgiu o apoio total e forte do



D. Cláudio Hummes, bispo da Diocese de Santo André entre 1975 e 1996. Concedeu apoio à greve dos metalúrgicos do ABC, em 1980. Foto de 22 de dezembro de 1979

Cardeal Arns, bem como da CNBB. Então o governo declarou que a CNBB não é a Igreja e que o cardeal incitava a greve”.

Essa postura foi tomada porque os operários da região que atuavam nos movimentos da Igreja sofreram duramente com perseguições, torturas e prisões, como relatou o padre Emílio Rubens Chauseraux, que se engajou nas mobilizações: “(...) havia aqui no ABC, grande perseguição de operários, contra os operários, surgido de dentro da Igreja, lideranças de igreja sendo presas, uma série de coisas... Muita perseguição... Então convocamos o bispo para deixá-lo ciente dos acontecimentos, nessa reunião estavam vários padres da região. Os padres pediam que d.Cláudio se manifestasse publicamente. Ele acabou indo, e no dia seguinte, d.Cláudio estava na porta da Volkswagen, aquela célebre fotografia dele enfrentando a repressão, os militares estavam lá na frente dos operários, e isto saiu nos jornais, revistas, na televisão, d.Cláudio é visto”.

A ação social diocesana foi impulsionada com a JOC, a ACO, da

Pastoral Operária PO e os Círculos Operários Católicos. Até o início dos anos 60, buscou-se refletir a realidade por meio do Evangelho, sem se dirigir aos sindicatos na região. A coordenação Sindical só passou a fazer parte dos objetivos do movimento em 1961: até esse período só se cooptava membros para o movimento.

O Catolicismo estava envolvido no projeto do governo de João Goulart e suas *Reformas de Base*. Para Edgard Luiz de Barros, na obra *O Brasil de 1945 a 1964*, o principal objetivo era: “(...) enfrentar alguns dos grandes impasses do processo capitalista no Brasil, modernizando relações arcaicas e ampliando a participação na vida nacional”.

Por parte dos grupos conservadores nacionais houve resistência considerável a tal projeto de reformas. Formulou-se um discurso ideológico dizendo que o projeto possuía caráter *comunista e revolucionário*, sendo um verdadeiro perigo à ordem conservadora da sociedade.

Os jocistas, integrantes da Juventude Operária Católica, atuavam nas fábricas e bairros e se preocupavam com elementos pertencentes a sua realidade. Tanto os jovens envolvidos nos movimentos operários, quanto os membros da instituição eclesial, haviam amadurecido em suas práticas, fortalecendo cada vez mais o desenvolvimento da ação social católica na transformação da mentalidade e no reconhecimento das contradições da vida moderna no pólo industrial do ABC.

O ABC encontrava-se na seguinte situação sócio-econômica: crescimento desordenado que dera origem às favelas e processo de migração, no qual os migrantes vinham para a região acreditando numa mudança da realidade, encontrando aqui uma situação opressiva. Foi neste momento em que alguns padres da região passaram a trabalhar diretamente nas favelas, utilizando o evangelho para refletir a dura realidade.

O primeiro movimento brasileiro de favelados teve início na região do ABC, como lembrou o padre Emílio Rubens,

envolvido em tal mobilização: “então, vamos acolher o pobre. Então, aí, começu a defesa de uma primeira favela que estava para ser despejada, depois dessa primeira favela, outras favelas começaram a ver que conseguimos vencer, juntos com os favelados. Sem nenhum tipo de violência, sem nenhuma influência do Partido Comunista, de quem quer que seja. Surgindo assim o primeiro lugar, o Quilombo dos Palmares, que se disseminou inicialmente por todo o ABC, nas favelas de São Bernardo do Campo, aqui em Santo André, em todo o ABC”.

Havia na região vários movimentos ligados à Igreja, mas não há registro de todos pela dureza do regime. Desta forma, eles se reuniam, mas não registravam seus encontros, como citou o inicialmente leigo, e depois padre da região, José Pedro de Jesus: “foi através de Monsenhor Antunes que começou a me ajudar conhecer um pouco melhor, o quê é que estava atrás, de toda essa história que julgava alguns bispos, padres e leigos, como sendo comunistas. Eu me lembro, muito bem, que ele me convidou a participar de algumas reuniões. Para eu conhecer, ele disse: vai conhecer as pessoas e depois dar sua opinião. Se o que eles falam é contra a Igreja. Bom... a partir daí, eu resolvi me aprofundar nessa questão”.

A partir de 1968 retomou-se uma postura de militância similar ao início da ação social: cooptação em pequenos grupos que refletiam a realidade por meio da fé, como lembrou Fátima Araújo, uma participante da Cebis (comunidades eclesiais de base) e, posteriormente, do movimento popular em São Bernardo do Campo: “olhar, ver a realidade, para mim refletindo sobre o Evangelho, eu descobri, assim, que Deus não quer isso. Porque a nossa atuação era necessária, mas também a ideologia... A gente descobriu através do Evangelho a vontade de conhecer (...), mas também precisamos mudar a lei, fazer projetos, elaborar projetos de acordo com as necessidades da população... Não aceitar

principalmente a ditadura militar e o que vinha, estava aí, e a gente não poderia deixar da forma que estava... porque se eu não estivesse participando da igreja renovada, depois dos movimentos populares, eu não teria sido capaz de entender as questões em que vivíamos”.

De maneira geral, foram movimentos desenvolvidos na esfera micro-social, ou estavam ligados diretamente ao cotidiano de seus membros. O raio de atuação das mobilizações tinha como objetivo fazer com que seus agentes reconhecessem a dimensão dos problemas enfrentados, em uma esfera que ultrapassasse as barreiras de sua realidade, atingindo uma esfera macro-social. Essas questões possuíam uma dimensão muito mais abrangente, na qual a ação social produziu apenas condições para o reconhecimento dos problemas e mostrou como acessar essa nova dimensão. Todavia, a exclusão social continua permeando a realidade das camadas populares no país e os movimentos populares não conseguiram ser absolvidos em sua totalidade pela esfera pública.

(*) *Maria Gorete Soares Frazão é graduada em História pela Universidade do Grande ABC*

Documentos

Arquivo da Cúria Diocesana.
Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.
Arquivo do Estado de São Paulo.
Relatório de D.Cláudio Hummes. Santo André: 1980.

Entrevistas

Pe. Emílio Rubens Chauseraux. Entrevista concedida à autora em maio de 2002, em Santo André.
Fátima Araújo. Entrevista concedida à autora em setembro de 2001, em São Bernardo do Campo.
Pe. José Pedro de Jesus. Entrevista concedida à autora em agosto de 2002.
Pe. Afonso Birk S. Entrevista concedida à autora em outubro de 2002.
Pe. Belizario da Silva. Entrevista concedida à autora em julho de 2002.

Referências bibliográficas

BARROS, Edgard Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
FRAZÃO, Maria Gorete S. Da Doutrina Social ao Movimento Popular: 50 anos da diocese de Santo André. *Raízes*. n° 29. São Caetano: Fundação Pró-Memória, 2004.
SERBIN, Kenneth. *Diálogos na Sombra*. São Paulo: Cia da Letras, 2001.
SOUZA, Luiz Gomes de. A Caminhada de Medellín a Puebla. *Perspectiva Teológica*, n° 31, 1999.

Lazer, turismo, folclore e tradições populares no Brasil

O deslocamento humano, tal como o que ocorre nas atividades de lazer e turismo, independentemente do seu motivo, inclui elementos culturais a serem consumidos dentro de sua rica cadeia produtiva que envolve dezenas de setores econômicos. Seja pelos atrativos naturais, ou pelos atrativos históricos e culturais de museus, bibliotecas, arquivos, monumentos, pela arquitetura, pintura, escultura, pelas ruínas e outros legados, ou mesmo por meio de festas, comemorações, comida típica, artesanato, feiras, mercados e folclore local, que fazem parte das manifestações tradicionais e usos populares, sempre haverá consumo cultural.¹

O turismo é a modalidade dos deslocamentos e retornos ao domicílio original, das viagens de lazer, do tempo de não trabalho. E são características das sociedades industriais o lazer e o turismo, tanto quanto a preservação ou a conservação do patrimônio cultural.²

A esse patrimônio cultural encarado como algo maior, superior, intangível, que o visitante carrega na memória, e não na mala de viagem, agregam-se distintos meios de hospedagem, alimentação, entretenimento e

serviços turísticos diferenciados prestados pelas agências de viagens, transportadoras, locadoras, pelo comércio e pelas oportunidades especiais de compras que fazem parte da identidade³ local e herança cultural dos povos.

Essa forma de conhecimento, destacada por crenças, valores, normas, símbolos, datas, eventos, músicas, danças, roupas, leis, tradições e hábitos nativos, constitui uma aura que distingue povos e comunidades. Trata-se de algo forte, poderoso, de grande atração e interesse cultural, motivando a vontade de conhecimento e justificando o deslocamento humano.

É, portanto, de suma importância descobrir algo mais sobre a cultura das localidades receptoras dos fluxos humanos, observando o que faz com que uma região venha a ser mais ou menos demandada por níveis diferentes de segmentos de visitantes, tomando por base a multiplicidade de elementos da sua oferta, de seu patrimônio global que irá agregar valores sociais e econômicos para o desenvolvimento local com base na atividade de lazer e turismo. São estas especificidades ou traços identi-

tários que movem as buscas e fomentam desejos.

Claude Lévi-Strauss explica que: “Ora, a cidade é primeiramente um espaço, talvez indiferenciado antes que homens o ocupem; mas a maneira como, ao longo dos séculos ou dos anos, eles escolhem se distribuir nesse espaço, a maneira como as diversas formas de atividade política, social, econômica se inscrevem no terreno, nada disso se faz ao acaso, e é apaixonante investigar se as cidades se diferenciam em tipos e se é possível discernir constantes em sua estrutura e seu desenvolvimento”.⁴

Para que o turismo seja um agente possibilitador da melhoria de vida, da localidade e do visitante, é fundamental a educação patrimonial. A mediação dos sujeitos sociais alcançada pela educação patrimonial possibilita a salvaguarda e o incentivo das práticas relacionadas aos saberes e aos modos de fazer geradores de identidade cultural.⁵

Entendimento sobre cultura

Quando se fala em cultura está se pensando em indivíduos dentro de um processo social dinâmico que é a sociedade, interagindo com valores de diferentes expressões, caracterizados pelas crenças, rituais e tradições que passam de geração a geração. É, portanto, algo mutável e que pode acontecer assumindo as mais variadas formas de expressão, pois é a própria comunidade que permite essa ocorrência ao participar – direta ou indiretamente – na transmissão e divulgação dessas experiências culturais.

A palavra cultura tem origem latina, vem do verbo *colere*, que significa cultivar. Com o passar do tempo passou a ser utilizada no sentido de refinamento pessoal ou educação elaborada. O sentido de cultura surge em oposição à barbárie, como marca própria da civilização, mas pode ser considerado também como todas as maneiras de existência humana.

A variedade das vivências humanas faz com que cada cultura seja o resultado de uma história particular, incluindo as relações com outras culturas e as possibi-



lidades de movimentação em direção ao futuro. A discussão sobre cultura está muito ligada à constatação da diversidade e às forças sociais que movem a sociedade.⁶ A formulação da cultura, portanto, implica necessariamente confrontos, tensões, disputas, consenso e negociações.

O fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis não quer dizer que não se transformem, que não tenham sua dinâmica. Nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental.⁷

O resgate da cultura, dos valores e tradições de uma localidade pode manter ativas as referências culturais de um município ou de um grupo e transformar-se em um potencial produto turístico capaz de auxiliar na construção da história da comunidade.

Cartaz de divulgação da festa do Círio de Nazaré, de 2005.

Considerada a maior procissão católica do mundo, é realizada em Belém do Pará, no segundo domingo de outubro.

Homenageia a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e faz parte do patrimônio cultural de natureza imaterial do Brasil

Motivação cultural para o lazer e o turismo

A motivação cultural para o lazer e o turismo está presente em qualquer pessoa uma vez que exercerá concomitantemente a função de agente aculturador e de elemento suscetível de sensibilização por culturas outras que a sua própria.

Se os visitantes forem preparados e alertados para observar e acompanhar as tradições culturais, os saberes e os fazeres de um determinado grupo, poderão apreciar e interagir com melhor compreensão, adotando posturas éticas que não venham a comprometer a continuidade das práticas culturais. Entretanto, os turistas sempre trazem seu próprio comportamento e seu poder de influência e, muitas vezes, se aproximam das comunidades como se fossem invasores que, segundo Jost Krippendorf, “não vêm com canhões ou espadas. Eles vêm com a droga, o dinheiro e os costumes estrangeiros”.⁸

O interesse causado pelos atrativos de valor cultural de uma localidade pode atrair visitação para bens patrimoniais – materiais ou imateriais – que ofereçam referencial cultural ou histórico, tais como: monumentos, obras de arte, museus, bibliotecas, feiras de artesanato, festas etc. Esses bens podem se converter em atrativos turísticos capazes de gerar riqueza e emprego, mas se torna necessária especial atenção à sua conservação e manutenção, garantindo a possibilidade de existência desses bens para a população residente e para as gerações futuras.^{ix}

O lazer e o turismo cultural podem gerar renda para os municípios e, também, a manutenção da cultura das comunidades. Pode produzir melhoria na auto-estima da comunidade e, conseqüentemente, melhoria da qualidade de vida da população local.

Entendimento sobre patrimônio

A palavra patrimônio está associada à noção de sagrado ou à noção de herança, de memória do indivíduo, de bens de família. A idéia de um patrimônio comum a um grupo social, definidor de sua identidade

e, enquanto tal, merecedor de proteção, nasceu no final do século 18, com a visão moderna de história e de cidade.¹⁰

O Estado secularizado atua no sentido de congregar seu povo, reunindo em torno de sentimentos de pertencimento, induzindo ao que se poderia chamar de uma *sacralidade* do patrimônio. Em outras palavras, o bem decretado como representativo da cultura torna-se superior e emblemático.

Ultrapassam-se a monumentalidade, a excepcionalidade e mesmo a materialidade como parâmetros de proteção, para abranger o vernacular, o cotidiano, a imaterialidade, porém, sem abrir mão de continuar contemplando a preservação dos objetos de arte e monumentos eleitos ao longo de tantos anos de trabalho como merecedores da especial proteção. Passa-se a valorizar não somente os vestígios de um passado distante, mas também a contemporaneidade, os processos, a produção.

O patrimônio cultural, considerado em toda a amplitude e complexidade, começa a se impor como um dos principais componentes no processo de planejamento e ordenação da dinâmica de crescimento das cidades e como um dos itens estratégicos na afirmação de identidades de grupos e comunidades, transcendendo a idéia fundadora da nacionalidade em um contexto de globalização.¹¹

O Brasil é um país urbano e industrializado que continua recebendo influências do exterior, mas que também é um exportador de cultura.

Patrimônio material e imaterial

A concepção antropológica moderna de cultura dá ênfase às relações sociais, às trocas simbólicas e não, especificamente, aos objetos materiais e às técnicas.

Não há, contudo, patrimônio que não seja, ao mesmo tempo, condição e efeito de determinadas modalidades de autoconsciência individual ou coletiva.

Os bens culturais estão impregnados de sentidos que vão além de sua materialidade. A razão de um monumento ser considerado um patrimônio cultural está

não apenas em sua materialidade, mas na demonstração da engenhosidade humana que contém sua construção e, geralmente, no simbolismo que lhe é atribuído. Da mesma maneira, não há bem cultural de natureza imaterial que não se materialize de alguma forma, mesmo que frugalmente.

A distinção entre patrimônio material e imaterial surge em função de um processo histórico que se desenvolve para encorajar e valorizar a salvaguarda de bens culturais menos sólidos quanto aos seus materiais formadores – que não correspondem à noção tradicional de monumento¹² –, e que podem ser significativos para uma pequena comunidade.

A expressão “imaterial” é adotada pela legislação federal brasileira, mas compreendem-se como sinônimas as expressões “patrimônio intangível”, “cultura tradicional e popular” ou “patrimônio oral”, todas igualmente problemáticas e simplificadoras do ponto de vista conceitual.

As duas primeiras expressões procuram realizar uma delimitação em oposição ao chamado patrimônio material, ou construído, pretendendo ressaltar a importância dos processos de criação e manutenção do conhecimento, o processo de criação sobre o resultado, embora este seja sua expressão indubitavelmente material. A principal crítica a estas expressões é que desconsideram o resultado da manifestação e suas condições materiais de existência.

Folclore e tradições populares no Brasil

As manifestações culturais tradicionais são um resíduo da cultura de outras épocas ou lugares e, como afirma Cláudio Basto, “o povo é um clássico que sobrevive”¹³, mas acrescentaríamos a esta idéia a de que o povo sobrevive, mas sobrevive com as mudanças condicionantes de sua época na história.

A cristalização absoluta dos saberes é quase impossível, existe um “eterno desaparecimento”¹⁴, afinal, cultura é um processo dinâmico, em constante transformação. Saberes do mundo globalizado e



novas tecnologias vão influenciando diretamente nas culturas regionais, podendo transformá-las ou, até mesmo, levá-las ao seu término.

A Organização Mundial do Turismo afirma que: “Costumes e tradições locais poderão ser afetados pela atividade turística desenvolvida na região, tanto pelo aparecimento de novos hábitos que virão com os turistas, quanto pelo desejo dos moradores de adaptar seus próprios costumes aos gostos, momentos e anseios dos visitantes”¹⁵.

O folclore e as tradições populares são considerados quase exclusivos de uma fração específica do povo: pescadores, camponeses, lavradores, bóias-frias, gente da periferia das cidades. No entanto, essas modalidades são praticadas cotidianamente por intelectuais, pessoas urbanas, profissionais liberais que manifestam um gesto, cantam uma canção de ninar e pronunciam provérbios. O folclore e as tradições populares se manifestam nos vários domínios do saber, da expressão e da comunicação, valorizando o que há de original, criativo e inteligente em cada manifestação uma vez que a cultura de um povo é viva e está em constante transformação.

Dotados de impressionante e opulenta diversidade cultural, a beleza das festas folclóricas e das tradições populares brasileiras é evidente e constitui um atrativo para os turistas. Com música e dança, roupas e apetrechos, reconstituem-se lutas e rendem-se homenagens aos heróis, personalidades e mitos. Entre as principais

Apresentação de quadrilha durante a festa de São João, em Campina Grande, na Paraíba. O evento atrai inúmeros turistas, constituindo-se numa das principais manifestações folclóricas do Brasil

festas podemos incluir o Carnaval, a Festa do Divino, o Círio de Nazaré, as Festas Juninas, entre outras, todas elas constituem um grande patrimônio cultural de nosso país.

Como manifestações culturais, o folclore e as tradições populares brasileiras refletem a complexidade desses recursos e indicam as dificuldades na nomeação e registro das mesmas como bens culturais com *status* de patrimônio oficializado, principalmente por suas peculiaridades, envolvendo a intangibilidade, particularmente, do turismo cultural.

A reiterada preocupação nas “raízes luso-brasileiras” e na tradição – e sabemos que elas são inventadas – não deixou de acalantar a nostalgia do passado escravista, embora pontualmente se condene a “instituição”, mas dificilmente os seus beneficiários. Rejeitou o legado dos descendentes dos imigrantes, portadores de outras culturas, e os fazeres das camadas populares que não se adequassem às soluções vinculadas à tradição.¹⁶

Finalmente, as mudanças adotadas pelo IPHAN a partir dos anos 1980 incorporaram outros elementos, sobretudo os bens de origem popular, os seus fazeres e, bem mais recentemente, o patrimônio

imaterial, com as festas, as danças, as procissões, a gastronomia etc. De alguma forma quebrou-se a hegemonia do patrimônio de “pedra e cal” e da presença exclusiva de arquitetos para a definição dos bens patrimoniais.¹⁷

Considerações finais: patrimônio como produto turístico

O valor simbólico que atribuímos aos objetos ou artefatos é decorrente da importância que lhes atribuímos a memória coletiva. É esta memória que nos impele a desvendar seu significado histórico-social, refazendo o passado em relação ao presente, e a inventar o patrimônio dentro de limites possíveis, estabelecidos pelo conhecimento.¹⁸

O patrimônio cultural é um produto turístico que exerce sobre o consumidor forte atração em função de seu caráter diferencial, mas isoladamente ele não garante o turismo, porque para isto ele deve estar cercado da estrutura de suporte que inclui os serviços turísticos, a infra-estrutura básica de apoio ao turismo.

O mercado dominante no turismo cultural é formado por consumidores de interesse geral, que usufruem as visitas culturais como uma parte de suas atividades diárias inseridas num contexto recreativo. Os turistas “especialistas em patrimônio” constituem, segundo Ted Silberberg, um mercado secundário.¹⁹

A esperança do turismo cultural é que ele ofereça exatamente o contrário do turismo massivo: menos gente, visitando menos lugares, mais devagar, reunindo menor número de experiências, com maior qualidade; recebendo mensagens mais detalhadas sobre o significado de lugares e manifestações que poderão ser igualmente aproveitadas pelas comunidades em seus momentos de lazer.

Notas

¹ LAGE, Beatriz; LEITE, Edson. Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. In: AJZENBERG, Elza (coord.). *Arteconhecimento*. São Paulo: MAC-USP; Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, 2006.

² CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 15.

³ O conceito de identidade neste texto é entendido como o conjunto de elementos e processos através dos quais as pessoas se identificam e demonstram pertencimento ou não a uma comunidade em particular, estabelecendo um diferencial material ou ideológico com quem não pertença a seu grupo social. Este conceito implica, contudo, numa manifestação em constante processo de recriação. HALL, Stuart. Introduction. Who needs 'Identity'. In: HALL, S.; GAY, P. (Ed.). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage, 1996.

⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13.

⁵ FARIAS, Eny Kleide Vasconcelos. A construção de atrativos turísticos com a comunidade. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002, p. 62.

⁶ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 2.

⁷ SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 47.

⁸ KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000, p. 100.

⁹ ORAMAS, Alicia Hernández. El papel del patrimonio en el progreso económico, social y cultural. El caso particular del turismo. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 2, n. 2, 2004, p. 307-310.

¹⁰ BABELON, J. P.; CHASTEL, A. *La notion de patrimoine*. Paris: Liana Levi, 1994.

¹¹ SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. *São Paulo Perspectiva*. São Paulo, v. 15, n. 2, 2001, p. 44.

¹² Construções materiais com monumentalidade e excepcionalidade.

¹³ BASTO, Cláudio, apud CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição: ciência do povo*. São Paulo: Perspectiva, 1967, p. 18.

¹⁴ ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 21.

¹⁵ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). *Op. cit.*, 2001, p. 169.

¹⁶ CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 91.

¹⁷ CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 92.

¹⁸ CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 30-1.

¹⁹ SILBERBERG, Ted. Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. *Tourism Management*. Londres, v. 16, n. 5, p. 361-365, 1995.

(*) Edson Leite é professor-doutor do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (USP) e do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP)



**Os
óculos
que você procura
estão na**

**CENTRAL DE ÓCULOS
NOVA GERTY**

Especializada em lentes DEGRADÉ, BI-FOCAIS e OCULOS DE SEGURANÇA. O melhor preço do ABC. Compre seus óculos e só comece a pagar a partir de um mês. Aliança sobre encomendas com um sofisticado estojo e bandeja de Prata e com garantia da (GOMES).
Rua Visconde de Inhauma n.º 1170, fone: 441-4488 e 441-4651 — São Caetano do Sul — Nova Gerty.

**DE ÔLHO
NOS
ÓCULOS**

Central de Óculos Nova Gerty – Folha de São Caetano, 9 de outubro de 1976, ano I – nº 15

NATAL



É o velho pastor, contemplando o firmamento, apontou com seu cajado que apascentava as docês ovelhas, uma misteriosa estrela a reluzir no céu. Era a estrela de um novo mundo, mundo de uma nova vida, vida de mais esperanças. Era a luz do primeiro altar cristão e o fulgor dos milagres de Jesus, era ainda aquela misteriosa estrela a anunciadora celeste apontando uma estrada: a da Verdade; apontando um berço: o da Justiça, do Bem e da Verdade.

Viram-na os reis magos de seus palácios, viram-na o povo safredor de Jerusalém e viram-na, outrossim, os próprios inimigos do Redentor. Os laços e os rios da Palestina refletiram-na em esplendores de luz e a ponta das lanças da soldadesca corruscou-se temerosa pelo seu diuino clarão. Todos, num olhar de espanto, a contemplaram e todos diziam:

"Nascera o verdadeira filho de Deus".

DAL'MAS S. A.
INDÚSTRIA AGRO-QUÍMICA BRASILEIRA

Deseja aos seus Amigos e Freguezes, Boas Festas e um Ano Novo próspero e repleto de felicidades

Rua Herculano de Freitas, 425
Telefone 225 - Caixa Postal, 40

São Caetano - E. F. S. J.
Estado de São Paulo

Natal Dal'Mas - Jornal de São Caetano, 25 de dezembro de 1948, Ano III – nº 67

Aquarelas e aguadas

Acervo: Beyla Medina



Obra: *Juegos de Ayer*
Artista: Beyla Medina
Aquarela sobre papel
57 X 77cm
2007
Mostra Internacional de Aquarela - Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

A palavra aquarela evoca imagens ligadas à leveza, à suavidade, às cores delicadas e diluídas. Mas a palavra aquarela também pode evocar lembranças não tão agradáveis: ao lado dos lápis-de-cor, por muitos anos, estiveram presentes nas listas dos primeiros materiais escolares certas cartelinhas de papelão em formato de paleta, tendo, presas sobre elas, coloridas moedinhas.

Essas moedinhas duras e resistentes eram pregadas à paleta, que logo ficava tingida de inúmeras cores. As moedinhas de seis ou doze cores eram lindas, porém impenetráveis. Mesmo seguindo as reco-

mendações da professora, o pequeno aluno tentava obter algo como tinta, apertando o pincel molhado sobre aquele pigmento que parecia ter sido solidificado em cimento. Para desespero maior, os pincéis logo se desfaziam, perdendo seus já raros fiapos nas primeiras tentativas de serem utilizados.

Muita frustração e quase nenhum resultado eram obtidos com o uso dessa *ferramenta de iniciação* à pintura em papel. Talvez, muitos jovens alunos sentiram a sensação de que jamais poderiam lidar com tintas e pinturas. Afinal, água e papel são materiais tão ligados, mas chegam a ser incompatíveis antes de ser encontrada a



*Obra: Bambu
Autora: Suely Shiba
Sumi-ê
2008*

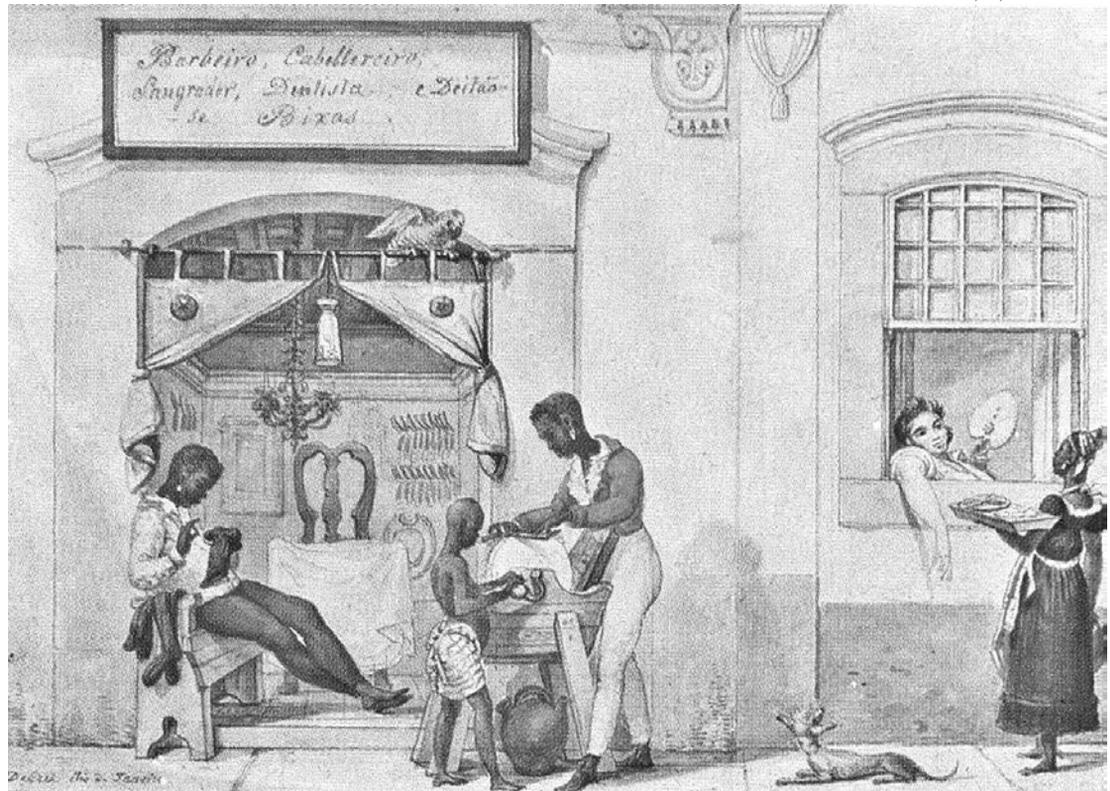
medida certa, o ponto em que a água não desfaça o papel e este não se transforme, até simplesmente desaparecer.

Vamos esquecer aos traumas provocados pelas simpáticas, mas indelévels, cartelinhas em forma de paleta, que, quando crianças, conhecemos como aquarelas. Afinal, hoje elas são apenas um acessório a mais em meio à grande oferta de outros recursos para frustrar e originar ansiedades nas crianças, mas, algumas vezes, também provocam certos prazeres estéticos.

Vamos falar de uma linguagem artística que oferece ao artista uma variada

gama de possibilidades de transmitir suas emoções, usar sua técnica e produzir trabalhos de grande beleza. Manifestar suas inquietudes, propor inusitados questionamentos, criar, enfim, uma obra de arte. A aquarela é uma linguagem artística na qual se utiliza pigmento dissolvido em água, geralmente aplicado sobre papéis.

No momento em que o artista faz a escolha da linguagem e dos materiais, a obra começa a ser produzida. Ao escolher, o artista sabe quais resultados poderá obter com aquele suporte, aquele material, aquela técnica. Técnica que ele conhece e domina. Como o escritor seleciona as



Obra:
 “Loja de barbeiro,
 RJ, 1821”
 Artista:
 Jean Baptiste
 Debret (1768-1848)

palavras e as dispõe em sentenças para dar sentido ao seu pensamento ao compor um texto, o artista plástico escolhe os materiais com os quais vai trabalhar para se expressar. No caso da aquarela, criar com água, ou a partir da água do pigmento nela dissolvido.

A aquarela é tão idosa que sua origem se perde no tempo. Podemos apreciar obras e documentos dos séculos 10 e 11, criados na China e no Japão para imperadores e monges, que assim desfrutavam do prazer do contato com essas obras produzidas em papel.

O sumi-e¹, por exemplo, é uma técnica milenar, uma forma de aguada que apresenta grande dificuldade, pois, assim como os trabalhos em aquarela, é realizado com gestos precisos, pinceladas que não podem ser refeitas.

E a aquarela é também tão jovem como os artistas contemporâneos que dela se utilizam.

E o papel, esse suporte primoroso que surge a partir da matéria orgânica - cereais ou fibras vegetais que se compõem

para formar superfícies lisas ou rugosas, com variados graus de absorção e gramatura - é tão importante que há necessidade de certa dose de arte também para produzi-los. São papéis que têm linhagem e nomes ligados à sua origem. Como exemplo, o washi², papel produzido a partir das folhas dessa árvore nativa do Japão, elaborado há mais de mil anos e que ainda pode ser encontrado no fazer de alguns artesãos, apesar de, atualmente, também ser produzido pela indústria.

Não só aquarelistas criam obras com a aquarela, mas também os ilustradores. Muito antes do uso das câmeras fotográficas e das poderosas impressoras, que hoje nos oferecem bilhões de combinações de cores, artistas usaram a aquarela para enriquecer com imagens obras literárias, preciosos compêndios científicos ou relatos de viagens.

Há aquareladas descrições de plantas, insetos ou pássaros que saíram dos livros de botânica para nos ensinar a ver melhor o mundo que nos cerca. Há também

¹ Sumi-e: pintar com tinta preta. Uma técnica de pintura tradicional do Japão, fundamentada na filosofia zen-budista. Representa a simplicidade, a harmonia e a humildade. In: SANTA ROSA, Nereide Schilaro. *Papel e Tinta: Artes do Japão*. São Paulo: Callis, 2008.

² Washi - há obras em washi que datam do período Heian (794-1185)



Obra:
"Rico habitante de
São Paulo que
conduz suas mulas
carregadas de
açúcar"
1825
Artista:
Aime – Adrien
Taunay
(1803-1828)

o caso das expedições exploratórias, em que sempre estavam presentes ilustradores ou artistas para registrar em imagens os tipos humanos, as paisagens ou os animais encontrados nos recantos do mundo considerados exóticos e curiosos para o cientista ou o historiador.

Nas expedições científicas que vieram ao Brasil, homens da grande cultura (porque o desenho e a pintura faziam parte de seu cotidiano) visitaram nosso país entre 1700 e meados de 1800, percorreram muitos quilômetros e nos legaram obras em aquarela de inestimável valor. Franz Post, Albert Eckhout, Jean-Baptiste Debret, Karl Friedrich Philipp von Martius, Johann Moritz Rugendas, Aimé-Adrien Taunay e Hércules Florence, para citar apenas os mais conhecidos, deixaram relatos pictóricos, alguns rigorosamente realistas, outros espetacularmente fantasiosos, mas, indubitavelmente, de grande qualidade.

As obras em aquarela nos atraem também pela apurada técnica que precisa desenvolver o aquarelista. Quem não viajou

em águas transparentes e luminosas nas marinhas resplandecentes? Ou analisou, em um retrato, o pensamento, o caráter, o olhar do retratado?

Quem não percorreu com o olhar verdes e floridos campos, em paisagens advindas diretamente da imaginação do artista? Quem não penetrou em labirintos através de manchas coloridas, procurando a origem daquela iridescente luz, vinda não se sabe de onde, em uma composição que sugere processos mentais através de formas erroneamente consideradas abstratas?

Se você ainda não o fez, não perca a chance: procure uma mostra de arte. Procure conhecer a linguagem da aquarela, a linguagem da água, da terra, do gesto, da luz, da emoção.

(*) Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa, professora, designer gráfica, especialista em museus de arte. Atualmente é coordenadora da Pinacoteca Municipal da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

São Caetano o seu grande

Crédito: Família Rodrigues Neves



Luiz Rodrigues Neves

Foto de infância de Luiz Rodrigues Neves em Santo Antônio do Pinhal, em 1931. Ele chegou a São Caetano três anos depois, aos 15 anos de idade

perdeu líder

O falecimento de Luiz Rodrigues Neves, ocorrido dia 23 de julho de 2008, causou profunda consternação em São Caetano do Sul. Inteligente, afável, honesto e sempre dedicado ao trabalho, destacou-se como diretor de empresas, político e chefe de família exemplar. Sua perda deixa uma lacuna em nossa cidade que dificilmente será preenchida.

Nascido em 11 de novembro de 1919, no sítio Catingueiro, sub-distrito de Santo Antonio do Jardim, município de Pinhal, era filho do casal Ana Victória e Antonio Rodrigues Neves. Chegou em São Caetano em 1934, com 15 anos de idade, e foi residir com uma tia que já morava em nossa cidade.

Trazia algumas roupas e um caderninho medindo 9x14 centímetros onde escrevia, em Pinhal e de próprio punho, poesias de Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Afonso Celso, Araújo Jorge, Olegário Mariano, Menotti Del Picchia e outros. Começou a procurar emprego, o que não era muito difícil de conseguir naquela época.



*Luiz Rodrigues
Neves como
sargento do Tiro de
Guerra nº 34, onde
atuou de 1939 a
1945*

Apenas dois empregos

O menino de Pinhal teria, em toda a sua vida, apenas dois empregos. Consta em sua carteira profissional nº 685144 que foi admitido na Fábrica de Rayon das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo em 12 de agosto de 1935, para exercer a função de office boy, ou seja, aprendiz de escritório. Em reconhecimento ao seu bom desempenho, galgou posições e, em 7 de setembro de 1962, era chefe de escritório, depois, assistente da administração, chegando a diretor.

Verificamos nessa mesma carteira profissional que se aposentou 30 anos



Luiz Rodrigues Neves empossado prefeito interino concede entrevista ao jornalista Mário Porfírio Rodrigues do Jornal de São Caetano

depois, no dia 31 de agosto de 1965. Ainda nesse documento está registrado o segundo emprego de Luiz Rodrigues Neves. Transcorridos apenas três dias, em 3 de setembro, assumiu as funções de diretor-comercial da empresa Produtos Alimentícios Nacionais S/A (PAN). Em 17 de outubro de 1972 foi promovido para diretor superintendente, onde permaneceu até 2002.

Destaque na coletividade

Sempre disposto e muito ativo, participou de vários e importantes empreendimentos, marcando fortemente a sua presença na coletividade sul-sancaetanense, conforme enfatizamos no início deste artigo. Passaremos a comentar, em especial, cinco atuações importantes de Luiz Rodrigues Neves: Tiro de Guerra, *Jornal de São Caetano*, Hospital Beneficente São Caetano, Movimento Autonomista e Câmara Municipal.

Pertenceu a inúmeras associações, algumas com cargo de diretoria, participando, colaborando e incentivando entidades como a Associação Esportiva do Matarazzo, Lions Club, São Caetano

Esporte Clube, Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (ACASCS), Clube Comercial e vários outros, além de diploma de Honra ao Mérito do Clube dos Castores.

O sargento do Tiro de Guerra

Para ficarem desobrigados de permanecer um ano servindo o Exército Nacional, os sancaetanenses se alistavam no Tiro de Guerra nº 34, localizado em Santo André. Recebiam aulas duas vezes por semana à noite e aos domingos pela manhã. De 1939 a 1945, em suas horas de lazer, Luiz Rodrigues Neves exerceu o cargo de sargento-auxiliar-instrutor do T.G. 34. Embora ambos - Luiz e o autor deste artigo - morássemos no bairro da Fundação, foi lá no T. G. que estreitamos nossa longa amizade.

Quando Walter Thomé e eu tivemos a idéia de fundar o *Jornal de São Caetano*, no final de 1945 e início de 1946, por sermos ambos menores de 21 anos de idade - o que era obrigatório na época - lembrei-me de convidar Luiz Rodrigues Neves para atuar como diretor-proprietário da publicação.

Com exceção de Osmar Pimentel, da escola em que Walter Thomé e eu estudávamos, que nos orientou quando pensamos na fundação de um jornal, Luiz foi a primeira pessoa consultada e convidada a participar do empreendimento.

O trio do *Jornal de São Caetano*

Luiz Rodrigues Neves aceitou prontamente e completou o trio que, além de lançar o *Jornal de São Caetano* em 28 de julho de 1946, junto com os irmãos Dal'Mas, iniciou e liderou a campanha para a construção do primeiro hospital beneficente da cidade e, em seguida, também convocou a população a se incorporar ao Movimento Autonomista que o *Jornal de São Caetano* liderou e que, em 24 de outubro de 1948, votou pela autonomia municipal.

Luiz Rodrigues Neves estava sempre na frente nos atos públicos dos quais participávamos, pois Walter Thomé e eu não tínhamos maioria plena como era exigido na época. Com quase sete anos a mais do que os dois, com voz firme e forte, possuidor de ótimos dotes oratórios, combinávamos como o jornal deveria atuar e ele defendia com ardor os temas delineados. Com a pena brilhante de Walter Thomé e essa atuação de Luiz Rodrigues Neves, todas as campanhas criadas pelo trio do *Jornal de São Caetano* em benefício da coletividade sancaetanense foram coroadas do mais completo êxito.

Vereador e prefeito

Desligou-se do semanário em 12 de fevereiro de 1949 para se eleger vereador da primeira Câmara Municipal do novo município. Foi reeleito em 1953 e em 1957, exercendo o cargo por 12 anos, quando abandonou a política. Escolhido em 1952 para presidir a Câmara Municipal, teve a oportunidade de substituir o prefeito que se licenciou para gozar férias. Assim, durante 30 dias foi prefeito municipal de São Caetano do Sul. Cabe a ele o privilégio de ter sido o primeiro prefeito-substituto do município. Durante esses 12 anos teve

oportunidade de tomar várias iniciativas de interesse da cidade.

Dedicação ao Hospital São Caetano

Fundamos juntos, em 7 de dezembro de 1946, a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, que construiu o hospital inaugurado em 25 de julho de 1954. Durante mais de 15 anos, o trio participou ativamente da direção da entidade, ocupando os mais variados cargos na diretoria e no conselho de administração. Luiz Rodrigues Neves foi eleito presidente da Sociedade em 1958. Continuou sempre, até a sua morte, emprestando a sua valiosa colaboração à Sociedade que fundou, presidiu e à qual sempre dedicou uma atenção muito especial.

Católico fervoroso, freqüentava a santa missa e comungava todos os domingos. Foi um ótimo chefe de família, muito dedicado, adorado pela falecida esposa, pelas filhas e filho, netas, netos e bisnetos, aos quais transmitia carinhosamente os seus bons exemplos da vida.

Para encerrar, a lembrança da frase mencionada em um dos seus últimos pronunciamentos em público. Foi em 16 de setembro de 1998, há 10 anos, na sessão solene que a Câmara Municipal dedicou ao cinquentenário da criação do nosso município. No discurso que proferiu da tribuna lembrou a idade provecta dos líderes autonomistas vivos e disse: “Não vamos mais ter condições de falar sobre o Movimento Autonomista, vamos aqui relatar alguns fatos dentro daquilo que a memória ainda nos permite”.

(*) *Mário Porfírio Rodrigues, administrador de empresa, escritor e membro do Rotary Club*

Homenagem ao professor

Paulo Tonini

Acervo/Paulo Tonini



O ano letivo de 1952 tinha início no Grupo Escolar *Senador Fláquer* no dia 5 de fevereiro, quando recebia todos os alunos das quatro séries do então curso primário. A grande emoção ficava por conta dos alunos do primeiro ano que, pela primeira vez, ingressavam naquele escola pela qual passaram figuras e personalidades da nossa cidade. Era a segunda escola primária da região do Grande ABC e hoje é a mais antiga em ação, tendo completado 88 anos de criação. O Senador Fláquer localiza-se na rua Heloisa Pamplona, 180, no bairro da Fundação e seu diretor, na época, era o professor Edson França Guimarães. A turma do primeiro ano “A” era formada por 47 alunos, geralmente dos bairros da Fundação e do Centro.

Todas as outras séries eram dirigidas por professoras e somente a pri-

meira era dirigida pelo professor Paulo Tonini, recém-formado, sério e muito competente, com uma didática moderna e prática no ensino das primeiras letras. Nossa classe sentia uma pontinha de inveja das outras turmas que tinham professoras, novas também, mas bonitas. É o que achávamos quando formavam as filas no pátio da escola, tendo as mestras à frente.

Lembro-me bem da primeira aula do professor Paulo, em que nos contou com maestria e criatividade a história da descoberta do Brasil, com a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral e da primeira missa oficiada pelo frei Henrique de Coimbra, fazendo nossa mente viajar. Ao chegar em casa queríamos contar aos nossos pais e irmãos o que havíamos aprendido.

No mês de maio, vinha o fotógrafo para registrar todas as turmas num álbum



com o diretor e o professor Paulo, sempre elegantemente vestido de terno e gravata. Guardamos essa foto até hoje e, de vez em quando, matamos a saudade vendo nossos colegas, apesar de a memória não ter guardado todos os seus nomes.

Hoje, temos a felicidade de termos o professor Tonini entre nós e podermos prestar essa homenagem ao mestre que nos ensinou os primeiros passos do conhecimento. A sua carreira não parou aí: tornou-se depois diretor de escola, mais tarde inspetor de ensino em nossa região, entre outros cargos. Tivemos a oportunidade, como jornalista, de publicarmos seus artigos na imprensa local, o que para nós foi uma grande satisfação.

A foto que publicamos hoje foi doada à Fundação Pró-Memória, onde irá se perpetuar, mas esses antigos colegas de bancos escolares ou seus parentes poderão ajudar na identificação, bastando comparecer à Fundação ou ligar para (11) 4223-4780.

Para encerrar, em nome dessa turma, auguramos muita saúde ao professor Paulo Tonini e queremos homenageá-lo com um pequeno texto que podemos chamar de:

Ao mestre com carinho

“Estender ao professor todo nosso amor e carinho é ainda pouco diante do significado mágico de seu trabalho de preparar seus alunos para a construção de uma sociedade mais humana, acolhedora e digna. Ensinando a pensar, revelando conteúdos e abrindo-lhes os caminhos do conhecimento, formam a identidade das gerações e abrem suas perspectivas para o futuro. Não há riquezas que possam pagar essa dívida, mas bastam algumas palavras: Muito obrigado, professor Paulo Tonini”.

Ano de 1952 - 1º ano “A” do Grupo Escolar “Senador Flaquer”. Da esquerda para a direita, de baixo para cima, primeira fila: 5º) Nairro Ferreira de Souza, 6º) Cláudio Geri. Segunda fila: 2º) Domingo Glenir Santarnechi, 3º) Toshio ?, 4º) Milton Martins, 5º) Prof. Paulo Tonini, 6º) Diretor Edson França Guimarães, 8º) Altevir Vargas Anhê. Terceira fila: 8º) Pedro Bonesso

(*) D. Glenir Santarnechi, jornalista, advogado, pesquisador da memória da região do ABC e presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Crédito/Antônio Reginaldo Canhoni



*Cleusa Elias
Corrêa durante
depoimento
fornecido em sua
residência, na
avenida Dr.
Augusto de
Toledo, no dia 2
de outubro de
2008*

Regendo lembranças - a trajetória acadêmica e profissional de

Cleusa Elias Corrêa



Cleusa Elias Corrêa apresentando-se ao lado de uma orquestra formada por músicos do Teatro Municipal de São Paulo, durante a cerimônia de formatura do curso de aperfeiçoamento de piano, do Conservatório Musical de Santana, em São Paulo, em dezembro de 1963

A história do ensino de música na cidade apresenta, entre os seus principais personagens, a professora Cleusa Elias Corrêa. Nascida no bairro do Ipiranga, em São Paulo, no dia 24 de março de 1939, foi fundadora do Conservatório Musical de São Caetano do Sul, a primeira escola do gênero, reconhecida pela Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo, a funcionar no município. No depoimento fornecido à Fundação Pró-Memória, a professora recordou sua trajetória acadêmica e profissional, brindando-nos com lembranças do trabalho que desenvolveu em prol da arte musical. Ao longo da entrevista, demonstrou amplo domínio sobre sua memória, como se estivesse regendo os fatos do passado, revelando-nos todos eles com a mesma maestria com a qual conduziu inúmeros concertos no decorrer de sua carreira.

Estudos

“Em 1950 eu vim para São Caetano. Naquela época, a cidade tinha muito terreno. Havia uma construtora que estava fazendo casas no bairro Santa Paula, que, na época, era Vila Paula. Meu pai, então, comprou uma casa dessa construtora e mudamos para cá. Eu tinha 11 anos”, contou.

Instalada na cidade, mais precisamente na rua Tiradentes, a família foi se adaptando à nova moradia. Nessa época, Cleusa já se dedicava à música. Aliás, sua iniciação nos estudos musicais deu-se quando tinha apenas seis anos. “Meus pais me colocaram para estudar piano com a professora particular Emanuela Ciasca, que era amiga da família. Quando eu estava com uns 12 anos, fui para o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde continuei os estudos e me formei, em 1956. Após ter concluído o curso de piano, eu continuei no conservatório para cursar composição e regência”, lembrou. Nesse período, a professora passou também a frequentar o curso de alta interpretação e estágio supervisionado de ensino pianístico com a professora Magdalena Tagliaferro.

Nessa nova fase de sua formação, Cleusa Corrêa conheceu o maestro Tullio Colacioppo, de quem viria a ser, anos depois, professora assistente no curso superior da Faculdade de Música Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo. Cleusa destacou que a entrada do maestro Colacioppo no Conservatório Dramático e Musical ocorreu em caráter excepcional. “Ele veio substituir o professor de composição e regência que havia ficado doente. Eu gostei muito das aulas dele, mas,

Concerto sob a regência da professora Cleusa durante a cerimônia de formatura da primeira turma dos cursos de piano e acordeão do Conservatório Musical de São Caetano do Sul. Na ocasião, os formandos apresentaram-se ao lado de uma orquestra composta por músicos do Teatro Municipal de São Paulo. O evento ocorreu no Teatro Santos Dumont, em 1964



como o meu casamento estava próximo, eu tive de interromper o estudo”.

Todavia, tal interrupção não foi definitiva. Posteriormente, a professora Cleusa retomou suas atividades, só que como aluna do Conservatório Musical de Santana, pertencente ao maestro Tullio Colacioppo. “Nesse conservatório, continuei meus estudos. Fiz aperfeiçoamento de piano - curso que era ministrado pelo conceituado professor Armando de Moura Lacerda -, composição e regência, harmonia, análise, contraponto, percepção musical, estruturação musical, música de câmara e prática de orquestra”, relatou.

Com os conhecimentos adquiridos, a professora qualificou-se e, já em dezembro de 1963, durante a formatura do curso que concluíra no Conservatório Musical de Santana, tocou concerto com uma orquestra formada por músicos do Teatro Municipal de São Paulo. Em menos de um ano, a professora Cleusa se tornou também a primeira pianista a executar concerto com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, em evento ocorrido no dia 14 de novembro de 1964, no auditório do Colégio Santa Marcelina, na cidade paulista de Botucatu.

Embora já apresentasse um respeitável nível em sua formação musical,

Cleusa Elias Corrêa não se acomodou, partindo em busca de novos desafios. Em 1978, ingressou no curso de Educação Artística, com habilitação plena em música e bacharelado em piano, da Faculdade de Música Marcelo Tupinambá (em São Paulo), onde recebeu o prêmio *Destaque em Música de Câmara*, atuando como pianista.

Conservatório Musical de São Caetano do Sul

Em agosto de 1959, Cleusa Corrêa fundou o Conservatório Musical de São Caetano do Sul. De acordo com ela, a idéia de assumir um empreendimento como esse, pioneiro na cidade nessa área, surgiu por acaso. “Foi mero acaso, pois nunca tinha passado pela minha cabeça ser dona de um conservatório. Achava isso uma coisa impossível, até ser convidada por um outro músico para fazer uma sociedade. Então a idéia de abrir um conservatório, em São Caetano, não foi minha e sim desse músico”, esclareceu.

Aceito o convite, ambos passaram a cuidar dos assuntos burocráticos, entre os quais as medidas necessárias para obter autorização, junto à Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo, para o funcionamento da escola de música. Mas,



quando todos os trâmites já tinham sido resolvidos, Oswaldo Lourenço - professor de trompete e mentor da idéia da fundação do conservatório - desistiu da empreitada, ficando a professora Cleusa incumbida de dirigir sozinha a escola. Superado esse primeiro obstáculo, as atenções voltaram-se à definição do local onde o conservatório funcionaria. “Aluguei um espaço (*no primeiro andar de um prédio, em cujo térreo funcionava um comércio*) que ficava na então rua Goiás, 788, quase na esquina com a rua Amazonas”.

A escola iniciou as atividades com 60 alunos. Estes já freqüentavam aulas na residência da professora Cleusa, na rua Tiradentes. “Eu tinha 60 alunos em casa. Quando abri o conservatório, todos eles foram transferidos para lá, até porque eu fiquei sem piano em casa, pois o levei para o conservatório. No início, eu fiquei sozinha com todas as aulas. Lecionava teoria, solfejo, harmonia e análise. As únicas matérias que não lecionei foram solfejo cantado e coral, que ficaram a cargo do professor Roberto Manzo. Todas as outras matérias eram dadas por mim. Cheguei até a lecionar um pouco acordeão e violão. Eu dava aula das oito da manhã às 11 da noite. Não tinha tempo para mais nada”, recordou com bom humor.

Com o passar do tempo, o conservatório foi se expandindo. “Contratei professores de instrumentos diversos e de matérias teórico-musicais. Até aula de balé foi implantada na escola. Eu fui responsável pela vinda da Toshie Kobayashi (*uma das responsáveis pela disseminação do balé clássico no Brasil*) a São Caetano. Ela veio para cá para dar aula de balé no conservatório”, comentou, orgulhosa. Posteriormente, em virtude da procura crescente, esse curso se avolumou muito, levando Toshie a desligar-se do conservatório para abrir sua própria escola de balé.

Em agosto de 2009, o Conservatório Musical de São Caetano do Sul completará 50 anos. Em sua trajetória de quase meio século, funcionou em endereços diferentes. Na década de 1970, em virtude das obras de alargamento da avenida Goiás, a escola passou a funcionar na rua Manoel Coelho. Desse local, foi transferida para a rua Amazonas. Em 1983, mudou-se para o local atual, numa ampla casa situada no número 885 da própria rua Amazonas.

Em 1969, a professora vendeu a escola a Abramo Garini para se dedicar exclusivamente à vida pessoal, pois já estava casada e com dois filhos. Treze anos depois, retornou ao conservatório no cargo de assistente de direção, readquirindo a



Darke de Oliveira Pimenta, integrante da primeira turma de músicos formados em São Caetano do Sul, apresentando-se na cerimônia de formatura de 1964

condição de proprietária em 1983. Nesse posto, ficou até 2005, quando vendeu novamente a escola. Pouco tempo depois, Cleusa foi convidada pelos atuais proprietários a assumir os cargos de professora de matérias teórico-musicais e de orientadora do curso técnico em música, funções exercidas até setembro de 2008.

Professores e alunos

Dos professores que lecionaram no Conservatório Musical de São Caetano do Sul, alguns foram contemplados com bolsa de estudo, o que lhes permitiu dar prosseguimento à sua formação no exterior. Entre eles, encontra-se Antônio Santana, que foi estudar na França, sendo hoje “um compositor e regente de primeira categoria”, nas palavras de Cleusa. Outros dois nomes destacados por ela foram os dos professores Mário Souza Dias (formado no próprio conservatório), que se dirigiu para Portugal, e Mônica Alfaia, professora de musicalização infantil, que foi estudar na França.

Outras informações sobre a carreira da professora Cleusa

- Aos 14 anos, iniciou suas atividades didáticas como professora particular de piano, teoria, solfejo, harmonia e análise;
- Participou de concertos como solista de piano com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e como regente com a Orquestra Sinfônica de Guarulhos;
- Foi diretora e professora titular de piano, harmonia e análise musical do Conservatório Municipal de Artes de Guarulhos;
- Promoveu inúmeros recitais de alunos;
- Proferiu conferências para professores e alunos sobre a metodologia e o ensino de piano e demais instrumentos;
- Até 1976, foi inspetora de Ensino Artístico da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo;
- De 1977 a 2003, foi professora de matérias teórico-musicais da Escola Municipal de Música de São Paulo;
- De 2003 a 2005, foi delegada da Ordem dos Músicos do Brasil.

No tocante aos alunos que passaram pela escola, a professora também citou alguns nomes, entre os quais o de Edmilson Ribeiro, aluno de bateria que foi para a Itália dar continuidade aos seus estudos nesse segmento musical, e os dos irmãos Oswaldo e Osmar Baruti (este último integra o sexteto do *Programa do Jô*, da TV Globo). Ao falar sobre ele, a professora afirmou: “O Osmar se sobressaía. Já tinha talento naquela época”.

Cleusa Elias Corrêa encerrou suas atividades profissionais há três meses apenas. Em razão de seu profundo conhecimento musical, foi convidada para compor o júri do 1º Show de Calouros de São Caetano do Sul, concurso realizado pela Diretoria da Cultura da Prefeitura, de julho a novembro de 2008.

Texto do setor de pesquisa histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Professor Vicente Bastos

um pioneiro na educação da cidade

Acervo/Fundação Pró-Memória



Professor Vicente Bastos na sala da diretoria do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, em 1975

Vicente Bastos foi um destes ícones da educação que São Caetano do Sul nunca vai esquecer. Um nordestino, de Alagoinhas, Bahia. Luta e perseverança marcaram a rotina diária do homem pioneiro na criação da escola de nível secundário na cidade. O Instituto de Ensino São Caetano do Sul, grande obra de Vicente Bastos, faz parte do currículo de sancaetanenses de sucesso. Sua história, totalmente aliada ao ensino, foi registrada durante entrevista realizada por Adriana Ramos, em 1996. Hoje, a Revista Raízes, em tributo a essa personalidade, revive um pouco desta história.

Nascido em Alagoinhas, na Bahia, o saudoso Vicente Bastos trilhou sua vida sobre o marco da educação. Da vida sofrida, soube valorizar cada momento que conquistou desde sua saída da terra natal. São Carlos, no interior de São Paulo, foi onde aportou para tentar alcançar tempos mais dignos. Com a ajuda de um tio

conseguiu realizar o grande sonho: estudar. “Meu tio me proporcionou os primeiros estudos. Em São Carlos, fiz o curso ginásial, o científico e o magistério. Formado, São Carlos ficou pequena para a atividade que desejava exercer. São Paulo foi o destino”.

Na capital paulista, Vicente Bastos, juntamente com dois amigos, fundou uma escola primária, no bairro do Itaim. Após dois anos, o destino seria outro: São Caetano do Sul. “Em 1942, conheci Celso Marquesan. Grande homem, com quem dividi mais um sonho educacional. São Caetano ainda pertencia a Santo André e não possuía ensino secundário, apenas quatro escolas primárias lideradas pelo Grupo Escolar Senador Fláquer”.

O pioneirismo estava traçado. A união de dois homens competentes, sonhadores e idealizadores resultou na primeira escola de ensino secundário na cidade. “Com a ajuda de Celso e do empresário senhor Santana, conseguimos



Professor Vicente Bastos entrega diploma em formatura do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, em 1º de dezembro de 1979, no Teatro Santos Dumont

fundar o Externato São Caetano. A escola preparava o jovem ensinando correspondência, datilografia e outras práticas que o habilitava a trabalhar em escritório. Com muita luta, conseguimos autorização do Ministério da Educação para formalizar a escola secundária”.

Assim, o Externato São Caetano foi extinto e, em seu lugar, Vicente Bastos e seus sócios, Marchesa e Alberto Ferreira da Silva, fundaram a Escola Comercial, que se chamaria em seguida Escola Técnica de Comércio de São Caetano. “Não paramos. Solicitamos a criação do Ginásio e do Científico. Adotamos novo nome: Colégio São Caetano. Agregamos outros cursos, inclusive o Magistério. Com o crescimento, em 1964, surge o tão famoso Instituto de Ensino de São Caetano do Sul”.

Inúmeros cursos faziam parte da grade curricular. O prédio cresceu da mesma forma para abrigar novas salas, novos alunos, área de esportes e muito mais. “Paramos de criar cursos. Trabalhamos dia-a-dia para aperfeiçoar o que já existia. Conquistamos o sonho da Educação. Abrimos as portas do ensino secundário aos jovens sancaetanenses. Formamos grandes profissionais, grandes homens e mulheres”.

Vicente Bastos não se contentou em apenas administrar, lecionou inglês e português durante vinte anos. “Sinto um pouco de mim na formação de ex-alunos.

Tenho a impressão que também formamos a cidade de São Caetano”.

Família

Paralela à vida escolar, Vicente Bastos contou com o apoio da mulher Darcy Gript Bastos, com quem se casou em 1945. “Apesar de viver praticamente tempo integral na escola, construí uma família sólida, que muito me apoiou”.

Com Darcy, formou também uma família preocupada com a Educação. “Os quatro filhos são formados e motivos de orgulho”.

Orgulho é a palavra ideal para registrar parte da memória educacional de São Caetano, que leva a assinatura de Vicente Bastos. Uma história de sucesso. Sucesso familiar, profissional, pessoal. Sucesso que impulsionou a área educacional e o próprio crescimento da cidade. Vicente Bastos faleceu em 3 de julho de 1998.

Esse depoimento marca uma pequena parcela deste pioneirismo inesquecível. Um depoimento que recorda a vida dedicada à formação de jovens, ao ensino, ao amor pela educação.

(*) *Jô Sperate Figueiredo é jornalista na Fundação Pró-Memória, foi Diretora de Comunicação Social e Assessora de Cultura da Prefeitura de São Caetano do Sul*

CINE MAX

Domingo Sessões as 18,30 e 20,30 horas

QUE QUE GOSTOU DE "SISSI", VOCE QUE VIVEU
DRAMA DE "SISSI a IMPERATRIZ", NÃO PO-
ERA DEIXAR DE VER O DESFECHO DO MAIOR E
MAIS BELO ROMANCE de AMOR que a TELA já APRESENTOU!

3 histórias completas de "Sissi"
CADA UMA DELAS UM GRANDE FILME
INDISCUTIVELMENTE ÉSTA É A MAIS EMPOLGANTE-
A MAIS BELA E MAIS COMOVENTE DE TODAS...



CONDOR FILMES APRESENTA ROMY SCHNEIDER * KARLHEINZ BOHM SISSI E SEU DESTINO



• AGFACOLOR •

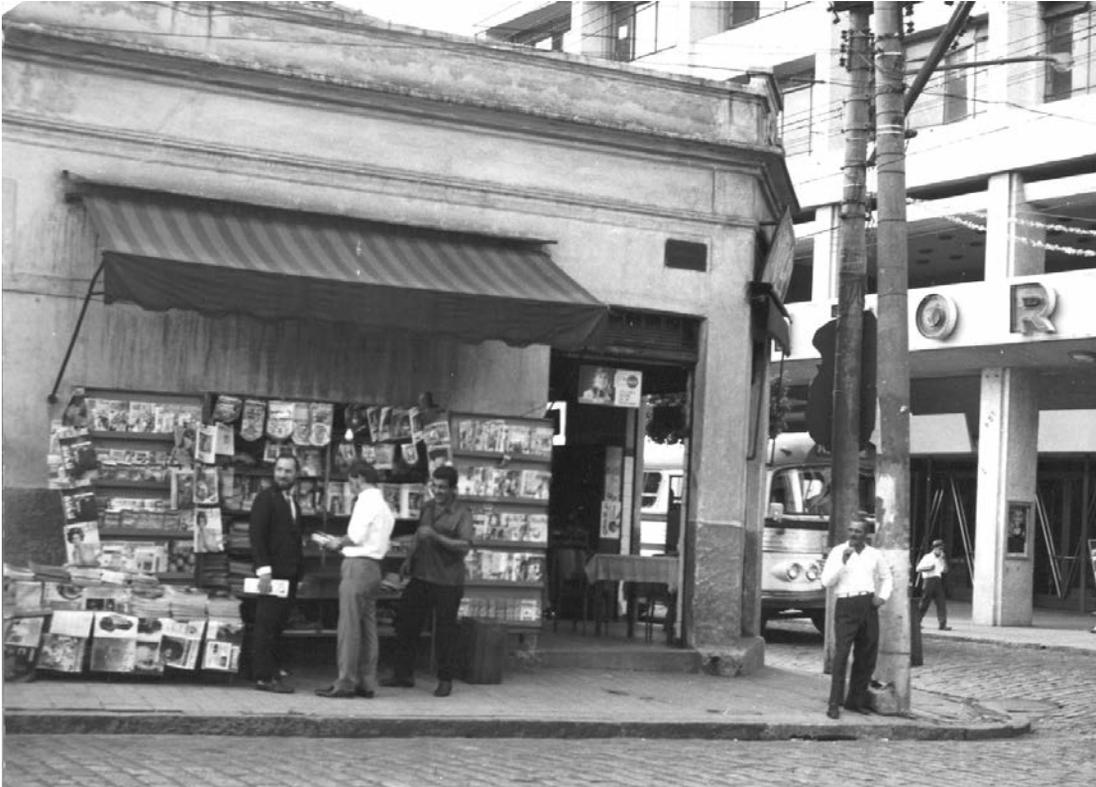
OS MELHORES FILMES NA
MAIOR TELA DO A.B.C.

Seu Nico:

lembranças do mais antigo jornaleiro de São Caetano do Sul e um dos primeiros do ABCD

Encontrei Antonio Luis Scimini, seu Nico – que, na época desta entrevista, estava com 75 anos e mais de 53 como jornaleiro – em São Caetano, sentado em um velho banquinho de madeira em frente à sua banca, numa esquina da rua Roberto Simonsen, onde ficava o antigo Cine Vitória. Foi nesse mesmo lugar que, em 27 de agosto de 1953, ele começou sua atividade como dono de bancas de jornais. Mas, diferente dos dias atuais, a velha rua Roberto Simonsen dos anos 50 era toda de terra preta e concentrava o movimento da elite de São Caetano. Eram momentos

difíceis, por um lado, mas de grandes ganhos, por outro. Difícil porque Nico levantava todos os dias às 4 horas da madrugada para buscar de trem em São Paulo as revistas para vender na banca: era preciso correr para chegar em São Caetano e abri-la às 6 da manhã. Foi nessa época que Nico ganhou muito dinheiro com a venda de suas revistas e jornais devido à falta de bancas na cidade (existia apenas a banca dos Sicilianos, na Estação, e a de dona Maria, ao lado da igreja Matriz) e ao ponto ser bem freqüentado. “Tudo estava centralizado aqui: a Câmara, Prefeitura e os cartórios



A famosa Banca do Nico, que existe desde 1953, sempre no mesmo local. Já recebeu presenças ilustres, como os presidentes João Goulart (Jango) e Jânio Quadros, além de diversos prefeitos da cidade

ficavam onde foi o prédio do Cine Vitória. Fora isso, a banca dividia o espaço com o bar Vitória, que tinha mais de 60 mesas e enchia nos finais de semana. Aqui era um ponto bem freqüentado, onde está a gráfica era uma agência de avião e uma charutaria, tudo muito requintado. Fora isso, naquela época o pessoal tinha mais dinheiro, eles andavam de terno e gravata, era tudo muito chique. Os meus fregueses eram todos da alta sociedade, engenheiros da Cerâmica e até políticos famosos que vinham de charrete para não sujar os pés. O que eu vendia nas décadas de 50 e 60 não vendo nem metade hoje. Agora a concorrência é muito forte e nem tem público para as tantas bancas de São Caetano, mas embora os tempos não sejam tão bons, tenho uma clientela fiel”, contou.

Entre os que freqüentavam a Banca do Nico, estavam os diretores e jornalistas de um novo semanário que surgiu em Santo André, em 1958, o *News Seller*, e que daria origem ao atual *Diário do Grande ABC*. “O saudoso jornalista Edson Danilo Dotto, presidente do *Diário*, parou muitas vezes na

Banca do Nico para conversar com ele e ver como andavam os negócios. De tão popular, Nico foi convidado e aceitou ser diretor da Acascs - Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul. Permaneceu no cargo por 10 anos. Naquele tempo, anos 60 e 70, a Acascs tinha sede nos altos do Cine Vitória. Nico avistava sua banca lá embaixo sempre bem freqüentada”, diz Ademir Médici, jornalista e historiador do ABCD.

De Agudos para São Caetano

Seu Nico nasceu em Agudos, no interior de São Paulo, e veio para São Caetano estimulado pela irmã, que já morava por aqui, e atraído pela oportunidade de trabalhar nas indústrias da cidade. Ele trabalhou de 1947 a 1948 na Cerâmica de São Caetano e depois foi para uma indústria de laminação na seção de metralhadoras, em Utinga. Lá, seu Nico trabalhou mais de cinco anos e viveu boas histórias. “Naquela época era fácil conseguir emprego. Depois que terminou o meu contrato na indústria, arrumei um outro emprego em



Além de banca de jornais e revistas, o estabelecimento de seu Nico sempre foi um verdadeiro ponto de encontro na cidade

Santo Amaro, mas era difícil o trajeto de condução, então descobri esse ponto e resolvi colocar a banca. Como tinha o Ponto Chic, pedi para usar apenas meia porta e ali coloquei a minha banca, então de madeira. Começou a dar dinheiro e, em 1959, atravessei para esse lado e comprei uma nova banca de um rapaz de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. A banca era quadrada e bem maior, só mais tarde comprei a que tenho hoje. Quando entrou o Campanella em seu segundo ano, ele colocou uma lei de que as bancas precisavam ficar a 300 metros uma da outra, o que facilitou. Foi com o dinheiro daquela época que fiz meus três filhos se formarem na faculdade”, lembrou.

Castelo Branco, um dos melhores atiradores

No entanto, Nico não se esquece das histórias que viveu na seção de metralhadoras. Foi lá que conheceu os militares Castelo Branco, Costa e Silva e Geisel. “Tínhamos que produzir mais de 5 mil metralhadoras e eles vinham à nossa seção para testá-las. Uma vez fui com eles para



Seu Nico e a filha Marli

Mauá testar as armas; em 1952, lá era só mato. Para fazer o teste, eu levava várias caixas de balas de 100 quilos e as metralhadoras, que eram de última geração, faziam 33 tiros em 3 segundos. O Castelo Branco atirava muito bem, cortava tudo com os tiros a 100 metros do alvo. Na volta, nós parávamos para almoçar na Anchieta e ele fazia questão de almoçarmos juntos. Eles nos deixavam seguros, impunham respeito”, relembrou.

Amizade com Massei e Campanella

A relação dos prefeitos e políticos com a população também era bem diferente naquela época, e seu Nico teve uma grande amizade com alguns deles. “No tempo do Campanella muitos deles saíam da Prefeitura que ficava aqui e vinham conversar comigo na banca. O próprio Campanella sentou-se várias vezes no caixote que eu usava dentro da banca. Na primeira eleição do Massei e do Campanella, eles não tinham artista para falar, então eles mesmos davam o seu recado. Cheguei a conhecer o Juscelino e o Jango que vinham almoçar sempre por aqui. Embora fossem pessoas simples, demonstravam a personalidade forte. O Jango sempre dizia que um dia eu iria votar nele, já que, como meu pai, eu era ademarista (*nome dado às pessoas*

As bancas mais antigas de São Caetano

“Estão em São Caetano as mais antigas bancas de jornais e revistas do Grande ABC, segundo levantamento realizado pelo *Diário*. Das 50 mais antigas bancas da região, 21 esparramam-se pelo centro de São Caetano e seus bairros. E destas 21, duas foram abertas em 1950 e uma terceira em 1953”, relata Ademir Medici.

DATA	LOCALIZAÇÃO	PROPRIETÁRIO
1/2/1950	Centro/Estação	José Milton de Souza
1/2/1950	Prosperidade	José Carlos Gnan
27/8/1953	Roberto Simonsen, 22	Antonio Luiz Scimini
1/2/1960	Cardeal Arcoverde	Rosa Maria Duarte
1/2/1960	Av. Goiás, 1805	Fernando Luiz Chimini
1/8/1960	Rua Francesco	Coppini Eliseu Torreglosa
28/2/1965	Rua Nelly Pellegrino	Valder Ferreira da Hora
29/9/1965	Visconde de Inhaúma	Santelmo Alves Ribeiro
1/2/1967	Av. Paraíso, 1153	Reinaldo Quaglio
1/2/1967	Rua João Pessoa, 213	João Guimarães dos Santos
10/8/1968	Rua Amazonas, 2170	Mônica Rinaldi
1/2/1969	Av. Goiás, 550	José Alair Rosado
1/2/1970	Rua Maranhão, 367	Paulo Fernandes da Silva
2/5/1970	Cerâmica	Luiz Carlos Ferrari
1/2/1971	Fundação	Pedro Lucca Rosado
2/2/1971	Santo Antonio	Celso da Silva Coelho
14/7/1972	Boa Vista Zuleide	A. Camillo
10/10/1973	Santa Maria	José Soares dos Santos
10/3/1976	Barcelona Paulo	R. Passacantilli
2/7/1976	Rua Piratininga, 810	Adriana Maria de Souza
28/3/1978	Oswaldo Cruz	José Ribamar B. de Mendonça

Fonte: *Diário do Grande ABC*, Ademir Médiçi

favoráveis a Adhemar de Barros, político de São Paulo). Com ele aconteceu um fato curioso. Uma vez descobriram uma loira e a história acabou saindo em uma revista chamada *Noite Ilustrada*. Um dia ele me chamou e disse: quando chegar essa revista do Rio o senhor me vende todo, que o meu motorista passa para pegar. Dito e feito: durante três semanas, o motorista dele passou e comprou todas as revistas. Também vinha aqui o Jânio e o Adhemar de Barros. Todos os comícios e festas eram centralizados na praça central, e todo

mundo ia porque aqui não havia grandes opções de lazer”, contou.

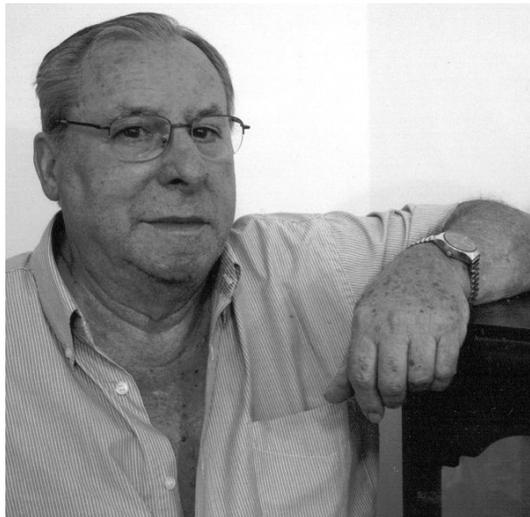
Em julho de 2006, seu Nico recebeu da prefeitura a Medalha Di Thiene, concedida a personagens de destaque no município que contribuíram para o desenvolvimento da comunidade. Seu Nico faleceu meses depois, em 26 de março de 2007.

(*) Priscila Gorzoni, jornalista

Sidney Vicário Moreno

da primeira à atual Prefeitura

Fotos: Acervo/Guiomar dos Santos Moreno



Sidney Vicário Moreno

Sidney Vicário Moreno foi um funcionário público cuja carreira na Prefeitura de São Caetano do Sul, durante 57 anos, foi a mais extensa entre todos que por ali passaram. Trabalhou com todos os prefeitos eleitos. Ingressou na prefeitura ainda muito jovem e foi um dos que recebeu o primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, após a sua eleição, na sede da rua Perrella, no bairro da Fundação. Acompanhou, trabalhando na administração, a gestão de todos os prefeitos, até o atual, José Auricchio Júnior.

Sidney faleceu este ano, no mês de junho, aos 76 anos de idade. Até 2006 foi funcionário público, ano em que se aposentou no setor jurídico, onde atuava como procurador.

Nasceu em Pederneiras, interior de São Paulo, no dia 12 de fevereiro de 1932. Em 1940, veio com a família para viver em

São Caetano, na avenida Souza Ramos (atual avenida Goiás).

Fanático por futebol, foi jogador, nas décadas de 50 a 70, no Barcelona FC, atuando também como técnico, sendo depois eleito presidente do clube. No time da prefeitura, “batia uma bolinha” com os colegas de trabalho.

Formou-se advogado pela Faculdade de Direito de Bragança Paulista.

Iniciou seu trabalho na prefeitura como entregador de avisos, e depois foi fiscal de feira, auxiliar de caixa, escrivão, lançador, encarregado de serviços, chefe de seção da receita e procurador jurídico.

Como servidor atuante, presidiu a Associação Recreativa e Esportiva dos Servidores Municipais (ARESM) em duas gestões, e fez parte da diretoria do Sindicato dos Servidores de São Caetano do Sul,



Funcionários da prefeitura no gabinete do primeiro prefeito de São Caetano do Sul, Ângelo Raphael Pellegrino, no ano de 1949. Da esquerda para a direita: João Batista Pinto, Sydnei Vicário Moreno, José Fernando Rodrigues, Vinicius M. Ricci, Ângelo Raphael Pellegrino, João Santoro, Pedro B. Vieira e Antonio Russo



Comemoração das Bodas de Ouro no dia 30 de setembro de 2007. Da esquerda para a direita, sentados: Sydnei Vicário Moreno e Guiomar dos Santos Vicário. Em pé, Célia dos Santos Moreno Ciciliano, Carla dos Santos Moreno Bataglioli e Cleide Moreno Garcia

tendo, inclusive, ocupado a sua vice-presidência. Dizia que a maior vitória dos funcionários públicos frente à prefeitura foi a manutenção da atual sede da Associação, na rua Maranhão, bairro Santo Antonio.

Casado com Guiomar dos Santos Moreno, tradicional bairrista do Barcelona, onde seus pais eram proprietários da Padaria Santa Isabel (na rua Alegre esquina com a Piratininga), completaram bodas de ouro neste mês de junho. Tiveram quatro filhas, Cristina dos Santos Moreno (falecida), Cleide Moreno Garcia, Carla dos Santos Moreno Bataglioli e Célia dos Santos Moreno Ciciliano, e cinco netos.

Dizia sentir saudade dos “bons tempos” de prefeitura e dos amigos que angariou ao longo de sua carreira. Bom funcionário, bom marido e bom pai, todos sentirão saudades deste exemplo de homem, referência no serviço público de São Caetano do Sul.

Texto do setor de pesquisa histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Jorge Agata no dia do seu depoimento, em outubro de 2008

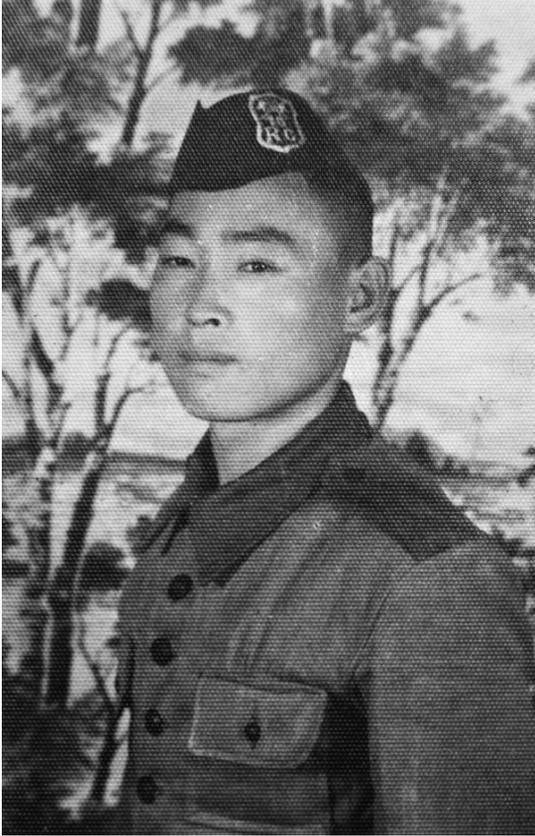
Jorge Agata, repórter fotográfico, né!

Há quatro décadas ele fotografa a cidade e sua gente. Ele é uma testemunha ocular da transformação urbana de São Caetano do Sul, com destaque para seus principais personagens, que são os seus moradores. Cada foto de Jorge Agata pode ser considerada um capítulo da sua vida vivida na cidade e na região do Grande ABC.

A sua descoberta pela fotografia aconteceu por uma casualidade no quartel, do 10º Regimento de Cavalaria, na cidade de Bela Vista, Mato Grosso Sul, onde prestava serviço militar. Um dia no quartel um companheiro de farda, que Jorge não recorda mais o nome, deu-lhe uma máquina fotográfica para que ele tirasse um foto montado num cavalo. Em seguida, o amigo

também tirou uma foto de Jorge, que ele guarda até hoje como recordação. Meses depois de ter dado baixa do serviço militar, Jorge Agata decidiu se dedicar integralmente à fotografia.

Em 1958, ele veio morar em São Miguel Paulista, na Grande São Paulo, onde aprendeu a arte de fotografar e revelar, e, para isso, instalou o seu primeiro estúdio. Em 1961, Jorge Agata veio pela primeira vez a São Caetano do Sul - fazer uma reportagem sobre um casamento - e gostou da cidade. Meses depois, comprou um atelier na avenida Conde Francisco Matarazzo, 67, centro da cidade, onde passou a se dedicar a reportagens sociais (casamento, formaturas e batizados). Nesse período também se tornou repórter foto-



Jorge Agata quando prestava serviço militar em Mato Grosso do Sul, na década de 1950



Jorge Agata e a esposa Inês, casados desde 1962

gráfico esportivo. Nos fins de semana, percorria os campos de futebol e as quadras fotografando para os clubes. Logo, ficou conhecido pelos esportistas e políticos locais.

Repórter Fotográfico

Em 1965, São Caetano do Sul passava por uma grande transformação urbana e industrial. Foi nesta época que o prefeito Walter Braido contratou Jorge Agata para trabalhar no setor de imprensa. Nesses vários anos, ele se tornou a principal testemunha ocular do crescimento urbano e econômico de São Caetano do Sul e, por extensão, de toda a região do Grande ABC. Atualmente, ele é o mais antigo repórter fotográfico em atividade no Grande ABC.

Jorge Agata diz que pela assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul passaram vários repórteres fotográficos, com destaque para Rubens

Capozzoli e José Honório de Castro, ambos já falecidos. “Capozzoli antes de vir para a Prefeitura trabalhou nos jornais *Notícias Populares* e *Diário do Grande ABC*. Ele gostava do jornalismo policial. Eu aprendi muito com ele, principalmente nas coberturas diárias que exige dos jornalistas e fotógrafos muita agilidade e raciocínio rápido. Zé Honório era muito tranquilo e estava sempre atento aos acontecimentos da cidade”, lembra Jorge.

Em 1974, pelo conjunto do seu trabalho, Jorginho foi convidado pela empresa Fuji para fazer um curso de fotografia e visitar Tóquio, no Japão. Aproveitou para tirar várias fotos da cidade, mas confessa que gostaria de ter fotografado o Monte Fuji e a área do Palácio do Imperador sobrevoando em um helicóptero. Outro desejo é percorrer o interior do Nordeste brasileiro fotografando cidades e gentes.

O jornalista Mário Porfírio



*O repórter
fotográfico com seu
instrumento de
trabalho, em
outubro de 2008*

Rodrigues, líder autonomista e fundador do *Jornal de São Caetano*, diz que Jorge Agata tem um respeitável acervo fotográfico de São Caetano do Sul: “Há mais de três décadas vem registrando os acontecimentos da cidade. Isso é importante para a preservação da memória”. Ademir Médici, responsável pela coluna Memória, publicada no *Diário do Grande ABC*, afirma que Jorge Agata pertence a uma geração de grandes repórteres fotográficos, como o saudoso Jayme Renner, da assessoria de imprensa da Prefeitura de Santo André.

O jornalista Mário Rodrigues afirma que Jorginho merece o reconhecimento, pois fez história em São Caetano do Sul com as suas fotografias: “Sempre presente especialmente nos acontecimentos dignos de nota. Lá estava ele sempre documentando tudo. E pouco se falou dele como profissional. Ele ser merece ser destacado”.

Laços de família

Nascido em 30 de junho de 1938, no Patrimônio São José, município de Pereira Barreto, no interior de São Paulo, Jorge é o filho mais velho dos oito filhos de Katsutarō

e Hana Agata. Seus pais foram imigrantes japoneses que saíram da cidade Hatiken para o Brasil. Jorge trabalhava desde menino com o pai, que era carpinteiro, e realizou os primeiros estudos na sua terra natal.

Casou-se com dona Inês em 28 de julho de 1962 e tiveram três filhos: Alberto, casado com Marlene; Marisa, casada com Elísio; e Márcia, casada com Carlos. Ao todo, já tem sete netos: Fábio, Fernando, Felipe, Elísio, Beatriz, Ana Carolina e Maiara. O neto mais velho, Fábio, mudou-se para o Japão para estudar e jogar futebol. Para alegria de toda a família, e principalmente para o vovô, o neto foi considerado o melhor jogador na categoria sub-12 da Fifa, em 2007.

(*) Valdenizio Petrolli, jornalista, advogado, mestre e doutor em Comunicação Social e fundador do Grupo Independente da Memória do Grande ABC (Gipem)

D e p o i m e n t o s

Gerações da família Moretto

Acervo/Alexandrina Moretto



Ano de 1948, foto da família Moretto. Da esquerda para a direita, em pé: Marco, Mário, Romildo e Alexandrina. Sentada: Itália Moretto

Alessandro Moretto e Giovanna Miotto moravam, com seus treze filhos, em Cornuda, uma comuna italiana da região do Vêneto, na província de Treviso.

Nossa história começa no ano de 1923, período em que a Itália se encontrava devastada pela 1ª Guerra Mundial, faltando

alimento e trabalho. Era o momento ideal para buscar novas oportunidades fora da Itália.

O quarto filho do casal, Marco Moretto, nascido em 21 de abril de 1901, foi um desses aventureiros que decidiu buscar um futuro mais promissor. Aos 21 anos, após saber que havia parentes morando no

Brasil, embarcou sozinho no navio Duca D'Aosta, deixando o porto de Gênova em setembro de 1923. Em Santos, onde desembarcou, aliciadores de mão-de-obra o encaminharam para trabalhar em uma fazenda na cidade de Rio Claro.

Mas o destino o leva a Buenos Aires, onde se dizia que o trabalho era melhor remunerado. Algum tempo depois, Marco Moretto descobre que foi iludido por falsas promessas, e retorna ao Brasil no final de 1925. Durante essa viagem, conheceu Giovanni Dal'Mas, italiano que vivia em Buenos Aires e que estava vindo ao Brasil para visitar seu filho, morador de São Caetano. Giovanni Dal'Mas lhe propõe visitar a cidade por alguns dias, convite de pronto aceito.

Sua primeira impressão pela pequena cidade foi ótima, pois era constituída, principalmente, por imigrantes italianos, sentindo-se, dessa forma, em casa. Instalou-se numa pensão na rua Perrella, administrada pelo casal Ernesto e Teresa Crema.

Nesse período, conheceu o casal Antonio Gava e Eufrásia Bonesso, oriundos da mesma região de Cornuda. Eufrásia tinha uma filha, chamada Itália. Marco e Itália tornaram-se amigos, e, depois, namorados. Em 1928, veio o casamento. Com esforço e trabalho, antes de se casar, Marco comprou de Artêmio Lorenzini um terreno na rua General Osório, 23, onde construiu sua casa e seu lar, ao lado de dona Itália.

Marco Moretto sempre trabalhou na construção civil desde o tempo em que viveu na Itália, onde ajudou a erguer a Igreja Madona da Rocca, em Cornuda, seu grande orgulho. Aqui em São Caetano construiu muitas casas e, com a habilidade peculiar que tinha, era convidado para construir túmulos decorados artisticamente, trabalho ao qual se dedicou até o final de sua vida.

Faleceu em 1971, rodeado de amigos e familiares, deixando sempre para depois sua volta à terra natal, um desejo não realizado. Sua esposa Itália faleceu em 1988.

Marco e Itália deixaram os filhos Alexandrina Moretto, Júlio Moretto, Mário Moretto e Romildo Moretto.

A primeira filha do casal, Alexandrina, nasceu em 1929, formou-se advogada e trabalhou na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, onde dedicou 30 anos de sua vida, aposentando-se no departamento jurídico, como Procuradora.

Alexandrina foi eleita, em 1971, presidente da Associação dos Funcionários Públicos de São Caetano do Sul. Lutou e conseguiu para os funcionários públicos da PMSCS a área de terreno e as instalações da ARESM, na rua Maranhão. Representando os funcionários públicos, foi condecorada com a Medalha Centenário, um justo reconhecimento pelo seu trabalho e luta em prol do funcionalismo. Em 30 de junho de 1992, casou-se com João Dal'Mas, o grande amor da sua vida.

O segundo filho de Marco Moretto era Júlio Moretto, nascido em 13 de junho de 1933 e falecido dias depois.

Mário Moretto, seu terceiro filho, nasceu em 1937, em São Caetano do Sul. É comerciante e atua no ramo de transportes, proprietário da empresa Transportes Marimo. Casou-se com Maria de Lourdes Bueno, e teve as filhas Sandra Moretto Rio, Sonia Moretto Ribeiro da Silva e Simone Moretto Germano. Em segundas-núpcias, casou-se com Ana Joaquina de Oliveira, tendo as filhas Ana Carolina de Oliveira Moretto e Aline Cristina de Oliveira Moretto.

Nascido em 1940 e falecido em 1988, o quarto filho, Romildo Moretto, foi funcionário do Setor de Fiscalização da Prefeitura de São Caetano do Sul. Foi casado com Guaraciara Ferreira e deixou dois filhos: Marco Moretto Neto e Maraci Moretto Moraes.

Uma simples visita a esta cidade, em 1925, acabou tornando-se o porto seguro do patriarca da família Moretto, um solitário imigrante que se apaixonou pela cidade, criando raízes firmes e fortes, hoje estendida à quarta geração dos Moretto.

Texto produzido pelo setor de pesquisa da Fundação Pró-Memória

Moda masculina para este inverno!



MEIAS DE ESPUMA DE NYLON
Tamanho único. Todas as cores.
3 pares apertados.
\$ 240,

COSTUME COM COLETE em CASIMIRAS MESCLA
Acabamento aprimorado. Corte moderno. Veste como um terno feito sob medida. Grande variedade de padrões.
\$ 5.900,
ou mensais
\$ 590,

PALETÓS ESPORTE
para rapazes até 16 anos. Linha Impopável. Duas aberturas laterais. Padrões modernos.
\$ 1.980,
ou mensais
\$ 198,

PALETÓS ESPORTE
Moderno, com duas aberturas laterais. Padrões variados e exclusivos. "Caimento" impecável.
\$ 2.580,
ou mensais **\$ 258,**

CAMISA SOCIAL
Em fio tecido branco. Corte anatômico.
\$ 420,
GRAVATAS
Últimas novidades. As cores mais em voga.
\$ 180,

CINTOS
Fantasia, com fivela moderna. Muito elegantes.
\$ 230,

lojas **Everest**

promove

GRANDE VENDA DE INVERNO

EXCLUSIVO!
apresentação da nova linha de



PARA O INVERNO DE 1960

EXCLUSIVO!
apresentação dos novos e revolucionários
PLANOS DE VENDAS A CRÉDITO
"CREDIVEST"
realmente os mais favoráveis da cidade!

lojas **Everest**

SÃO CAETANO: Rua Manoel Coelho, 335 • SANTO ANDRÉ: Rua Cel. Oliveira Lima, 156



EM TÔDA PARTE ROUPAS **IGÊ** PARA VESTI-LO SEMPRE MELHOR!

Angelina Honória Leandrini Santi

Nascida em 1917, em Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, dona Angelina Honória vive na Nova Gerty desde 1929. Filha mais velha dos pioneiros do bairro Nova Gerty, Virgílio Leandroini e Maria Panariello, trabalhou, aos 16 anos, na unidade rayon das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. O percurso que fazia da fábrica, no bairro da Fundação, para a sua casa, na Nova Gerty, era vencido no lombo de seu cavalo, Bragado, cavalgando extensos caminhos em direção à chácara que morava, no breu da noite.

Lembra-se que o antigo Paço Municipal, na avenida Goiás, era um brejo cercado de caraguatá e com muitas bananeiras. Vencer o morro da rua Amazonas até chegar à sua chácara não era uma tarefa fácil. Braço direito de seu pai, mediu o primeiro lote do bairro Nova Gerty com uma trena. Antonio Gerty, o loteador do bairro, era amigo da família, tendo sido padrinho de casamento de sua irmã Maria, casada com Alpheu Della Colletta. Contou-nos que ruas como a Visconde de Inhaúma eram percorridas por carros de boi. Os únicos automóveis que apareciam eram dos loteadores Antonio Gerty e Simão Heinsfurter.

Casou-se com Pedro Santi, morador da rua Amazonas e descendente da família De Martini, uma das fundadoras do Núcleo Colonial de São Caetano. Conheceram-se em São Caetano, apenas com olhares furtivos e, durante uma procissão no Brás, começaram a namorar. Casaram-se na Matriz Velha do bairro da Fundação, em 4 de julho de 1936. Seu marido explorava uma cava de caulim entre as ruas Castro Alves e Casimiro de Abreu. Ele faleceu em 1992.



Na casa dos Leandroini, na rua Visconde de Inhaúma, seu pai construiu um sobradão na frente, com uma espécie de túnel que servia de garagem. Atrás, um imenso quintal, onde, em ocasiões especiais, toda a família se reunia ao redor de uma grande mesa. Sua família era numerosa, composta pelos irmãos Antonio, Dario, Álvaro, Paulo, Maria, Roberto e Floriano Leandroini. Roberto foi vereador, Floriano, o caçula, vereador e deputado estadual.

Dona Angelina Honória tem oito filhos: Mafalda, Leonor, Admar Antonio (falecido), Elizabeth, Eunice, Paulo Roberto, Leda Maria e Gilberto. Tem 21 netos e nove bisnetos. Toda quinta-feira faz um chá da tarde em sua casa, na rua Silvia, com a presença de suas filhas.

Em outubro de 2007, recebeu o título de Cidadã da História, por fazer parte da construção do bairro Nova Gerty.

E, com o mesmo espírito de luta, lúcida e dinâmica aos 91 anos de idade, dona Angelina Honória tem o orgulho de dizer que faz parte da história desta cidade e do seu desenvolvimento. Como guerreira que sempre foi e ainda é, permanece como esteio desta grande família.

Laura Valério Rodrigues



Da esquerda para a direita, vemos na 1ª fila: Laura Valério Rodrigues, Maria Eduarda R. Santos (neta), Lucas Rodrigues Martins (marido), João Rafael Valério R. de Almeida (neto). Na 2ª fila: Anderson S. Santos (genro), Silvia Regina Valério R. Santos (filha), Juvenal Mazzukatto (sobrinho) e Elizete Rodrigues Marina (filha)

Laura Valério Rodrigues nasceu em 25 de abril de 1933, em São Caetano do Sul. Desde 1945, mora no bairro Barcelona, do qual muito se orgulha. Nossa personagem foi uma das homenageadas do Projeto Álbum de Família, que integra o programa Bairro a Bairro.

Dona Laura lembra-se que São Caetano conquistou um intenso progresso após o Movimento Autonomista de 1948. Antes, a cidade sofria com enchentes, falhas no transporte público e ruas de terra, que sempre alagavam e traziam prejuízos para as famílias. Quando chovia muito, o acesso à rua Alegre era feito por barquinhos, tamanha a falta de infra-estrutura do local.

A partir da autonomia, a cidade começou a se desenvolver. “Aos poucos, foram aparecendo loteamentos, as quadras baixas foram aterradas, chegou a iluminação”, recorda.

Professora e supervisora de parques, dona Laura acompanhou com entusiasmo

as mudanças na cidade e no bairro. Lembra com alegria da inauguração da primeira capela do bairro, que ficava na rua Aparecida, quando católicos vieram em caminhões lotados seguindo a imagem de Nossa Senhora Aparecida, em meio a fogos de artifício. Antes de a capela existir, as pessoas eram obrigadas a assistir à missa na Igreja Sagrada Família, no centro da cidade.

Laura também destaca a importância de outras obras para o bairro Barcelona, como o Grupo Escolar “28 de Julho”, a General Motors e o IMES (atual USCS). “Hoje, a Barcelona possui uma infraestrutura maravilhosa, estamos bem servidos quanto à educação, saúde e comércio em geral. O bairro é excelente para se morar”, diz.

Dona Laura está casada há 38 anos com Lucas Rodrigues Martins, com quem teve duas filhas, e se orgulha de fazer parte da história de sucesso da cidade e, sobretudo, do bairro Barcelona.

José Venite e Abílio Venite Milanez



José Venite e Abílio Venite Milanez são dois irmãos, proprietários da Marmoraria ABC, empresa estabelecida há quase 50 anos no mesmo local, na rua Senador Vergueiro, no centro de São Caetano do Sul.

Nascidos em Piracicaba, vieram para São Caetano em 1948, ano em que a cidade adquiriu sua autonomia. De uma família composta por sete irmãos, o primeiro a sair da cidade natal foi José Venite e, meses depois, vieram os outros membros, que foram morar, a princípio, na Vila Califórnia.

José Venite nasceu em 1929. Casou-se com Adelaide Pires Venite (falecida), com quem teve dois filhos. Em São Caetano, foram morar no bairro Olímpico, cuja casa é a mesma até os dias de hoje. Aqui começou a trabalhar com revestimentos de granilite, especializando-se neste ramo. Por morar nesse bairro há 50 anos, foi homenageado como um dos moradores mais antigos no Projeto Bairro a Bairro, da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

Abílio Venite Milanez entrou nesse ramo mais tarde, por ser mais jovem que o irmão. Casou-se com Dolores Odete Maion Venite, com quem tem dois filhos. Mora, atualmente, no bairro Barcelona.

A atual sede da Marmoraria ABC era, antes de ser adquirida pelos irmãos, uma

fábrica de artefatos de cimento, que pertencia a Hércules Capelli. Em 1959, compraram a firma de cimento e, passados dois anos, implantaram a marmoraria. Sem nada para começar e com muito esforço e trabalho, compraram outra parte do terreno, onde hoje está instalada a empresa. Faziam trabalhos para particulares, como pisos, escadas em granilite e pias de mármore.

Com o crescimento da cidade, a empresa também cresceu, obrigando-os a comprar máquinas automáticas, como a de polir, a primeira da região. A marmoraria ganha nome a cada ano e grandes serviços surgem, como o piso da Igreja Sagrada Família, um dos altares e o revestimento do túmulo do padre Ézio Gislimberti. Foram feitos, também, trabalhos nas Igrejas Nossa Senhora das Graças, na Vila Califórnia, Nossa Senhora de Fátima, em Santo André, Nossa Senhora das Graças, no bairro Nova Gerty, e Paróquia São Bento. Também foram inúmeros os revestimentos de túmulos. Atualmente, são bastante procurados por construtoras.

Ainda hoje, somente os dois irmãos dirigem a empresa com muita disposição e vitalidade, fazendo, dessa forma, parte da história desta cidade.

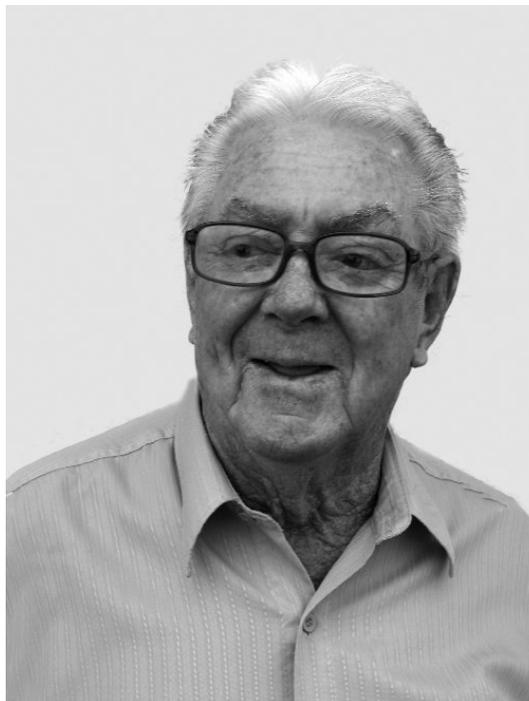
Miguel Miron

Quarto filho de uma família de seis irmãos, Miguel Miron, que completou 80 anos no dia 29 de setembro, é um legítimo “filho” de São Caetano. Nascido na rua Espírito Santo, em 1928, é filho de Isidoro Miron e Adélia Arroyo Miron, ambos espanhóis. Seu pai, membro da Igreja Presbiteriana Filadélfia, prestou relevantes serviços de assistência aos moradores menos favorecidos, sendo homenageado com seu nome numa praça da avenida Vital Brasil.

Miguel Miron, desde jovem, trabalhou como prático de farmácia e seu primeiro emprego foi na Farmácia São Caetano (onde ficam atualmente as Casas Pernambucanas), de José Cambaúva, aprendendo a manipular medicamentos. Nessa época, as receitas eram prescritas com fórmulas. Depois, trabalhou na Farmácia Santo Antonio, na rua Roberto Simonsen, esquina com a rua Joaquim Nabuco, de propriedade de João Cambaúva e, por último, na Drogaria São Pedro, na avenida Conde Francisco Matarazzo, de propriedade de Pedro Montalvão do Rosário.

Conta-nos que as doenças mais frequentes na antiga São Caetano eram a tuberculose, doenças venéreas, lepra e vermes, devido às más condições de higiene da cidade, contaminando os moradores e disseminando esses males.

Muitas lembranças têm da farmácia de João Cambaúva, farmacêutico e vereador por quatro legislaturas, local onde também eram realizadas reuniões políticas. Certa vez, um conhecido levou a filha doente nessa farmácia. Ela já havia passado por muitos médicos, sem resultado para a sua cura. Miguel a examinou, constatando manchas na pele. Pegou umas ervas de sabugueiro e pediu para que fizesse um chá.



O produto era muito barato, custando apenas 50 centavos, o que deixou o pai muito bravo, pois ela não havia se curado com remédios caros e apenas um chá... Em poucos dias, a menina estava curada! E como esta história, dezenas foram lembradas por ele.

Miguel foi farmacêutico de Oswaldo Samuel Massei, Anacleto Campanella, Moacyr Rodrigues, Brasília Rossetti, Ettore Dal'Mas, Luiz Rodrigues Neves e outros tantos que confiavam no seu trabalho.

Lembra-se, com saudades, dos médicos que aviavam receitas para que eles as manipulasse, dentre eles Souza Voto, Nelson Penteado, Ângelo Zambom, Abib João Kirche e Reinaldo Quaresma.

Miguel Miron mora na rua Dr. Pinto Ferraz. Tem quatro filhos, seis netos e cinco bisnetos.

O que mais o faz feliz é lembrar-se das centenas de pessoas que se curaram com o resultado de suas manipulações ou das suas pequenas receitas que curavam.

Quem não sente saudades de um farmacêutico de família?

Textos dos setores de difusão cultural e pesquisa histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Primeiro encontro da família Pietro Antonio Braido



No dia 16 de agosto de 2008, aconteceu o primeiro encontro da família Pietro Antonio Braido, com a presença de todos os seus descendentes, de diversas gerações. O encontro foi organizado por Maria Alice Molinari Dechiare, bisneta de Pietro, e realizado na fazenda de um dos netos de Pietro, na cidade de Cerquilha, Estado de São Paulo.

Pietro Antonio Braido nasceu em Cordignano, na província de Treviso, Itália, em 31 de julho de 1887. Filho de Giovanni Natale Braido e Ágata Coan Braido, veio ao Brasil com seu pai após o falecimento de sua mãe, aos 21 anos de idade, somente dois meses após seu nascimento.

Chegou a São Caetano do Sul em 1888, onde cresceu e se casou com Maria Carmela Fiorot Braido, filha de um dos casais fundadores de São Caetano do Sul, Luigi Fiorot e Rosa Zanette Fiorot, também de Cordignano. Pietro e Maria tiveram sete filhos: Ágata Braido, que faleceu ainda bebê, Agueda Braido Molinari, hoje com 93 anos, Renato Braido, falecido, Laura Braido Rapuano, falecida, Geraldo Braido, hoje

com 84 anos, Valdemar Braido, falecido, e Rosa Braido Rapuano, hoje com 80 anos.

Trabalhou em diversas olarias até ter a sua própria. Depois comprou um armazém de secos e molhados no bairro da Fundação.

Esta história - de grandes dificuldades, muita luta, mas, acima de tudo, muito trabalho, honra e dignidade - foi o que motivou a realização deste primeiro de muitos encontros desta família.

A festa foi recheada de atrações e muita história o dia todo, com uma bela missa celebrada em italiano na capela da fazenda pelo padre Monsenhor Noé Tamai, que veio de Treviso, Itália, e brindou o evento com sua presença. A comemoração também teve muita música italiana com o maestro Carlos Bonani, além de uma rica árvore genealógica com mais de 200 pessoas, com datas que remontam a 1600, feita por Maria Alice Molinari Dechiare, bisneta de Pietro, e seu marido Roberto Dechiare Junior, com auxílio do Monsenhor.

Na festa estavam presentes várias gerações da família de Pietro e Maria Carmela, desde seus três filhos ainda vivos, até netos, bisnetos, tataranetos e até tetrane-tos.

Foi um dia de muita alegria e união, que inspirou em todos os presentes sentimentos de muita harmonia, alegria e confraternização e que, com certeza, se repetirá nos próximos anos. Este foi o belíssimo legado de Pietro Antonio Braido e Maria Carmela Fiorot Braido (*Maria Alice Molinari Dechiare*).

Natal de pau!

Na edição 30 de *Raízes*, de dezembro de 2004, tivemos a oportunidade de contar a história de uma das pessoas mais idosas de São Caetano: o senhor Primo Mariani, atualmente com 108 anos, completados em boa saúde, graças a Deus.

Naquele artigo, praticamente uma autobiografia, uma vez que meu pai havia narrado a maior parte de sua longa trajetória de vida, está citada uma de suas maiores e melhores aptidões: trabalhar com madeira. Profissionalmente, ele passara pelos caminhos da carpintaria, marcenaria, modelação, sempre trabalhando na conformação da madeira.

Quem o viu fabricar portas, janelas, armações de telhado, escadas e, depois, modelos para fundição de peças, poderia ter notado o capricho com o qual ele manuseava os mais diversos tipos de madeira, mas poucos chegaram a notar os traços de um verdadeiro artesão.

Isso se deveu ao fato de que ele somente revelou a sua arte em madeira para duas pessoas privilegiadas, por pouco tempo e sempre na mesma época do ano. As duas pessoas afortunadas eram meu amigo Luiz Cláudio e eu. O curto período correspondeu à nossa infância na rua Ceará, bairro da Fundação. E vocês já devem ter adivinhado que a época do ano era o Natal.

Meu pai bolava brinquedos em madeira meses antes das festas de final de ano e confeccionava-os aos pouquinhos, no horário do almoço, na fábrica onde trabalhava sempre com todo o esmero com que Deus dotou as suas mãos.

Ele fazia isso juntando criatividade - devia ser diferente daquilo que era comum, uma arte. Havia detalhes do mais puro artesanato e sensibilidade, afinal, o brinquedo precisava agradar, pois era o único presente de Natal. Aí eu diria que não era bem a necessidade de agradar, mas sim pelas necessidades que passávamos naquela época e o dinheiro não permitia comprar presentes.

Lembro-me da agradável sensação proporcionada pela abertura do famoso pacote com o presente de Natal. Era a mistura perfeita: ansiedade, curiosidade, adivinhação, surpresa, deslumbramento e, até mesmo, orgulho!

Um caminhãozinho feito pelo senhor Primo tinha requintes que beiravam a perfeição. Os faróis eram modelados de forma a imitarem, em detalhes, os originais que se viam nos caminhões de verdade e, ainda por cima, era pintada com tinta prata. O efeito de uma luz batendo sobre a superfície pintada dos faróis causando reflexo era uma novidade e tanto para aquela época.

Natal, para o meu amigo e para mim, era o dia de sairmos orgulhosamente pela rua Ceará desfilando nossos brinquedos, nossos caminhões que ninguém mais possuía e que, naquela riqueza de minúcias e dedicação, jamais seriam produzidos pelas indústrias de brinquedos. Que saudades do tempo em que orgulho e Natal eram simplesmente de pau!

Natal, para nós crianças, era um brinquedo feito *de e com* amor!

Quermesse

Uma olhadinha saudosa em nossa infância e todo mundo se lembra das quermesses da nossa igreja, do nosso bairro, da nossa cidade.

Pois é, no bairro da Fundação não era diferente. Todo ano, na festa do padroeiro São Caetano, tínhamos a tão esperada quermesse. Montavam-se as barracas com todo o capricho, e cada grupo aguardava que sua barraca ganhasse destaque como a mais bem decorada ou como a que tivesse arrecadado mais dinheiro.

Antes de continuar as reminiscências acerca da quermesse, seria bom lembrar duas origens: a da palavra e a da festa. A palavra quermesse é de origem flamenga (*kerkmesse*), derivou para o francês (*kermesse*) e daí para o termo em português. Se fizéssemos uma tradução literal, com os termos *kerk* (igreja) e *messe* (missa), ela resultaria em *missa da igreja*. Assim sendo, a origem da festa só podia mesmo ter raízes na tradição da religião católica, pela qual se comemorava a festa do santo padroeiro da paróquia ou o aniversário de fundação da igreja.

Mas, no Brasil, as quermesses também ganharam espaço junto às festas juninas, com barracas de tómbola (bingo), argola, pesca, tomba-lata, leilão de prendas, do coelhinho ou cobaia, além das destinadas às bebidas e comidas típicas.

Agora voltemos às quermesses do bairro da Fundação, ou seja, da Paróquia de São Caetano, a Matriz Velha. Quando eu era criança, lá na Matriz Velha a quermesse era feita no largo da igreja, hoje

praça Comendador Ermelino Matarazzo. Havia muitas barracas, muita gente trabalhando nelas e toda a população do bairro estava presente.

Dentre as barracas destinadas às brincadeiras, uma tinha o formato de uma mini-cadeia. Apesar do aspecto de prisão, na verdade aquele local poderia se tornar o mais romântico da quermesse. Ali se aprisionavam, de maneira temporária, as moças que os jovens apaixonados e anônimos pagavam para que elas fossem para a cadeia, como forma de avisá-las de seu amor oculto e, em seguida, revelado, no momento em que o candidato a namorado pagava para soltar a sua paixão da cadeia. Logicamente, a brincadeira também valia vice-versa, ou seja, as moças mandando os jovens para a prisão.

Os jovens criavam coragem bebendo quentão e as moças criavam coragem com o rosto *quentão*, isto é, vermelho de vergonha. Mas uns e outras não perdiam a chance de se declararem apaixonados, ainda que timidamente. Apesar de, para isso, existir o correio elegante, através do qual os jovens podiam mandar recados amorosos pelo serviço de alto-falantes (qualidade de som fantástica!). A brincadeira da prisão também se prestava muito bem a essa finalidade.

Naquela noite fria de um sábado de agosto, o jovem enamorado Antonio foi à quermesse predisposto a se declarar a uma das moças mais bonitas da festa e da cidade. Não sei quanto tempo ele terá levado arquitetando um plano eficaz para a abordagem. Mas, talvez depois de muito

pensar, ele decidiu que a barraca da cadeia seria a arma de ataque ou a flecha de cupido. E o plano era simples: Antonio comprou duas fichas e deu ao seu melhor amigo Pedro. Uma serviria para mandar Antonio para a cadeia; a outra, Pedro daria à eleita do coração de Antonio, convencendo-a de que deveria libertá-lo logo em seguida.

Os dois estavam na quermesse praticamente desde o começo, esperando a Cinderela chegar, e, como não eram de ferro, enquanto aguardavam, a melhor coisa para se fazer em noite de frio era tomar o delicioso quentão. A expectativa crescia à medida que o tempo passava. Para Antonio, havia a ansiedade de ver chegar a tão sonhada e oculta amada; para Pedro, a curiosidade de saber quem era a tal moça maravilhosa, de quem Antonio nem sabia o nome.

Quentão vai, princesa não vem; quentão vem, donzela não chega, até que, finalmente, ao longe, na rua Vinte e Oito de Julho, surge esvoaçante, por causa daquelas saias rodadas de antigamente, a menina dos olhos de Antonio. Ele e Pedro, mais alegres pelo excesso de quentão do que pela chegada da moça, se adiantam ansiosos para vê-la mais de perto. E, de repente, se estabelece um claro contraste entre as fisionomias de Antonio e de Pedro. Antonio estava feliz, radiante e certo de que aquela noite seria inesquecível. Pedro sorria por fora, se angustiava por dentro e não estava muito certo de como seria lembrada aquela noite.

Êta mundo pequeno! Pois é, o nome da moça era Leila e, pura e simplesmente, Pedro era, há muito tempo, gamado na tremenda gata, como se diz em linguagem recente. Naquele tempo, ele era fascinado pela brejeira donzela.

Antonio não entendeu por que Pedro insistia em beber mais quentão e se recusava a iniciar logo o plano combinado. Na verdade, o coração de Pedro

ficara muito mais apertado do que o do Antonio, e ele ainda não sabia bem o que fazer naquelas circunstâncias.

Finalmente, incitado pelo impaciente amigo, Pedro decide fazer apenas o que o Antonio lhe pedira. Vai com ele até a prisão paga com a ficha e lá deixa trancado o antes amigo, agora rival. Antonio também não entendeu por que não vinham soltá-lo da cadeia. E mais: não dava para entender por que, enquanto estava preso, a irmã de Pedro, Lúcia, por sinal feiosa, veio trazer vários quentões para Antonio.

Antonio, já chateado e desnor-teado, clamava desesperadamente por Pedro, enquanto ia bebendo os quentões para ver se aliviava a frustração.

Se este texto, ao invés de crônica, fosse novela da Globo, poderia ter vários finais diferentes, mas, como estamos falando de realidade, temos a única conclusão verdadeira do barraco armado na barraca da quermesse.

Pedro comprou várias fichas e encarregou a irmã de levar quentões ao Antonio na prisão. Enquanto isso, Pedro saiu da quermesse para levar Leila para casa, terminando por conquistar a Cinderela de Antonio.

Este foi libertado mais tarde por Lúcia, que lhe contou o que acontecera. Amigos, nunca mais; cunhados, sim.

Leila casou-se com Pedro cuja irmã Lúcia casou-se com Antonio.

Final “dechifrado”: a bela Leila prendeu Pedro em casa e fugiu com o chefe dele para nunca mais voltar. A Leila era bonita por fora.

Final feliz: a feiosa Lúcia tornou o Antonio um marido realizado, como prendada esposa e dedicada mãe de quatro meninas e três meninos. A Lúcia era bonita por dentro. Pois é, e tantos filhos quanto os quentões da quermesse.

(*João Tarcísio Mariani*)

“A esterilidade das árvores frutíferas”

“**A**chávamo-nos pelos lados da Vila Barcelona, em visita a uma família, num dia dessa semana, e, em meio da conversa, que decorria animada entre todos, obtivemos material suficiente para este necessário desabafo.

Entre os presentes, achavam-se três moradores antigos de São Caetano, desses poucos remanescentes daquele grupo de feitos já merecidamente decantados como fundadores desta linda cidade.

Após inúmeros assuntos serem dissecados, esmiuçados, veio à baila o tema mais doloroso para um veterano de São Caetano: a esterilidade das árvores frutíferas.

‘Oh! Que saudades’- dizia um ancião encanecido, entre suspiros. ‘Quando me lembro que cheguei a recolher carroçadas e carroçadas de pêras, todos os anos, tantas que davam para vender e ainda para engordar centenas de porcos, sinto até vontade de morrer.’

‘Agora, saio ao meu quintal e nem pereiras mais vejo, porque fui obrigado a cortá-las.’

Nesse ponto da conversação não nos foi mais possível conservar silêncio e falamos: ‘Bem, o senhor não tem mais pereiras porque construiu. Arrancou árvores e plantou paredes, não é verdade?’

‘Qual o quê, menino’, observou o velho, ainda suspirando. ‘A construção que fiz é recente e a derrubada já data de quinze longos anos. Você é criança, não chegou a conhecer São Caetano como celeiro que foi.’

‘Mas então, por que o senhor cortou as árvores?’

Um velho que até então se conservara queto, entrou na conversa e asseverou que também fizera o mesmo, que sua horta havia sido há muito abandonada. Isto tudo por causa dos ácidos que nossas fábricas lançam no espaço.

Tristes, macambúzios, os três

velhos se recolheram ao silêncio, recordando, revendo saudosos suas árvores com as safras pendentes, suas hortas verdes, lindas produzindo tudo com abundância.

A cena produziu em nosso espírito um efeito, para nós, até então desconhecido.

Nossas lides escolares, nossos afazeres, nossas preocupações próprias da idade, até bem pouco tempo, impediram-nos de pensar, de atentar para essas cousas.

Data da fundação do ‘Jornal de São Caetano’ o início de nossas pesquisas e atividades no sentido de fazer qualquer coisa em prol da nossa cidade. Daí, o não termos ainda observado que, de fato, velhas residências, mormente na parte chamada de São Caetano antigo, se desfizeram de seus pomares, relicários de saudades para aqueles que os plantaram e ainda vivem por aqui.

Os ouvirmos as lamúrias dos velhos habitantes, sentimos em nosso ser um calafrio quente, porque veio repassado pelo fogo da revolta contra todos os que contribuem para tal estado de cousas em nossa terra.

‘Que pecado, que pecado’ - diziam os velhos. O ácido come, queima tudo, parece fogo.’

‘Enfim’ - monologavam resignados – ‘não há remédio, poderíamos, hoje ainda, estar com as nossas hortas e pomares, mas, não teríamos essa grandeza que constitui o nosso orgulho. Esse já famoso parque industrial.’

E assim dizendo, um dos anciãos, ainda com os olhos marejados de lágrimas levantou-se e, ato contínuo deu por terminada a visita, retirando-se. Temos plena certeza que foi chorar, porque sua emoção era visível, muito grande, grande demais para a sua existência já enfraquecida.

Os demais circunstâncias mudaram de assunto e, logo mais, ninguém se

lembrava da cena, pelo menos aparentemente. Para nós, ficará indelével em nossa retina, o aspecto doloroso das contrações do rosto daquele respeitoso cavalheiro.

Recolhemo-nos à noite, ainda sob aquela impressão e não nos foi possível conciliar o sono. Vimo-nos num São Caetano quase lendário, invejado e combatido pela pujança e beleza. Tivemos ímpeto de sair à rua em busca dos poderes públicos e bradar: ‘Senhores do poder, vide a incúria de vossas providências, a que estado reduziu nossa terra.’

Não somos retrógrados, não condenamos o progresso. Não julguem que preferíamos as pereiras, as hortas, às fábricas. Nunca. Apenas desejaríamos as duas coisas, porque a indústria moderna tem seu aparelhamento próprio e, todos esses males que nos afligem poderiam ser evitados. Existem redes para a detenção de fagulhas, cinzas, etc, existem aparelhos para absorver ácidos que, aqui, são criminosamente encaminhados aos pulmões.

As leis municipais não falam somente de arrecadação fiscal, engorgitamento dos cofres, perseguição aos pequenos. Mandem os códigos, na parte referente à saúde e higiene, que se preveja tudo isso.

Ainda que os códigos fossem omissos nesse tocante, deveria existir um coração pulsando em cada peito, um coração que soubesse ter dó dos que sofrem, minorando-lhes a dor, o que para os que tudo podem, seria obra de relativa facilidade.”

*(Crônica transcrita na íntegra,
Jornal de São Caetano,
8 de dezembro de 1946,
Matéria de Escarlata)*

Coleções Mário Porfírio Rodrigues e Mário Dal'Mas

O Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória recebeu neste ano a doação de dois importantes conjuntos documentais, provenientes de Mário Dal'Mas e de Mário Porfírio Rodrigues, personagens de destaque em São Caetano do Sul. As duas coleções apresentam centenas de imagens fotográficas que retratam o desenvolvimento da cidade e a participação dos personagens em importantes eventos históricos. Todas as imagens foram identificadas junto à equipe do Centro de Documentação e estão disponíveis para consulta.

Coleção Mário Porfírio Rodrigues



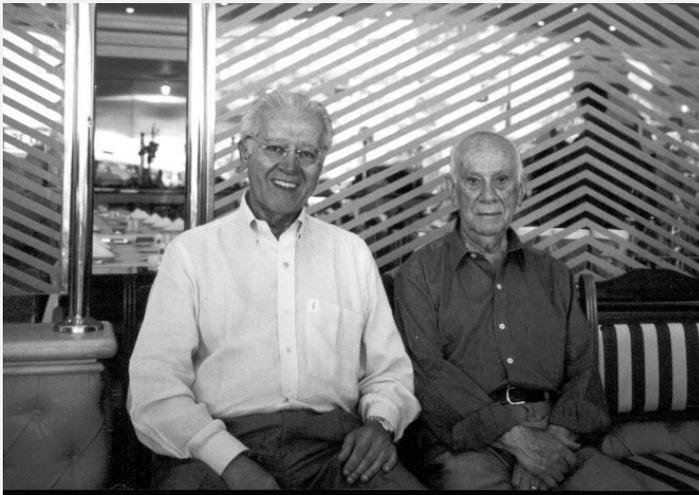
O Rotary Club de São Caetano do Sul, presidido por Mário Porfírio Rodrigues (1953-1954), recebeu a visita de dois ex-presidentes do Rotary Internacional, Armando de Arruda Pereira (1940-1941) e Charles L. Wheller (1943-1944), e do ex-governador Adalberto Bueno Neto e sua esposa Elza (1949-1950), que aparecem na foto junto com o presidente do RC São Caetano do Sul



Jornalista Domingos Antonio D'Angelo Neto e Mário Porfírio Rodrigues estudam detalhes do lançamento da edição nº 1 do Jornal de São Caetano. Foto tirada em maio de 1946



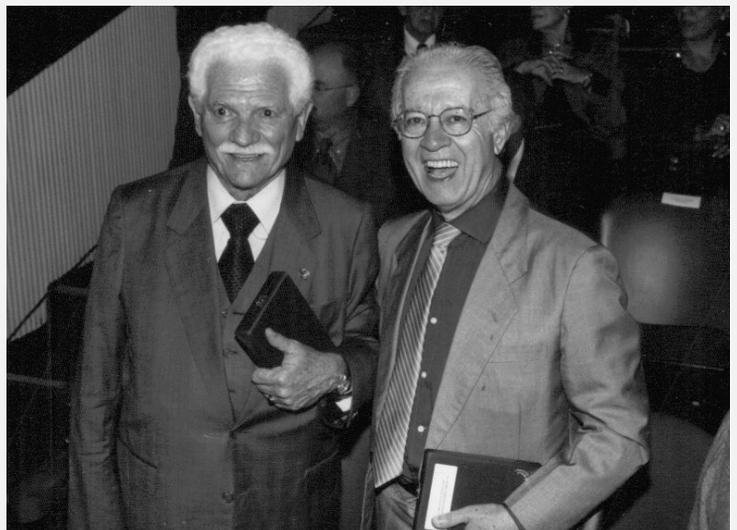
Em 1º de dezembro de 1962, realizou-se na Câmara Municipal de São Caetano do Sul sessão solene de entrega de títulos de cidadãos sul-sancaetanenses. Foram identificados, da esquerda para a direita: Ivanhoé Spózito, Jayme da Silva Reis, Mário Porfírio Rodrigues, Hermógenes Walter Braido, Ângelo Raphael Pellegrino



*Almoço dos autonomistas
realizado em
22 de outubro de 2000
na churrascaria Grill 2000.
Da esquerda para a direita:
Mário Porfírio Rodrigues e
Luiz Rodrigues Neves*



*Solenidade do Rotary Club
de São Caetano do Sul realizada
no Clube Comercial, Edifício Vitória,
em 1955. Da esquerda para a direita:
Adauto Cleto Campanella,
Anacleto Campanella,
Mário Porfírio Rodrigues e
Edmundo Guzzo*



*Comemoração do Cinquentenário
da Autonomia (1998). Da esquerda
para a direita: Mário Dal'Mas e
Mário Porfírio Rodrigues*

*Inauguração da sede social da
Associação Cultural e Artística de
São Caetano do Sul em
28 de junho de 1962,
na rua Baraldi, Edifício Vitória.
Foram identificados: João Dal'Mas,
Mário Dal'Mas e
Anacleto Campanella*



Sessão solene de inauguração do Teatro A Turma no Edifício Del Rey, na rua Baraldi. Da esquerda para a direita: Milton Andrade, Oscar Garbelotto, Cláudio Musumeci, Mário Dal'Mas, Hermógenes Walter Braido, Rafael Daniel Filho e Josmar Martins



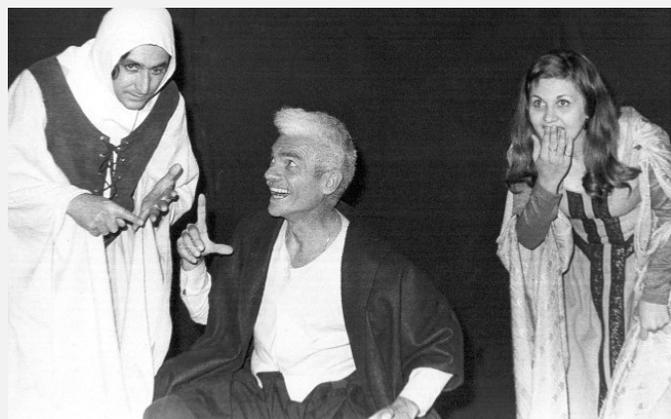
*Ano de 1943.
Jogo do Cruzada Esporte Clube X Rio Branco,
placar 3x2 para o Cruzada.
Foram identificados,
da esquerda para a direita, em pé:
4º) João Garbelotto.
Agachados:
8º) Luiz Perrella,
12º) Mário Dal'Mas*



Flagrante da peça A Ceia dos Cardeais, de Júlio Dantas, encenada em 13 de julho de 1963. Da esquerda para a direita: Waldemar Gianotti, Nelson Infanti e Serqueira Telles



Elenco da peça O mundo não me quis, apresentada no dia 2 de março de 1963 no Teatro Santos Dumont. Da esquerda para a direita: 1º) Izolda Spinello, 3º) Paulo Tachinardi Domingues, 5º) Milton de Moraes, 7º) Luciano Strufaldi, 11º) Roque Maria, 12º) Edna Sturian, 13º) Mário Dal'Mas, 15º) Armando Lopes, 16º) Ariosto de Oliveira e 17º) Pedro Pardo Oller (diretor da peça)



Encenação da peça A farsa de Inês Pereira, apresentada em 1970 no Teatro da Fundação das Artes. Ao centro, Mário Dal'Mas



Altair Figueira foi o segundo cabeleireiro feminino da cidade. Depois de trabalhar 16 anos com a família Farina, montou seu próprio salão. Na foto, com sua esposa, Tereza Cavana Figueira



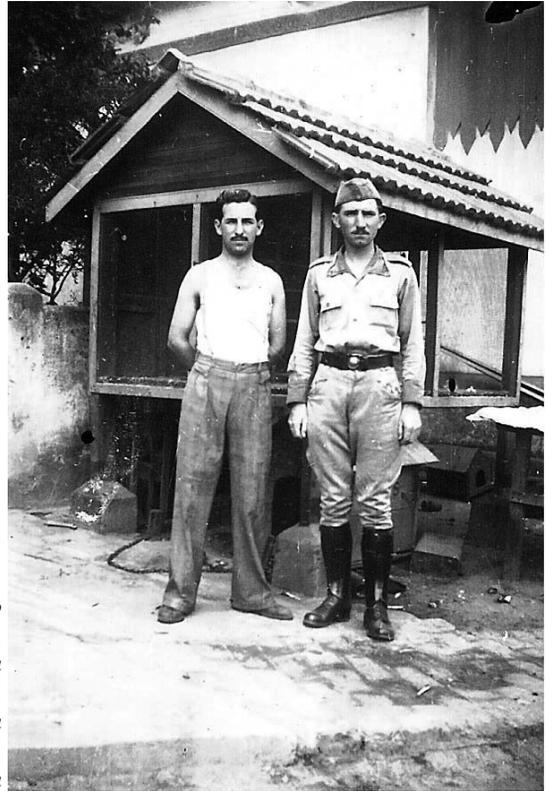
Depósito de madeiras em toras localizado no antigo terreno da família Dall'Antonia, entre as ruas Amazonas, Niterói e Santa Rosa. Na foto de 1954 vemos as seguintes crianças, da esquerda para a direita: (?), Milton Mônaco, Edson Mônaco e Selma Ferrante Baena



Reunião dos diretores das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo realizada em maio de 1939 no pátio da fábrica do bairro da Fundação. Dos 27 diretores, 21 eram italianos, sendo apenas três mulheres. Os nomes e números aparecem na foto onde destacamos o nº 17, no centro atrás, Accácio Novaes, responsável pelo departamento de pessoal e primeiro presidente da Câmara Municipal, empossado em 3 de abril de 1949. Vemos na foto: 1º) Eng. Mazetti, 2º) Sra. Mazetti, 3º) Srta. Angélica, 4º) Gino Ghiaccola, 5º) Dr. Blauc, 6º) Luiz Colombo, 7º) Antonio Breda, 9º) Sr. Bregueuser, 9º) Sr. Saubérlli, 10º) Francisco Menegollo, 11º) Kyzçunu, 12º) Sr. Alexandre Hurce, 13º) Dr. Kreppe, 14º) Eng. Mariu, 15º) Sr. Cervone, 16º) Sr. Paulo Oltini, 17º) Sr. Accácio Novaes



Em 1º de maio de 1982 houve a comemoração dos 90 anos da vovó Philomena Domingos Perrella, com genros e noras. Vemos, da esquerda para a direita: Ardito Benini, Rosina Nicoletti Perrella, Serena Moretti Perrella, Palmira Vesalli Perrella, Andréa Perrella Neto, Aracy Tognelli Perrella (no meio) e, sentada, Philomena Domingos Perrella



Olaria de João Domingos Perrella, localizada na rua Maximiliano Lorenzini, 127 (atual). Vemos na foto, de uniforme, Oswaldo Perrella



Professoras aposentadas da CABANA - Colegas Amigas Bem Vindas Abraçam Novas Atitudes, na comemoração do 25º aniversário de sua fundação, realizada no dia 25 de junho de 2008



Funcionárias da Casa Bandeirante, em foto de maio de 1958. Da esquerda para a direita: Naida, Maria Joaquina, Darci e Cleonice



Piquenique entre amigos de São Caetano, na década de 1940. Foi identificado Lívio Nichele (de chapéu), que morava na antiga rua Alfredo Fláquer, 50, atual rua Herculano de Freitas, no bairro da Fundação



Jantar de encerramento da gestão de Dolores Massei à frente da Associação de Proteção e Amparo à Maternidade e à Infância (Apami), em 1961. Dolores é a quarta, da esquerda para a direita, da fileira à esquerda. Nessa fileira, foi identificada também Mafalda Lorenzini (a sétima, da esquerda para a direita). Na fileira situada do outro lado da mesa, foi identificada Ofélia Barile (de vestido estampado)



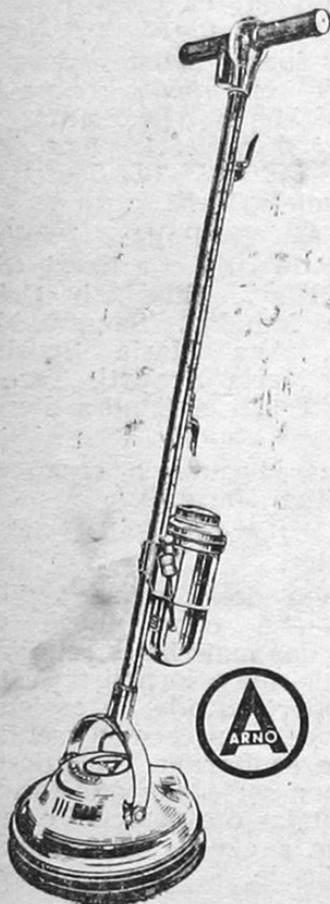
Antonio Caparrós Guevara (primeiro, à esquerda) com os amigos Pepe Arrebola, Marcial Canteras e Antônio Arrebola, por ocasião da festa de casamento de Lila Caparrós, realizada no dia 13 de setembro de 1952, no São Caetano Esporte Clube



Jantar de confraternização do Lions Club-Centro, no final da década de 1970. Da esquerda para a direita: Noêmia Crepaldi, Dora Cipullo, Cleusa Inês de Souza e Ivete Marsílio Sperate

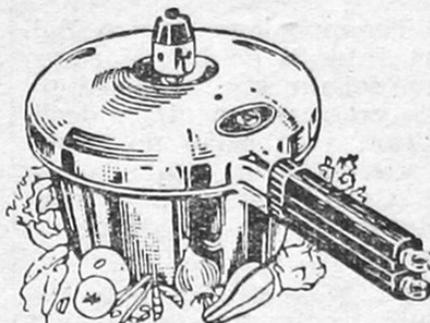
OS MELHORES PRODUTOS DO MERCADO, PELOS MENORES PREÇOS

**ENCERADEIRA
ARNO**



PRÁTICA!
PERFEITA!
EFICIENTE!
MODERNA!
SILENCIOSA!
RESISTENTE!
RÁPIDA!
MOTOR UNIVERSAL!
ACIONAMENTO POSITIVO!
SEM CORREIAS!

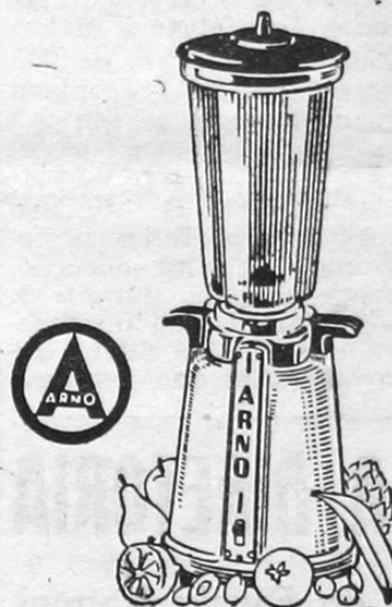
**PANELA EXPRESSA
ARNO**



Construção robusta, fundida sob pressão em liga especial de alumínio...

Dispositivos especiais garantem máxima perfeição e segurança de funcionamento... Com manômetro, mostrando as pressões a serem usadas. Manejo fácil! Econômica! É do tipo que se vende em todo o mundo... mais que todas as outras juntas!

**LIQUIDIFICADOR
ARNO**



Motor universal, super-resistente. Formato especial do vidro para obter a melhor mistura. Maior número de rotações. Isolação especial para choques. Exclusivo: além do vidro, os alimentos só entram em contato com AÇO INOXIDÁVEL! Base fundida numa só peça para evitar vibrações. Tampa de borracha sintética e inodora, com sobre tampa central, que possibilita adicionar ingrediente sem desligar o aparelho!

Distribuidores



Santo André

Rua General Glicério, 61

Perto da Estação

RUA BARALDI, 847

LARGO DA MATRIZ

São Caetano do Sul

Irmãos Del Rey - Jornal de São Caetano, 14 de abril de 1954, ano VIII - nº 415

E X P O S I Ç Õ E S

Tridimensionais

29 de maio a 31 de julho

A Pinacoteca Municipal, em parceria com a Diretoria de Cultura, inaugurou a exposição *Tridimensionais*, no Atende Fácil, o mais novo espaço de atendimento da Prefeitura.

A mostra apresentou esculturas dos artistas Dirceu Santo, Eduardo Garudah, J. Garbin, Lucio Bittencourt, Olinda Metran e Tony Gonzagto, que utilizam diversos materiais como papel, metal, sucata, cerâmica, tecido e madeira.

**Kanpai!****O Centenário da Imigração Japonesa no Brasil**

12 de junho a 24 de julho

A palavra japonesa *kanpai* significa viva! E nada melhor do que uma aclamação para expressar a homenagem aos 100 anos da chegada do povo nipônico ao Brasil e, especialmente, aos japoneses que chegaram a São Caetano na década de 1920. A exposição *Kanpai! O Centenário da Imigração Japonesa no Brasil* foi a homenagem do Museu Histórico Municipal.

Com a colaboração da comunidade japonesa local, o museu reuniu quimonos, lanternas, bonecas, objetos decorativos, peças de uso doméstico e pessoal. Alguns objetos foram trazidos pelas famílias quando vieram para o Brasil.

Complementaram a mostra 15 painéis produzidos e cedidos pelo Memorial do Imigrante, que apresentam textos e imagens da trajetória da imigração japonesa no Estado de São Paulo. Quando chegaram ao Brasil, os imigrantes japoneses foram para o interior do Estado para trabalhar, principalmente na cultura de café. Mas muitos deles



migraram para outras cidades, como as do Grande ABC, em busca de outras oportunidades.

Na abertura do evento, houve uma apresentação do grupo de dança folclórica

da terceira idade do Clube Gonzaga Nipo-Brasileiro, formado por 15 senhoras. Uma delas é a primeira nissei nascida em São Caetano, Sumie Toyoda, hoje com 81 anos.

Se essa rua fosse minha...

21 de junho a 22 de agosto



O desenvolvimento e a modernização de uma cidade podem ser observados em diferentes fatores, como nas alterações em sua paisagem urbana. A exposição *Se essa rua fosse minha...*, que ficou em cartaz no Salão de Exposições II da Fundação Pró-Memória, mostrou ruas, praças e avenidas de São Caetano em décadas diferentes, possibilitando a observação e a análise desta evolução.

A exposição contou com 28 imagens, das décadas de 1930 a 1970, de ruas de São Caetano. Os mesmos locais apareceram em outras 28 imagens, todas de 2008. Um olhar mais cuidadoso permitiu ao visitante perceber alterações na paisagem, como o aumento da quantidade de prédios, a urbanização, o paisagismo e os estilos arquitetônicos de cada época.

Selos do Brasil e do mundo

18 de agosto a 14 de novembro

Depois de mostrar coleções de cartões-postais, cédulas e moedas, o Museu Histórico Municipal de São Caetano apresentou uma coletânea de selos na exposição *Selos do Brasil e do mundo*, com cerca de 7 mil peças. Selos nacionais e internacionais estamparam vitrines e painéis do museu, com amostras do Brasil e de países como Cuba, Venezuela, China, Coréia, Nicarágua, Panamá, Espanha, Trinidad e Tobago, entre outros.

Toda a coleção de selos foi empréstimo de Alexandre Zevzikovas, morador de São Caetano e colecionador. Além de tentar despertar na população o interesse pelo colecionismo, a mostra teve o objetivo de incentivar a nova geração a escrever cartas.

Destaque para selos originais datados da década de 1930. Havia cópias do primeiro selo do mundo, o *penny black*, lançado na Inglaterra em 6 de maio de 1840, e da primeira série de selos brasileiros, lançada em 1843, denominada Olho-de-boi. O Brasil foi o segundo país do mundo a adotar o selo postal.

A ECT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos) participou com a exposição *História das Copas*, composta de seis cartazes que comemoram os 50 anos da conquista da Copa do Mundo pelo Brasil. Outro objetivo da mostra foi divulgar o projeto *Correios nas Escolas*, desenvolvido pelos Correios para incentivar o uso dos selos postais como recurso didático.





Pátria, honra e cidadania: o Tiro de Guerra em São Caetano do Sul

24 de agosto a 26 de setembro

A Fundação Pró-Memória participou das comemorações do Dia do Soldado (25 de agosto) do Tiro de Guerra 02-069 com a exposição fotográfica *Pátria, honra e cidadania: o Tiro de Guerra em São Caetano do Sul*.

Oito painéis, instalados nos corredores do quiosque principal do Espaço Verde Chico Mendes, apresentaram imagens antigas e atuais de atividades, campanhas e trabalhos desenvolvidos pelo Tiro de Guerra da cidade.



Restaurando o Passado

10 de setembro a 14 de novembro

O projeto *Restaurando o Passado*, criado pela Fundação Pró-Memória com o objetivo de não deixar que a ação do tempo destruía recordações importantes, registradas nas fotografias de seu Centro de Documentação Histórica, virou exposição. Com o mesmo nome do projeto, apresentou 27 painéis com fotografias restauradas digitalmente, no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes.

Aquarela Internacional São Paulo 2008

13 de setembro a 28 de novembro



Quatro exposições e quase 200 artistas do Brasil e do mundo. Trata-se do evento *Aquarela Internacional São Paulo 2008*, idealizado pelo Núcleo de Aquarelistas da Fasm (Faculdade Santa Marcelina) e pela Aba (Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel). Duas das exposições foram realizadas na Pinacoteca de São Caetano, que reabriu seu espaço expositivo depois de sete meses em reforma.

A *Aquarela Internacional São Paulo 2008* deu continuidade à 1ª *Quadriennial Internacional de Aquarela*, premiada em 2003 como “Melhor Ação Cultural em Artes Plásticas” pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

Sede das mostras nacional e internacional, a Pinacoteca também foi convidada a cuidar da curadoria da exposição das obras de artistas estrangeiros, que ficou sob responsabilidade de Neusa Schilaro Scaléa, sua coordenadora.

Pela primeira vez, a Pinacoteca recebeu uma mostra internacional. De seis países vieram obras de 16 artistas: Isabel Beatriz Civit (Argentina); Javier Fernandez (Bolívia); José Francisco Rams (Espanha); Chris Crossen, Roger Withlock e Michael Crespo (Estados Unidos); Ângelo Gorlini, Enrica Amelotti, Giulio Siorpae, Giulia Pitacco e Roberto Mazzetto (Itália); Consuelo Moros, Beyla Medina, Doris Raecke, Eglée Manzo

Traviero e Milagro Perez Alonso (Venezuela).

Ainda no espaço expositivo da Pinacoteca, mas sob curadoria de Elvira Vernaschi, presidente da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte), estava a mostra nacional, denominada *Aquarelas do Brasil*. Eram 68 obras, de 19 artistas brasileiros convidados, como Alex Cerveny, Ayao Okamoto, Cildo Oliveira, Coca Rodriguez, Ermelindo Nardin, Flávio Tavares, Guilherme de Faria, Jacques Jesion, Jorge Henrique, Leo Brizola, Luis Castañón, Márcia Kikuchi, Maria Tomaselli, Marta Penter, Rosalia Lerner, Rubens Ianelli, Sara Goldman-Belz, Takashi Fukushima e Tuneu.

Havia ainda seis obras da artista plástica Iole Di Natale. Coordenadora do Núcleo de Aquarelistas, gravadora, desenhista, aquarelista e professora de gravura na Fasm, Iole é a artista homenageada do evento.



1º Encontro de Ações Educativas e Culturais nos Espaços Expositivos do Grande ABC

16 e 17 de junho



A Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul, em parceria com a Diretoria de Cultura, promoveu o *1º Encontro de Ações Educativas e Culturais nos Espaços Expositivos do Grande ABC*, no auditório do Atende Fácil.

Voltado a profissionais da área de museus e demais espaços expositivos, e também a pedagogos e professores, o encontro promoveu troca de experiências, informações e inovações no campo da Arte-educação.

O evento contou com uma palestra de Elly Perez Ferrari, especialista em Didática no Ensino Superior e em Organização de Arquivos, mestre em Artes e doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo. Atualmente, Elly é coordenadora do serviço educativo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Atuando na mesma área, passou pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, pelo Museu de Arte Contemporânea e pela Pinacoteca do Estado.



Raízes 37

24 de julho

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul lançou o 37º número da revista *Raízes* no Clube Recreativo Esportivo Gonzaga Nipo-brasileiro, em clima totalmente oriental. Fazendo parte das comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, o evento de lançamento teve decoração típica japonesa,

repcionistas a caráter e a apresentação do grupo de taikôs Shinkyô Daiko, de São Bernardo do Campo. Ainda para homenagear a colônia japonesa, a Fundação Pró-Memória lançou um selo e um carimbo comemorativos, que todos receberam em um cartão-postal.

O *Dossiê*, principal seção da revista, teve como tema a imigração japonesa. Com foco na presença da comunidade japonesa em São Caetano, a publicação retratou alguns personagens locais, suas histórias de vida, e as associações nipobrasileiras localizadas na cidade.

Oficina Museus e Turismo

20, 21 e 22 de agosto



A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul promoveu, em parceria com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a oficina *Museus e Turismo*.

Com carga horária de 24 horas, a oficina teve como palestrante Maria Aparecida Magalhães, especialista em Turismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O programa da oficina incluiu

temas como a definição do Turismo como fenômeno econômico, espacial e social, a composição do produto turístico, o mercado turístico e a política nacional de museus e de cultura. Maria Aparecida também abordou assuntos como museus como destino de lazer e de turismo e políticas públicas de cultura e turismo. A oficina contou ainda com estudos de casos e uma visita técnica ao Museu Histórico Municipal.

60º Aniversário da Autonomia de São Caetano do Sul

19 a 23 de outubro



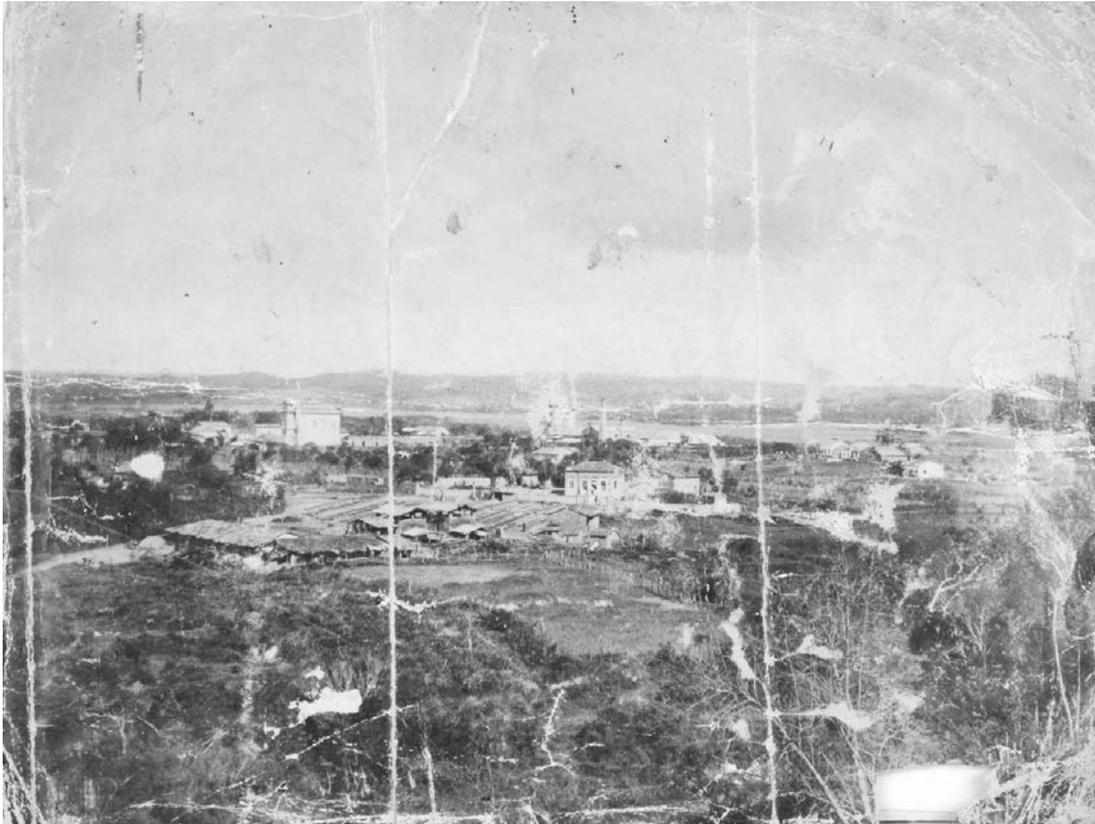
No dia 24 de outubro, São Caetano do Sul comemorou 60 anos de sua autonomia político-administrativa. Uma semana inteira de eventos marcou a importante data.

No dia 19 de outubro, houve uma missa de Ação de Graças, oficiada pelo padre Roberto Alves Marangon, da Igreja São Bento. A sessão solene da Câmara Municipal, com entrega de medalhas

comemorativas, aconteceu no dia 20. No dia 22, o autonomista Mário Dal'Mas fez o lançamento de seu livro, *São Caetano Sentimental*, na Academia de Letras da Grande São Paulo.

As comemorações foram finalizadas com apresentação da Orquestra Jovem da Fundação das Artes e uma exposição fotográfica sobre o movimento autonomista, no saguão da Fundação das Artes.

Restaurando o Passado



Para não deixar que a ação do tempo destrua recordações importantes, registradas em fotografias, a Fundação Pró-Memória lançou o projeto *Restaurando o Passado*. Atualmente, o acervo fotográfico do Centro de Documentação Histórica da instituição conta com cerca de 20 mil imagens, que vão do final do século 19 até a atualidade. Variado, o acervo apresenta registros fotográficos de famílias, estabelecimentos comerciais,

indústrias, paisagens urbanas, rurais e outros aspectos da cidade.

Dentro desse acervo, algumas imagens estão danificadas. Há casos de pedaços faltando em algumas fotografias, outras estão rasgadas, manchadas, dobradas ou apagadas. Isso é causado pela ação do tempo ou até mesmo pela má conservação. As técnicas de armazenamento utilizadas pela Pró-Memória conseguem conter a deterioração, mas



muitas fotografias já são doadas desta maneira.

Desde que iniciou seu trabalho na instituição, o fotógrafo e professor de fotografia digital, Augusto Coelho, está avaliando todo o acervo e fazendo uma seleção das fotografias que precisam de mais cuidados. As imagens selecionadas serão restauradas.

Com mais de 18 anos de profissão, Coelho já iniciou o trabalho de restauração digital em algumas imagens. O processo começa com a digitalização da fotografia. Depois, ela passa por análise

para identificação dos pontos a serem tratados ou reconstruídos.

As fotografias digitalmente restauradas ficarão disponíveis para pesquisas no Centro de Documentação Histórica. Os originais continuarão guardados e não sofrerão interferências. Um dos pontos positivos da restauração digital é que o original não será mais manuseado, o que colabora para sua preservação. O projeto *Restaurando o Passado* está preservando a essência e resgatando a beleza original das histórias e memórias de cada fotografia.

Conselho Editorial

O conselho editorial da Fundação Pró-Memória atua na seleção de artigos para a revista Raízes e outras publicações, discutindo temas relacionados à cidade e seus moradores e definindo critérios de publicação.



Glenir Santarneckchi



Clovis A. Esteves



Cristina T. de Carvalho



Humberto D. Pastore



Jocimara S. Figueiredo



Lilian Crepaldi



Maria Ap. M. Fedatto



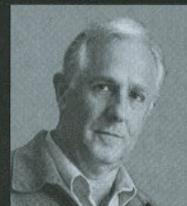
Mario Del Rey



Mário P. Rodrigues



Paula Fiorotti



Valdenizio Petrolli

Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural

A Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural de São Caetano do Sul colabora com a Fundação Pró-Memória nos assuntos relativos à defesa, preservação e valorização dos bens patrimoniais de caráter histórico e cultural do município.



Urames P. dos Santos



Clovis A. Esteves



Jussara F. Muniz



Cristina T. de Carvalho



Michelle A. Tito



Mário P. Rodrigues



Rogério Alvarenga



Teruo Fujita

Comissão de Análise de Doações da Fundação Pró-Memória

A Comissão de Análise de Doações da Fundação Pró-Memória se reúne periodicamente para avaliar critérios como historicidade e conservação de documentos e objetos tridimensionais doados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e ao Museu Municipal de São Caetano.



Clovis A. Esteves



Antonia D. Orcajo



Cristina T. de Carvalho



Michelle A. Tito



Regina Assoni



FUNDAÇÃO
PRO-MEMÓRIA

São Caetano do Sul